

FACULDADE CÁSPER LÍBERO

MESTRADO EM COMUNICAÇÃO

NARRATIVAS DA VIDA REAL E SIGNO DA COMPREENSÃO

Histórias de Vida

AGNALDO JOSÉ DOS SANTOS

São Paulo-SP — 2010

AGNALDO JOSÉ DOS SANTOS

NARRATIVAS DA VIDA REAL E SIGNO DA COMPREENSÃO
Histórias de Vida

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, área de concentração Comunicação na Contemporaneidade e Linha de pesquisa Produtos Midiáticos: Jornalismo e Entretenimento, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Comunicação, sob a orientação do Prof. Dr. Dimas A. Künsch.

Faculdade Cásper Líbero – Mestrado em Comunicação

São Paulo-SP — 2010

Dos Santos, Agnaldo José

Narrativas da vida real e signo da compreensão / Agnaldo José dos Santos -- São Paulo, 2010.

158 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Dimas A. Künsch
Dissertação (mestrado) – Faculdade Cásper Líbero, Programa de Mestrado em Comunicação

1. Comunicação. 2. Jornalismo. 3. Histórias de vida. I. Dos Santos, Agnaldo José. II. Faculdade Cásper Líbero, Programa de Mestrado em Comunicação. III. Título.

ATA DA BANCA DE DEFESA

Para Joaquim e Alice

Agradeço o carinho e os ensinamentos que me foram dados pelo meu orientador Prof. Dr. Dimas A. Künsch, aos professores do Mestrado da Faculdade Cásper Líbero e aos meus amigos do grupo de pesquisa “Comunicação, Jornalismo e Epistemologia da Compreensão”.

RESUMO

Esta dissertação aborda o signo da compreensão na construção de histórias de vida. A partir das reflexões do grupo de pesquisa “Comunicação, jornalismo e epistemologia da compreensão”, da Faculdade Cásper Líbero, do qual o autor faz parte, propõe-se uma prática compreensiva do jornalismo e, especificamente, as histórias de vida como caminho de compreensão das pessoas e do mundo. O termo “compreensão” assume, neste trabalho, um estatuto cognitivo, não sendo ela vista, portanto, meramente no nível das relações intersubjetivas. Um estatuto cognitivo significa que, pela via da atitude compreensiva, o sujeito do conhecimento, como aqui se propõe, está mais habilitado não a dar respostas (fechadas) sobre o mundo, mas a trilhar caminhos mais profundos no conhecimento. Tomando como objeto empírico de estudo um conjunto de histórias de vida publicadas pelos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Correio Popular* e *Gazeta do Cambuí*, tendo, como referencial teórico, o pensamento de autores como Edgar Morin, Joseph Campbell, Edvaldo Pereira Lima, Cremilda Medina e Dimas Kunsch, e concluindo com um trabalho autoral, esta dissertação apresenta as narrativas complexo-compreensivas como forma de compreensão e de transformação do mundo.

Palavras-chave: Comunicação. Jornalismo. Narrativas da vida real. Histórias de vida. Epistemologia da compreensão.

ABSTRACT

This lecture approaches the sign of comprehension on history of live. Considering researches studied by “Communication, journalism and epistemology of comprehension” group, from Casper Líbero College, which one the author takes part, is suggested an intelligible practice of the journalism and, in a specific way, the histories of live as a way of understanding people and worldwide. The “comprehension” term assumes in this work a cognitive Law means that, by the path of comprehensive attitude, the subject matter of knowledge, proposed here, is more qualified not to give answers (closed) about worldwide, but to follow wider paths inside the knowledge. Taking as empiric object of studying an amount of histories of live published by journals like *O Estado de S. Paulo*, *Correio Popular* and *Gazeta do Cambuí*, based on Edgar Morin, Joseph Campbell, Edvaldo Pereira Lima, Cremilda Medina and Dimas Kunsch thoughts, and concluding with an authoral search, this lecture shows the narratives complex-comprehensive as way of understanding and changing worldwide.

Key-words: Communication. Journalism. Narratives of real live. Histories of live. Epistemology of comprehension.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I	
As narrativas da vida real numa sociedade em constante mudança	17
1. A liquidez no cotidiano da contemporaneidade	18
2. De uma sociedade de massa para um mundo virtual	26
3. O neotribalismo na pós-modernidade	33
4. O mito e as narrativas da vida real	44
5. O Jornalismo Transformativo e a compreensão da realidade	49
CAPÍTULO II	
As narrativas da vida real e o pensamento complexo-compreensivo	56
1. Por um pensamento que tece e entretece	57
2. As histórias de vida nos jornais	66
2.1 Que são histórias de vida?	66
2.2 O jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> e suas histórias de vida	67
2.3 O jornal <i>Correio Popular</i>	72
2.4 A <i>Gazeta do Cambuí</i>	77
3. História de vida de <i>O Estado de S. Paulo</i>	85
4. História de vida do jornal <i>Correio Popular</i>	92
5. História de vida do jornal <i>Gazeta do Cambuí</i>	97
CAPÍTULO III	
A experiência de narrar a partir do signo da compreensão	101
1. Introdução	102
2. Frente a frente com Pelé	108
3. O jovem do brechó	116
4. O Marechal da música sertaneja	120
CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
REFERÊNCIAS	128
ANEXOS	131

Compreender...

“Senhor, fazei-me instrumento de vossa paz.

Onde houver ódio, que eu leve o amor.

Onde houver ofensa, que eu leve o perdão.

Onde houver discórdia, que eu leve a união.

Onde houver dúvida, que eu leve a fé.

Onde houver erro, que eu leve a verdade.

Onde houver desespero, que eu leve a esperança.

Onde houver tristeza, que eu leve a alegria.

Onde houver trevas, que eu leve a luz.

Ó Mestre, fazei que eu procure mais

Consolar, que ser consolado.

Compreender, que ser compreendido.

Amar, que ser amado.

Pois, é dando que se recebe.

É perdoando que se é perdoado

E é morrendo que se vive para a vida eterna.”

Joaquim e Alice

Quando fecho os olhos e penso na minha infância, lembro-me de duas pessoas que não estão mais neste mundo: Joaquim e Alice. O primeiro, pai de minha mãe; a segunda, mãe de meu pai. Joaquim, mineiro de São Sebastião do Paraíso, além de especialista em pesca, era bom de prosa. Adorava reunir os netos junto ao calor do fogão de lenha e contar histórias.

Num inverno, ele pôs umas batatas-doce no meio das cinzas com algumas brasas avermelhadas e começou:

Um dia, eu estava na beira do Rio Pardo, pescando. Como fazia muito frio, levei um garrafão de pinga para tomar um gole vez em quando. De repente, olhei pra trás e vi uma sucuri enorme, devia ter uns dez metros, olhando pra mim, com uma rã presa na boca. Meu coração disparou. Pensei que ela iria me engolir. Então, tive uma idéia: peguei o garrafão, aproximei-me dela com cuidado, puxei a rã e despejei uma boa dose de cachaça naquela boca imensa. A sucuri foi saindo devagarinho, devagarinho. Suspirei. Estava salvo. Então, voltei a pescar. Pouco tempo depois, olhei para trás de novo... e quase pulei no rio de tanto medo. Sabe quem estava ali? A sucuri. Agora com duas rãs naquela bocooooona.

Para nós, era uma festa! E acreditávamos piamente...

Vovó Alice, muito religiosa, também adorava contar “causos” para a gente. Sempre recordo a história de São Benedito com Nossa Senhora:

Um dia São Benedito estava na cozinha do convento lá de Palermo na Itália, já pensando no que faria para o almoço dos padres. De repente, olhou à sua frente e viu Nossa Senhora chegando com o menino Jesus no colo. Ele ficou muito alegre. Pediu para Maria deixá-lo dar uma volta com o menino pelo jardim do convento. Ela colocou seu filho nos braços do jovem santo. Benedito, então, saiu com Jesus no colo e foi mostrando-lhe todas as belezas da cidade. Mas o tempo foi passando sem que percebesse. Quando viu, o sol já estava no meio do céu. O santo ficou desesperado, pois era hora de servir o almoço e ele não havia preparado nada. Voltou correndo para o convento e, para sua surpresa, Nossa Senhora havia feito a comida para os padres. Benedito entregou o menino à mãe. Nossa Senhora voltou para o céu e Benedito colocou a comida na mesa. Não sobrou nem um grão de arroz para contar a história. Depois que todos almoçaram, o reitor do convento chamou Benedito e lhe disse: “Parabéns. Você nunca fez um almoço tão gostoso como este”. O santo agradeceu o elogio, mas ficou bem quietinho. Afinal, se ele contasse o que havia acontecido, ninguém acreditaria.

Histórias como estas o autor tem muitas para contar. Cada uma mais interessante que a outra. Daí sua paixão por narrativas e seu desejo de realizar uma pesquisa sobre narrativas da vida real na Faculdade Cásper Líbero. Com quarenta e três anos, o autor viveu muitas coisas na caminhada, que estão guardadas no baú de sua memória. Mas, as narrativas de Joaquim e Alice ele as têm na ponta da língua. Não há como esquecê-las. Elas percorreram a maior distância que existe no universo: a distância entre a cabeça e o coração. Uma vez gravadas no coração, nada mais poderá apagá-las.

Introdução

Esta dissertação tem como objetivo mostrar a importância da narrativa como modo de conhecimento e força transformadora da sociedade. Contar uma história, sobretudo sobre a vida de uma pessoa, seja ela célebre ou anônima, é oferecer muito mais que informações: é transmitir sabedoria. Sábio é aquele que tem consciência de sua vida, sabe decidir, não é conduzido por opiniões de outros, mas tem senso crítico, discernimento e maturidade.

O corpus da pesquisa é formado pelos jornais: *O Estado de S. Paulo*, *Correio Popular* e *Gazeta do Cambuí*, que publicam, semanalmente, um perfil ou história de vida. De outubro de 2008 a março de 2009, o autor selecionou as matérias dos respectivos jornais, num total de 62 histórias.

O assunto escolhido é importante, sobretudo numa época como esta, em que as pessoas são bombardeadas por informações, atualizadas minuto a minuto. São notícias e mais notícias, que informam, mas, também confundem, quando não sufocam o leitor. A leitura de um perfil pode ser mais informativa e transformadora que dezenas de páginas com notícias, muitas vezes, superficiais. Um texto jornalístico, inspirado na literatura, na mitologia, na compreensão, na ternura, no diálogo dos afetos, no conhecimento comum e outros, propostos pelo *signo da compreensão*, tem potencial transformador, possibilita uma nova consciência sobre a vida e o mundo, e isso se dá, de modo muito especial, como este trabalho pretende mostrar, com as histórias de vida.

Esta dissertação tem como objetivos investigar a presença, nos textos publicados pelos jornais escolhidos, dos dois sentidos de compreensão: o cognitivo e o intersubjetivo. Será que as histórias de vida, de sua concepção à sua publicação, abraçam, juntam, integram sentidos, além de procurar e de promover a ética, o respeito, a justiça, a paz e outros valores que estamos associando ao Signo da Compreensão? De que elementos os repórteres produtores dessas narrativas se utilizam para atingir suas metas, sobretudo, na busca de uma relação que se pretende profunda, com suas personagens, suas histórias e sua realidade? Que motivos levam jornalistas a escreverem histórias de vida, como escolhem seus personagens e desenvolvem a construção da narrativa? É possível a produção de um texto que informa, mas que tem sabor e emociona, abra os olhos para outros aspectos da realidade, aproxime as pessoas?

O autor, analisando as matérias eleitas para o estudo, pensa que talvez o pouco espaço que as histórias de vida ocupam nos jornais impressos possa ter diretamente a ver com o fato de os repórteres não estarem preparados para serem narradores de histórias de vida. Não se pode amar nem valorizar aquilo que não se conhece. Também, muitas vezes falta tempo, precisam escrever muitas matérias ao mesmo tempo, não sendo possível um espaço de dias para uma melhor pesquisa do assunto, imersão na realidade e redação do texto. Essas hipóteses, no entanto, não são as que preocupam diretamente este autor no trabalho aqui apresentado. Ficam como pano de fundo e como motivação para ulteriores estudos e pesquisas. O que se pretende de fato afirmar, como já assinalado, são os vínculos existentes entre uma atitude ou aproximação de tipo compreensivo — tanto no sentido intelectual quanto intersubjetivo — e o conhecimento, tendo em conta uma visão complexa da sociedade, do mundo, da vida. Esta é a grande questão que podemos considerar como a hipótese central desta dissertação.

A metodologia adotada consiste em:

- a) Pesquisa bibliográfica: com a intenção de formular um instrumental teórico, apto a entender a prática jornalística em sua relação com o tema da compreensão, tanto em seu sentido cognitivo (de um conhecimento complexo), quanto intersubjetivo, na direção de uma ética do respeito e da compreensão. Para tanto, utiliza-se o autor de intuições teóricas trabalhadas no grupo de pesquisa “Comunicação, jornalismo e epistemologia da compreensão”, da Faculdade Cásper Líbero, de que este pesquisador participa, desde a implantação do mesmo, no segundo semestre de 2008. A epistemologia, dito de forma simples, é o pensamento sobre o pensamento, ou o conhecimento sobre o conhecimento. O grupo de pesquisa, portanto, numa primeira aproximação, propõe-se a pensar o pensamento comunicacional, uma vez que essa é a área ou o campo de conhecimento em que se insere. Numa segunda, e não menos importante aproximação, pensa o pensamento comunicacional sob a luz instigante e desafiadora da compreensão.

- b) Entrevistas em profundidade: com produtores de algumas das histórias de vida: Ivan Marsiglia (*O Estado de S. Paulo*), Fabiano Ormanzeze (*Correio Popular*) e Tiago Gonçalves (*Gazeta do Cambuí*); com o professor e

pesquisador das narrativas complexo-compreensivas, Dr. Dimas A. Kunsch, líder do grupo de pesquisa “Comunicação, Jornalismo e Epistemologia da Compreensão”, da Faculdade Cásper Líbero.

c) Jornais utilizados: na escolha de três jornais cujos textos são analisados — *O Estado de S. Paulo*, *Correio Popular* e *Gazeta do Cambuí*. O primeiro publica, uma vez por semana, no Caderno Aliás, uma narrativa sobre personagens. *O Correio popular* mantém uma coluna semanal chamada “Um rosto na multidão”, que traz o perfil de uma pessoa da cidade de Campinas ou da região. O jornal *Gazeta do Cambuí*, distribuído gratuitamente no bairro Cambuí da cidade de Campinas, publica, semanalmente, histórias de vida.

d) Seleção do material: as narrativas, publicadas nos três jornais, foram selecionadas durante seis meses, no período de agosto de 2008 a março de 2009. A partir de março de 2009, a pesquisa continuou com a leitura dos textos publicados pelos três jornais e a organização de informações: o assunto abordado, o personagem da narrativa, o repórter que escreveu a matéria, o que diz o texto. Depois, o autor elegeu três textos, escolhidos aleatoriamente, para uma análise mais profunda, utilizando-se para isso de cinco elementos que o autor, a partir das intuições provenientes do pensamento complexo-compreensivo, considera importantes para se narrar uma história de vida, a saber: personagem, imersão, diálogo dos afetos, compreensão e transformação.

e) Por fim, o autor escreveu três textos, inspirados no pensamento complexo-compreensivo, como experiência de se narrar a partir do signo da compreensão.

No primeiro capítulo da dissertação, o autor apresenta algumas características da sociedade dos primeiros anos do século 21. O pensamento do sociólogo polonês, Zygmunt Bauman, e o conceito de “modernidade líquida”. A sociedade, alicerçada na produção industrial e na razão instrumental, passa por uma mudança profunda. O que era sólido se liquefaz. As grandes tradições, como a família, a política e a religião, movem-se nesse mar de inconstância. As relações humanas se fragilizam e, na visão de Bauman, tudo se torna “líquido”: a vida, o amor, o medo.

Outra marca da sociedade atual é o processo de virtualização pelo qual está passando, uma verdadeira revolução nos relacionamentos e no mundo da comunicação. O autor traz alguns pontos importantes sobre a passagem de sociedade de massa, para uma sociedade onde as novas tecnologias colocam o mundo na palma das mãos dos que têm acesso a este novo universo.

Ainda, se por um lado, observa-se a fluidez da sociedade, por outro, verifica-se um fenômeno muito significativo neste início de novo milênio: o neotribalismo. Para o sociólogo francês, Michel Maffesoli, a sociedade pós-moderna assiste ao retorno do tribalismo. Depois do domínio da razão mecânica, previsível, instrumental, assiste ao retorno do “princípio de eros”, da revolução dos sentimentos, da valorização dos rituais, das emoções e paixões coletivas, do corpo em espetáculo e do gozo contemplativo.

O outro aspecto, sobre o qual se reflete no primeiro capítulo, é a importância do mito para a construção de histórias de vida. O Iluminismo colocou o mito num “baú”, considerando-o coisa infantil ou inútil. Mas, se olharmos para as novelas, filmes, livros, revistas, cinema, internet, rádio, jornal, enfim, para as narrativas midiáticas da contemporaneidade, verificaremos que elas têm, como estrutura básica, a Jornada do Herói, o mito.

O primeiro capítulo traz também o pensamento do pesquisador Edvaldo Pereira Lima e suas reflexões sobre Jornalismo Transformativo. Apresenta os dez princípios filosóficos dessa prática jornalística, ferramentas úteis para jornalistas escritores de histórias de vida: exatidão, humanização, universalização temática, estilo próprio e voz autoral, simbolismo, imersão, criatividade, responsabilidade ética e compreensão.

No segundo capítulo, o autor propõe o pensamento complexo-compreensivo como eixo para as narrativas da contemporaneidade. A partir do pensamento de pesquisadores deste campo de conhecimento, como Dimas Kunsch, Cremilda Medina, Edgar Morin, Luis Carlos Restrepo, Michel Maffesoli, Edvaldo Pereira Lima e Eliane Brum, ocupa-se com o estudo de um pensamento que, nessa linha, “tece e entretece”. Para Kunsch, a reportagem complexo-compreensiva assume, sem cerimônia, a tarefa de tecer, de costurar nexos entre informações que, isoladas e numerosas, quais árvores a impedir uma visão do bosque, não permitem uma compreensão abrangente dos sentidos de uma época. As múltiplas possibilidades, que a hoje escassa reportagem oferece, auxiliam na construção de um tipo de conhecimento que, sem abdicar da razão, dialoga com as incertezas do cotidiano, da vida, do mundo, articulando sentidos que a racionalização do pensamento moderno — reducionista e redutora das virtualidades

humanas de compreensão — não abarca. Compreensivo, tanto no sentido objetivo quanto subjetivo, ainda segundo Kunsch, o pensamento que informa uma reportagem de qualidade torna mais compreensível, cósmico, o mundo da atualidade, oferecendo a esse mesmo mundo a chance de não se autodestruir na violência ou na guerra, no desespero.

Este autor apresenta, em seguida, as narrativas da vida real no período eleito para o estudo, publicadas pelos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Correio Popular* e *Gazeta do Cambuí*. Apresenta um apanhado geral e traz exemplos de narrativas complexo-compreensivas, sem perder de vista o interesse em observar lacunas, promessas não realizadas, possibilidades. Faz, na sequência, uma análise mais profunda de uma matéria de cada jornal pesquisado, utilizando, como ferramenta, cinco fundamentos que considera importantes para a construção de histórias de vida, sob o signo da compreensão: personagem, imersão, diálogo dos afetos, compreensão e transformação.

No terceiro e último capítulo, o autor cuida em produzir três histórias de vidas, aprofundando o tema, utilizando-se das reflexões do grupo de pesquisa “Comunicação, jornalismo e epistemologia da compreensão”. Pensa cada uma das matérias para um jornal específico dos três veículos estudados. Depois da matéria, coloca o *making off*, explicando como foi pautada e escrita a história de vida, além de refletir sobre cada uma delas, a partir do signo da compreensão.

Os autores, com os quais o autor se ocupa, no início do trabalho, como Bauman, Adorno e Horkheimer, Maffesoli, Levy, Campbell e outros, trazem até nós o sentido da complexidade do presente, e as diferentes tentativas teóricas de entendimento. É nesse mundo de sentidos diversos, abertos, complexo, em que somos chamados a “tecer e entretecer”, pela via da narrativa, uma compreensão possível, em que se insere o esforço de produção de histórias de vida. A narrativa, como aqui se entende, é uma ferramenta útil na construção do cosmos em meio ao caos, como ensina Medina. Estes autores revelam que existem muitas tonalidades entre o preto e o branco. A discussão não é quem tem a melhor teoria, quem está certo e errado, mas ampliar o horizonte de compreensão da realidade. Podemos aprender, com cada um deles, algo sobre o mundo, os relacionamentos, enfim, a vida.

Este trabalho, ao focar seu interesse no tema da narrativa jornalística e, especificamente, das histórias de vida, não tem, de forma alguma, a intenção de ditar receitas para o jornalismo, ou de imaginar uma prática jornalística reduzida à produção de histórias de vida. Não é essa, de fato, a intenção. A crítica aos velhos vícios do reducionismo e da simplificação, do tecnicismo etc., que freqüentam o jornalismo como

outras áreas da produção simbólica, não possui o objetivo de desqualificar a produção da informação de atualidade, ou da notícia, em benefício da construção de histórias de vida. Tem, sim, o objetivo de demarcar o espaço das histórias de vida e das narrativas em geral, como fundamental para o cultivo da profundidade, da complexidade, e, mais que tudo, da compreensão. As notícias são importantes para a vida das pessoas. Todavia, quando um jornal inclui, em suas páginas, histórias de vida, possibilita aos leitores um novo olhar sobre determinado acontecimento. Além da informação, vai crescer no conhecimento e na compreensão.

CAPÍTULO I

AS NARRATIVAS DA VIDA REAL NUMA SOCIEDADE EM CONSTANTE MUDANÇA

1. A liquidez no cotidiano da contemporaneidade

A sociedade do novo milênio está passando por muitas mudanças. Diferentemente de outras épocas, essas mudanças têm alcance global, afetando o mundo inteiro. Fator determinante dessas transformações é a ciência e a tecnologia, com sua capacidade de manipular a própria vida dos seres vivos, e com a capacidade, também, de criar uma rede de comunicações de alcance mundial, de interação em tempo real, apesar das distâncias geográficas.

Nesse novo contexto social, a vida do ser humano e sua realidade se tornaram complexas e fragmentadas. A falta de informação só se resolve com mais informação, gerando e dando à luz, tantas vezes e contraditoriamente, a incomunicação e a incompreensão. Para o cientista político francês, Dominique Wolton, os homens “comunicam-se” bem mais facilmente que no passado, mas a comunicação, a intercompreensão, não é proporcional à eficácia das técnicas. Complexa por natureza, a comunicação complicou-se ainda mais nestes últimos trinta anos, graças ao progresso técnico. Nos tempos atuais, todo mundo vê tudo ou quase tudo, mas percebe, ao mesmo tempo, que não compreende melhor o que acontece. A visibilidade do mundo não basta para torná-lo mais compreensível. “Sonhou-se com a aldeia global; encontra-se a cacofonia de Babel. Na ponta dos canais e das redes, encontramos freqüentemente a incompreensão, para não dizer a incomunicação” (Wolton, 2006:18-19).

Essa sociedade, em constante mudança, é retratada pelo sociólogo polonês, Zygmunt Bauman, com a metáfora da “fluidez”. Os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. Os fluidos não ficam presos em espaços, nem prendem o tempo, pois o preenchem por um momento. Os sólidos, ao contrário,

não podem mudar facilmente. Uma pedra, dependendo do tamanho e do peso, pode ficar milhões de anos no mesmo lugar. As águas de um rio, ao contrário, oferecem dificuldades para serem contidas. “Os fluidos se movem facilmente. Eles ‘fluem’, ‘esvaem-se’, ‘respingam’, ‘transbordam’, ‘vazam’, ‘inundam’, ‘borrifam’, ‘pingam’; são ‘filtrados’, ‘destilados’” (Bauman, 2001:8). Portanto, “fluidez” ou “liquidez” dá idéia da nova fase pela qual a sociedade está passando. Os sólidos estão derretendo: o sagrado sendo profanado e o passado, destronado.

Há alguns séculos, a sociedade estava solidificada na razão instrumental, na ciência e no *homo faber*. O importante era produzir cada vez mais, descobrir o porquê de todas as coisas; pensar era sinônimo de existir. Mas o mundo mudou. “Os poderes que se liquefazem passaram do ‘sistema’ para a ‘sociedade’, da ‘política’ para as ‘políticas da vida’ — ou desceram do nível ‘macro’ para o nível ‘micro’ do convívio social” (Bauman, 2001:14). O capitalismo absolutizou-se, gerando desemprego, fome e concentração de renda nas mãos de poucos, no final do século XX. As relações humanas se fragilizaram com o advento do novo milênio, sobretudo pela globalização; o amor, a vida, o tempo, o medo tornaram-se líquidos.

Bauman entende, pois, que a sociedade de hoje é líquido-moderna. Nesta, as realizações individuais podem mudar num piscar de olhos. Tudo envelhece rapidamente. A inconstância criou raízes profundas. Ou você se moderniza ou perece. Modernizar-se é viver no presente e pelo presente. É obter satisfação, o máximo possível. Velocidade, e não duração, é o que importa. Com a velocidade certa, pode-se consumir toda a eternidade no presente, sem ter que esperar a continuação das experiências numa vida futura. O caminho é comprimir a eternidade no hoje da história de modo a poder ajustá-la à duração de uma existência individual. A incerteza de uma vida mortal em um universo imortal foi finalmente resolvida: “Agora é possível parar de se preocupar com as coisas eternas sem perder as maravilhas da eternidade. Com efeito, ao longo de uma vida mortal pode-se extrair tudo aquilo que a eternidade poderia oferecer” (Bauman, 2007:15).

Antes do nascimento disso que Bauman chama de modernidade líquida, o tempo caminhava, se comparado com hoje, a passos de tartaruga. As pessoas, em meio a sofrimentos de toda ordem, aceitavam viver nesse “vale de lágrimas”, com o olhar voltado para um futuro feliz, pleno, eterno, no qual todos os seus sonhos se concretizariam. Em nosso mundo acelerado, essas esperanças podem ser descartadas, pois importa mesmo viver o aqui e o agora. Importa, mais que tudo, consumir. O

consumo é importante, faz parte da vida. Oxalá, todos tivessem a mesma possibilidade de acesso aos bens necessários à sobrevivência, crescendo em qualidade de vida! Todavia, vemos alguns poucos consumindo tudo o que podem e milhões sem o mínimo para viver. Assim, Bauman considera o lixo o principal produto da sociedade líquido-moderna de consumo. Que fazer com ele? E se você também for jogado nele? “Na sociedade dos consumidores, ninguém pode deixar de ser um objeto de consumo. (...) ‘Consumidores’ e ‘objetos de consumo’ são pólos conceituais de um *continuum* ao longo do qual todos os membros da sociedade de consumidores se situam e se movem, de um lado para o outro diariamente” (Bauman, 2007:18). Morreram as principais utopias da sociedade e as idéias de sua transformação.

Na modernidade líquida, a economia gira em torno de objetos descartáveis ou de envelhecimento rápido. Há o desprezo pelo “longo prazo” e pela “totalidade” e sua substituição pelos valores da gratificação instantânea e da felicidade individual. Por isso, as “celebridades” são as principais personagens líquido-modernas. Busca-se a notoriedade, a abundância de suas imagens e a freqüência com que seus nomes são mencionados nas transmissões de rádio e TV. Todavia, muitas celebridades aparecem do nada e caem rapidamente no esquecimento. Vão parar também no lixo. Bauman, porém, afirma que não podemos colocar toda a culpa pela situação em que vivemos na indústria de consumo, mas alerta:

Essa indústria está bem equipada para a forma de vida a que chamo de “modernidade líquida”. Essa indústria e essa forma de vida estão afinadas entre si e reforçam mutuamente o controle sobre as opções que os homens e mulheres de nossa época podem, de forma realista, fazer. A cultura líquido-moderna não se percebe mais como uma cultura do aprendizado e do acúmulo, como as outras registradas nos relatos dos historiadores e etnógrafos. Parece, em vez disso, uma cultura do desengajamento, da descontinuidade e do esquecimento (Bauman, 2007:83-84).

A sociedade de consumo tem, por base, a premissa de satisfazer os desejos humanos de uma forma que nenhuma sociedade do passado pôde realizar ou sonhar. A promessa de satisfação, no entanto, só permanecerá sedutora enquanto o desejo continuar irrealizado; o que é mais importante, enquanto houver uma suspeita de que o desejo não foi plena e totalmente satisfeito. “A não-satisfação dos desejos e a crença firme e eterna de que cada ato visando a satisfazê-los deixa muito a desejar e pode ser aperfeiçoado — são esses os volantes da economia que tem por alvo o consumidor” (Bauman, 2007:106). Por isso, os que navegam na modernidade líquida precisam tornar

permanente a insatisfação no coração das pessoas. Uma forma de causar esse efeito é depreciar e desvalorizar os produtos de consumo, logo depois de terem sido alçados ao universo dos desejos do consumidor. Uma outra forma, ainda mais eficaz, é o método de satisfazer toda necessidade, desejo ou vontade, de uma forma que não pode deixar de provocar novas necessidades, desejos e vontades. O que começa com necessidade deve terminar como compulsão ou vício, gerando assim a “síndrome consumista”. Essa síndrome degrada os prazeres duradouros e promove a transitoriedade. Mais importante que o progresso e o futuro é a busca do prazer pelo prazer.

“Ordem e Progresso” é o que se lê na bandeira nacional. O progresso, segundo Bauman, já foi a mais extrema manifestação do otimismo radical, promessa de felicidade universalmente compartilhada e duradoura. Agora significa uma ameaça de mudança inflexível e inescapável, que pressagia não a paz e o repouso, mas a crise e a tensão contínuas, impedindo qualquer momento de descanso; uma espécie de dança das cadeiras em que um segundo de desatenção resulta em prejuízo irreversível e exclusão. Em vez de grandes expectativas e doces sonhos, o “progresso” evoca uma insônia repleta de pesadelos de “ser deixado para trás”, perder o trem ou cair da janela de um veículo em rápida aceleração. Em vez de reduzir o ritmo espantoso da mudança, muito menos de prever e controlar sua direção, as pessoas se concentram no que podem ou acreditam poder, ou no que lhes garantem que podem influenciar. Elas tentam calcular e minimizar o risco de serem atingidas pelos incontáveis e indefiníveis perigos que o mundo e seu futuro incerto lhes reservam.

A ordem deu lugar a uma nova ordem, e o medo instalou-se na sociedade líquido-moderna. Muito dinheiro pode ser ganho com a insegurança e existe até uma “indústria” explorando o medo. A segurança pessoal tornou-se um dos principais pontos de venda, talvez o principal, em toda espécie de estratégias de marketing. “Como diz Ray Surette, o mundo visto pela TV parece ser de ‘cidadãos-ovelhas’ sendo protegidos de ‘criminosos-lobos’ por ‘policiais-cães pastores’” (Bauman, 2007: 93).

As pessoas da modernidade líquida estão imersas num rio de prazer cuja correnteza é veloz e não sabe quando chegará ao mar.

Sou sacerdote e, certa vez, uma noiva veio falar comigo: “Posso lhe pedir uma coisa?”. “Pode” — respondi. “Eu queria colocar a música de uma cantora de que gosto muito como canto de entrada no meu casamento”. Tentei convencê-la a usar músicas litúrgicas, próprias para a cerimônia. Mas ela insistiu: “Deixa, por favor”. Fez até cara de choro. Perguntei por que ela queria tanto essa música. Ela me respondeu: “É que essa

música estava tocando no rádio do carro do meu namorado quando demos o primeiro beijo”. Os meses se passaram. Numa manhã, andando pelas ruas de minha cidade, encontrei aquela jovem, de roupas esportivas, correndo no calçadão. Ela veio ao meu encontro, inspirando e expirando com muita intensidade. “Tudo bem com você?” Eu parei: “Como vai? Que disposição! Correndo a esta hora?” “Estou tentando perder uns quilinhos. Fiquei solteira de novo. Meu casamento não deu certo. Preciso voltar a ser bonita para conquistar um novo amor. Agora estou livre para voar”. Conversamos mais alguns minutos e despedimo-nos. Percebi que aquela jovem estava voando sem rumo.

A fragilidade dos laços humanos, o sentimento de insegurança que ela inspira e os desejos conflitantes de apertar os laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos: eis, o tema que Bauman desenvolve no seu livro *Amor Líquido*. Assiste-se ao processo de “individualização”, e os relacionamentos são bênçãos ambíguas: “No líquido cenário da vida moderna, os relacionamentos talvez sejam os representantes mais comuns, agudos, perturbadores e profundamente sentidos da ambivalência” (Bauman, 2004:8).

Buscam, na modernidade líquida, relacionamentos “de bolso”, de que se podem dispor quando se tem o desejo ou deixá-los guardados quando não forem necessários. Exemplo desse tipo de relacionamento são os casais semi-separados, onde cada um tem sua vida, sua casa, seu trabalho. Quando dá vontade, encontram-se, amam-se, consomem-se e deixam um “restinho” guardado para o próximo encontro. Relações “virtuais” nas quais homem e mulher estão “conectados”, mas cada qual pode deletar o outro na hora que bem quiser. Apaixonam-se e desapaixonam-se com facilidade. Na modernidade líquida, o amor “até que a morte nos separe” está fora de moda. Enfim, o desejo dominou o amor. Quem deseja quer consumir, absorver, devorar, ingerir, digerir, aniquilar. O amor, por sua vez, cuida e preserva o objeto cuidado. Se o desejo quer consumir, o amor quer possuir. O desejo realizado coincide com a aniquilação de seu objeto, mas o amor cresce com a aquisição do objeto e se realiza na sua durabilidade. “Se o desejo se auto-destrói, o amor se auto-perpetua” (Bauman, 2004:24).

O jornal *Folha de S. Paulo* publicou, no dia 5 de agosto de 2009, no caderno Cotidiano, matéria sobre um projeto no Senado que prevê o divórcio on-line. A proposta quer que processos para casais sem filho menor ou incapaz, separados em comum acordo, sejam feitos pela internet. Matéria da *Folha* revela como é frágil o relacionamento entre cônjuges. Na era do namoro pela internet, a separação e o divórcio consensuais on-line podem passar a ser uma realidade. A possibilidade está prevista em um projeto de lei apresentado pela senadora Patrícia Saboya (PDT-CE), com o objetivo

de agilizar os processos. A senadora quer, inclusive, suprimir a obrigatoriedade de audiência entre as partes. O Fórum da Freguesia do Ó, em São Paulo, é um dos poucos que já trabalha on-line. Juízes, entretanto, não dispensam a audiência entre as partes. O projeto está sob análise da Comissão de Constituição e Justiça do Senado e ainda deve sofrer modificações. Saboya quer também dispensar a necessidade de advogados no divórcio on-line. "Quero facilitar o divórcio de casais sem filhos, pois, se há acordo, é como se fosse um contrato desfeito", diz ela. Defensores do texto dizem que o processo tende a ser mais rápido e barato e que a medida favorecerá casais que não moram mais no mesmo Estado ou que não querem se encontrar. Se não dá mais para conviver, ou se não é mais conveniente manter o relacionamento, nada melhor que um divórcio facilitado.

Isso gera uma frustração muito grande, sobretudo para os que investiram tempo e dinheiro ao longo do namoro e casamento, pois, na modernidade líquida, os relacionamentos são tidos como investimentos, como todos os outros: você entrou com tempo, dinheiro, esforços que poderiam ter sido empregados para outros fins, esperando que seu investimento lhe trouxesse lucro. Quais os lucros que se espera de um relacionamento? Em primeiro lugar e acima de tudo, espera-se "a segurança — em muitos sentidos: a proximidade da mão amiga quando você mais precisa dela, o socorro na aflição, a companhia na solidão, o apoio para sair de uma dificuldade, o consolo na derrota e o aplauso na vitória" (Bauman, 2004:29). Mas estar num relacionamento é viver uma incerteza permanente. Comprometer-se com outra pessoa em longo prazo é uma espada de dois gumes. Na medida em que os relacionamentos são vistos como investimentos, como garantias de segurança e solução de problemas, eles mais se parecem um jogo de cara ou coroa.

Assim, vivemos na corda bamba, numa areia movediça, enfrentando o alto mar com uma jangada, sem nada próximo de nós que nos dê apoio, segurança, solidez. Eis algumas das principais idéias de Bauman.

Mas será que o sociólogo polonês acerta de verdade ao afirmar que a modernidade hoje é líquida? A fluidez e a fragilidade dos laços humanos são percebidas, tal como os entende Bauman, também nos textos publicados nos jornais, de modo especial nas histórias de vida?

O pensamento de Bauman revela o despertar de um novo milênio em crise. Os alicerces, abalados pela liquidez da modernidade, evocam uma mudança de paradigma. Se, nos séculos 19 e 20, o mundo foi dominado pelo racionalismo, parece que a nova

onda aponta para a fragilidade, a velocidade, a superficialidade, o esvaziamento de sentido. Aponta para as conexões, sempre mais freqüentes e numerosas, e muito menos para os vínculos. Vínculos pesam. Amarram. Para o psiquiatra e pesquisador colombiano, Luis Carlos Restrepo, padecemos de um analfabetismo afetivo que dificulta compreender as raízes de nosso sofrimento. Analfabetismo que nos impede de encontrar chaves para melhorar nossa vida cotidiana: “Basta lançar um olhar à família para dar-nos conta do montante de sofrimento que carregamos e constatar que aquilo que por definição deveria ser um ninho de amor se converte freqüentemente em foco de violência” (Restrepo, 2001:20).

Mas será que uma crise significa somente negatividade? A mãe esquece as dores do parto ao acalentar seu filho recém-nascido nos braços, pela primeira vez. O universitário chora ao receber o diploma, não por ter passado por tantas dificuldades no seu dia a dia na faculdade, mas por se sentir um vitorioso. O agricultor nem se lembra mais do suor derramado quando da semeadura, no momento em que está carregando os feixes de trigo nos ombros. Talvez esse momento líquido do homem *sapiens-demens* o impulsione a vôos mais altos.

Edvaldo Pereira Lima, pioneiro no Brasil disso que ele chama de Jornalismo Literário Avançado, um dos maiores expoentes das narrativas da realidade em nosso país, defende que um novo mundo é possível. Para Lima, a profunda crise da civilização contemporânea, anunciada e decantada por cientistas de ponta, visionários, artistas, guardiões de tradições, escancara agora as portas da percepção. Não há como negar. Está presente nos noticiários da mídia, nos acontecimentos da esquina, na rotina de todos os dias. Junto com a crise, espanto, dor, sofrimento. Contudo, junto com a crise, oportunidade. Momento precioso de se rever conceitos, de passar a limpo o legado do passado, de direcionar rumos, de experimentar propostas de um novo mundo possível. Atrelado ao momento, o desafio. As circunstâncias prementes pedem um salto de consciência. Um refinamento de qualidade na nossa capacidade de agir e de expressar nossas experiências da realidade. Somos pressionados a dar um novo significado ao que vivemos, sentimos, entendemos.

Somos impulsionados a abrir o olhar para dentro, assim como para fora, procurando com urgência sentido num estado geral que nos parece de caos, onde muitos dos edifícios das nossas certezas desmoronam-se a velocidade espantosa. Felizmente, por outro lado, sementes promissoras brotam no jardim das possibilidades novas, trazendo-nos o alento da co-criação inesperada da civilização planetária. Um salto quântico de consciência (Lima, 2009:13).

Nesta sociedade, onde os sólidos se tornam líquidos, onde as certezas deságuam na incerteza, na insegurança e na fragilidade, as histórias de vida têm um papel imprescindível. Narrar uma história é tentar parar o tempo. É dar uma pausa na fluidez. O mundo corre em alta velocidade e isso não nos permite ver a vida como ela é. Quando paramos por um momento, respiramos, refletimos sobre a vida e o que está acontecendo à nossa volta, temos equilíbrio e discernimento para dar os próximos passos. As histórias de vida, publicadas em jornais, tornam-se portos, onde ancoramos o barco de nossa vida, mesmo que seja por alguns minutos. Mas estes são suficientes para nos ajudar no mergulho para dentro de nós mesmos ou para avançarmos para águas mais profundas.

2. De uma sociedade de massa para um mundo virtual

Se para Bauman, estamos na modernidade líquida, para outros autores ainda vivemos uma sociedade de massa, onde as pessoas perdem a identidade e tornam-se coisas ou objetos de exploração. Esse pensamento está presente entre nós desde o século 20. Horkheimer e Adorno, junto com outros intelectuais de influências teóricas distintas, reuniram-se a partir de 1923, em Frankfurt, empreendendo uma crítica radical daquele momento histórico. De maneiras diferentes, manifestaram as suas desilusões com respeito às transformações do mundo contemporâneo, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial e o “milagre econômico” do pós-guerra. Em sua visão, a realidade social, dinâmica, complexa, cambiante, estava submetida a um método que se pretendia universal e unitário, o método científico. O positivismo impunha um procedimento não-social às ciências sociais.

Sob a influência das análises de Marx e criticando a política da burguesia, os frankfurtianos revelaram a transformação dos conceitos econômicos: a livre troca vai favorecer as desigualdades sociais e a economia livre vai gerar monopólios. Todavia, o grande objeto da crítica da Escola de Frankfurt, de modo especial por meio de Horkheimer e Adorno, vai ser o pensamento de Descartes, com o seu *Discurso do Método*. Como pano de fundo desse pensamento está a idéia de que o homem, graças à técnica e por meio dela, deveria se tornar mestre e senhor da natureza, não compreendê-la, mas dominá-la. Esse modelo de pensamento reinou absoluto no Ocidente e ainda é predominante em muitas áreas, inclusive na jornalística: racionalidade que pretendeu separar sujeito e objeto, corpo e alma, eu e mundo, natureza e cultura, transformando as

paixões, as emoções, os sentidos, a imaginação e a memória em inimigos do pensamento racional.

Boaventura de Sousa Santos elenca os traços mais marcantes do paradigma da ciência moderna em crise:

(...) Paradigma cuja forma de conhecimento procede pela transformação da relação eu/tu em relação sujeito/objeto, uma relação feita de distância, estranhamento mútuo e de subordinação total do objeto ao sujeito (um objeto sem criatividade e responsabilidade); um paradigma que pressupõe uma única forma de conhecimento válido, o conhecimento científico (...); um paradigma que tende a reduzir o universo dos observáveis ao universo dos quantificáveis e o rigor do conhecimento ao rigor matemático do conhecimento (...); um paradigma que desconfia das aparências e das fachadas e procura a verdade nas costas dos objetos, assim perdendo de vista a expressividade do face a face das pessoas e das coisas onde, no amor ou no ódio, se conquista a competência comunicativa; um paradigma que assenta na distinção entre o relevante e o irrelevante e que se arroga o direito de negligenciar (Bachelard) o que é irrelevante e, portanto, de não reconhecer nada do que não quer ou pode conhecer; um paradigma que avança pela especialização e pela profissionalização do conhecimento (...); um paradigma que se orienta pelos princípios da racionalidade formal ou instrumental (...); finalmente, um paradigma que produz um discurso que se pretende rigoroso, antiliterário, sem imagens nem metáforas, analogias ou outras figuras da retórica, mas que, com isso, corre o risco de se tornar, mesmo quando falha na pretensão, um discurso desencantado, triste e sem imaginação, incomensurável com os discursos normais que circulam na sociedade (Santos, 2003:34-35).

Horkheimer e Adorno criticavam a Indústria Cultural, conceito elaborado por eles para dizer como tudo se transformava em artigo de consumo na sociedade enraizada no Iluminismo: “Todas as vezes que uma certa fórmula se populariza, isto é, tem êxito de consumo, a indústria a promove e repete sempre o mesmo padrão. Tais circunstâncias intensificam a passividade social” (Matos, 2001:69). Para Horkheimer e Adorno, os meios de comunicação bloqueiam a imaginação através das imagens publicitárias, televisivas e outras. Estas convertem tudo em entretenimento para as massas: guerras, genocídios, greves, eventos religiosos, catástrofes naturais, obras de arte ou de pensamento.

A abordagem dos frankfurtianos se faz visível nos meios de comunicação, sobretudo na televisão. Aparece o programa “Big Brother”, que inspira a “Casa dos Artistas”, que dá origem à “A Fazenda” e por aí...: uma seqüência de mesmice, de massificação, de futilidade e esvaziamento de valores. Os jornais impressos não ficam atrás: banalizam a vida, transformam notícias em mercadoria. Recentemente, fui à banca de jornal. Numa capa, havia uma caricatura de um porco com a seguinte manchete: “Gripe suína já mandou dez para o beleléu”. E assim vai...

Lima defende a idéia de que a comunicação de massa produz efeitos nos receptores. Esses efeitos, de forma consciente ou não, existem e se manifestam. Se a pessoa tem alguma fragilidade cultural, intelectual ou psicológica, está mais sujeita à componente negativa dessa influência. Aí entra a responsabilidade do jornalista. Ele pode construir ou destruir, levantar ou derrubar seus leitores. Lima percebe que o jovem profissional de comunicação se sente atraído pelo fascínio que a comunicação de massa exerce, mas nem sempre tem a consciência dos efeitos do que diz ou escreve. Há um fascínio pelo *glamour* que a coisa representa, e facilmente deixam de ver os efeitos do que fazem, das mensagens, do sistema de comunicação de massa como um todo.

Em *Dialética do Esclarecimento*, Horkheimer e Adorno afirmam que a Indústria Cultural transferiu a arte para a esfera do consumo, transformou tudo em mercadoria, em diversão. Sua ideologia é o negócio, o mecanismo da oferta e da procura. Substituiu-se o conteúdo pela técnica, e o consumidor não precisa ter pensamento próprio, pois o produto prescreve toda reação.

Nos dias atuais, a Indústria Cultural foi assumida pela internet. O problema da “cultura de massa”, que tanto preocupou Adorno e Horkheimer, ganha novos e desafiantes contornos na sociedade da assim chamada era da informação e da comunicação. A era da rede mundial de computadores, da virtualização. Novos temas e novos problemas se levantam, de uma forma que Adorno e Horkheimer estavam longe de poder suspeitar. Muitos criticam esse novo meio de comunicação, dizendo que ele escraviza as pessoas, faz delas número, senha, coisa. Mas outros veem o universo virtual, positivamente.

No livro *O que é o virtual?*, o filósofo francês, Pierre Lévy, diz que muitas pessoas pensam que o virtual é uma ilusão, quando, na realidade, a palavra “virtual” vem do latim medieval *virtualis*, derivado, por sua vez, de *virtus*, força, potência. Ele não se opõe ao real, mas ao atual: “O virtual, com muita frequência, não está presente” (Lévy, 1996:19). O autor tem uma visão altamente positiva da comunicação virtual. Segundo ele, a virtualização aconteceu muito tempo antes do advento da internet, através da imaginação, da memória, da religião e do conhecimento. Mas, hoje, esse novo universo da comunicação rompe fronteiras. Uma comunidade virtual pode, por exemplo, organizar-se sobre uma base de afinidade por intermédio de sistemas de comunicação telemáticos. Seus membros estão reunidos pelos mesmos núcleos de interesses, pelos mesmos problemas: a geografia, contingente, não é mais nem um ponto de partida, nem uma coerção. Apesar de “não-presente”, essa comunidade está repleta

de paixões e de projetos, de conflitos e de amizades. Ela vive sem lugar de referência estável. Está em toda parte onde se encontrem seus membros móveis, nos quatro cantos do mundo ou em parte alguma: “A virtualização reinventa uma cultura nômade, não por uma volta ao paleolítico nem às antigas civilizações de pastores, mas fazendo surgir um meio de interações sociais onde as relações se reconfiguram com um mínimo de inércia” (Lévy, 1996:21).

Para Lévy, a virtualização submete a narrativa clássica a uma prova rude: unidade de tempo sem unidade de lugar (graças às interações em tempo real por redes eletrônicas, às transmissões ao vivo, aos sistemas de telepresença). Assim, o virtual produz efeitos, derruba barreiras, transforma as relações entre privado e público, próprio e comum, subjetivo e objetivo, mapa e território, autor e leitor etc.

Ao falar da virtualização do texto, Lévy esclarece que “um texto é um objeto virtual, abstrato, independente de um suporte específico. Essa entidade virtual atualiza-se em múltiplas versões, traduções, edições, exemplares e cópias” (Lévy, 1996:35). O filósofo francês afirma que existem outros tipos de textos além do alfabético: ideogramas, diagramas, mapas, esquemas, simulações, mensagens iconográficas ou fílmicas, texto como discurso elaborado, próprio da mídia eletrônica, o hipertexto, diante do qual o leitor é mais “ativo”, pode interagir, editar, potencializar sua informação. O hipertexto não é algo novo, tendo existido desde sempre. Por exemplo, o recurso das remissões, o encaminhamento do leitor para outras partes do texto. O leitor de um livro ou de um artigo no papel se confronta com um objeto físico sobre o qual uma certa versão do texto está integralmente manifesta. Certamente, ele pode anotar nas margens, fotocopiar, recortar, colar, proceder a montagens, mas o texto inicial está lá, preto no branco, já realizado integralmente. Na leitura em tela, essa presença extensiva e preliminar à leitura desaparece. O suporte digital (disquete, disco rígido, disco ótico) não contém um texto legível por humanos, mas uma série de códigos informáticos que serão eventualmente traduzidos por um computador em sinais alfabéticos para um dispositivo de apresentação. A tela apresenta-se então como uma pequena janela, a partir da qual o leitor explora uma reserva potencial.

Nas redes digitais, o texto foi desterritorializado, afirma Lévy. O texto continua subsistindo, mas a página — cercada pelo branco das margens lavrado em linhas e semeado de letras e de caracteres pelo autor — furtou-se e juntou-se à torrente digital. Dessa maneira, graças à digitalização, o texto e a leitura recebem hoje um novo impulso, e ao mesmo tempo uma profunda mutação. Pode-se imaginar que os livros, os

jornais, os documentos técnicos e administrativos impressos no futuro serão apenas projeções temporárias e parciais de hipertextos *on-line* muito mais ricos e sempre ativos. Mas Lévy não acredita que o texto impresso em papel deixe de existir. A diferença é que, no texto *on-line*, o leitor pode interagir, participar de sua construção, refletir sobre ele instantaneamente, o que não é possível com um texto impresso nas mãos.

A comunicação virtual é um gigantesco passo dado pela humanidade. Primeiro, porque os jornais impressos em papel têm limite de espaço. O escritor de histórias de vida fica preso ao número de caracteres e nem sempre tem condições de desenvolver uma narrativa profunda e mais duradoura. Isso não é problema para quem publica na internet. Espaço é o que não falta. Exemplo disso é o site TextoVivo (www.textovivo.com.br) da Academia Brasileira de Jornalismo Literário, que publica narrativas da vida real. Para se ter uma idéia, o texto “A Rússia de Lyuba Lulko”, da jornalista Thatiza Curuci, possui 26.548 caracteres, o que seria publicável em jornal impresso apenas em série ou utilizando todas as páginas da edição de um jornal ou revista. Isso já aconteceu no passado. Exemplo disso é o livro *Hiroshima*, de John Hersey, considerada a mais importante reportagem do século XX, publicada na revista *The New Yorker*, no dia 31 de agosto de 1946. Isso é possível hoje, desde que haja interesse do jornal e dos leitores.

Se, por um lado, a virtualização contribui para a publicação, divulgação e leitura de histórias de vida, o mesmo não acontece com a construção dessas histórias, pois *e-mail*, *msn*, *orkut*, *twitter* ou outra ferramenta virtual, jamais substituem a relação sujeito-sujeito, de que fala Medina (2006). A imersão na realidade da vida da personagem é ponto crucial para uma história de vida sob o signo da compreensão, tema de que trataremos em profundidade mais adiante. Para Eliane Brum, jornalista premiada por seus textos, em grande parte em forma de histórias de vida, é preciso olhar a própria vida com generosidade, curvar o pescoço e colocar os olhos no mesmo plano dos olhos das pessoas. Desta posição de igualdade pode-se enxergá-las. Por exemplo, no livro *A vida que ninguém vê*, Eliane Brum traz a história do Sapo, um mendigo que se arrastava pelas ruas de Porto Alegre. Ela conta como encontrou esse personagem:

Em 1999, ao trilhar as ruas de Porto Alegre, pelas quais tantas vezes eu tinha andado, o desafio era pisar sobre as mesmas pedras, mas olhar de outro lugar. Não é um truque banal, é uma alteração de foco que se faz em apenas um segundo e uma inclinação de alguns centímetros do pescoço, mas que resulta avassaladora. Um exemplo. O mendigo

da Rua da Praia, estatelado o chão, barriga sobre a laje, havia 30 anos. Não sei quantas vezes passei por ele com pena e culpa. *A vida que ninguém vê* me impôs — e não foi fácil — curvar o pescoço, me agachar e colocar meus olhos no mesmo plano dos olhos dele. Dessa posição de igualdade, pude enxergá-lo. Bastou olhar para baixo para que Sapo pudesse me contar como era olhar para cima (Brum, 2006:189).

Através do contato com a personagem, com todos os sentidos bem aguçados, é que se pode construir uma narrativa transformadora, na linha do que propõe Lima. Para Brum, o dito é, muitas vezes, tão importante quanto o não-dito, o que o entrevistado deixa de dizer, o que omite. É preciso calar para ser capaz de escutar o silêncio. Olhar significa sentir o cheiro, tocar as diferentes texturas, perceber os gestos, as hesitações, os detalhes, apreender as outras expressões do que somos: “Metade (talvez menos) de uma reportagem é o dito, a outra metade o percebido. Olhar é um ato de silêncio” (Brum, 2006:191).

A sociedade atual, líquida, virtual, em muitos pontos ainda impulsionada pela Indústria Cultural, acelerou o tempo, encurtou as distâncias e derrubou fronteiras. Hoje, através da comunicação virtual, pode-se falar com um amigo que mora do outro lado do mundo, ao vivo, ou saber o que está acontecendo na menor ilha do Oceano Pacífico. Isso é uma vitória para a humanidade. Mas, veem-se também os grandes monopólios da comunicação mais preocupados com o lucro do que com o planeta e as pessoas. O mesmo se dá com os jornais. É duro ver as mesmas notícias e as mesmas personagens todos os dias nas manchetes. Não se aguenta mais ver a foto do Ronaldo do Corinthians, de José Sarney, com seu bigode e suas lambanças, no Senado. Será que não existe mais nada sob o sol para ser publicado? Será que o mundo é só desgraça e frustração? Não, não é. Contudo, para contemplar as estrelas, é preciso olhar para cima; para sentir a força de uma onda, é preciso entrar no mar; para ouvir o som do vento, é preciso silenciar o corpo e a alma. Lamentavelmente, a maioria dos jornalistas não tem tempo para isso, ou não quer deixar a cadeira vazia na redação.

A pesquisadora da USP, Cremilda Medina afirma:

Temos hoje o jornalismo do computador, da internet. Agora, o jornalismo de sofá, de janela, de internet etc. e tal podem até ser jornalismo. Mas não são a essência desse fenômeno, que é o reportar o presente. Pode-se até fazer análise do sofá, da cadeira confortável, fazer comentários na televisão, fazer comentários na internet — a internet, hoje, é um palco de juízos de valor, de chutômetros, de ideologia coisa e tal —, mas isso, para mim, não é reportar e reconstituir, ou recriar a cena do presente (em Kunsch, 2004:254).

A sociedade do novo milênio traz consigo a liquidez ou fluidez. Os laços humanos são marcados pela fragilidade, a virtualização, ao mesmo tempo, aproxima e separa as pessoas. A produção cultural e intelectual virou mercadoria. Mas, o sociólogo francês Michel Maffesoli nos traz mais um fenômeno de nosso tempo: o neotribalismo.

3. O neotribalismo na pós-modernidade

O pensador francês, Michel Maffesoli, defende que a sociedade pós-moderna vive o retorno ao tribalismo. Isso pode ser visto pelo cotidiano e seus rituais, emoções e paixões coletivas, valorização do corpo em espetáculo e do gozo contemplativo, tendo como símbolo o hedonismo de Dioniso. Está acontecendo uma revolução, não limitada a uma área geográfica, mas que, em maior ou menor medida, se faz visível em todas as partes do mundo e, como entende esse autor, vai ser o valor dominante para os decênios do futuro. Depois do domínio da razão mecânica, previsível, instrumental, assiste-se ao retorno do “princípio de eros”, ao retorno do tribalismo, “verdadeira revolução espiritual; revolução dos sentimentos que ressalta a alegria da vida primitiva, da vida nativa” (Maffesoli, 2006:6).

Uma das marcas das tribos contemporâneas é o prazer de estar junto, viver intensamente o momento, gozar deste mundo sem preocupação com o futuro, com questões políticas, econômicas, sociais ou mesmo com a realização de um projeto ou a conquista de um objetivo. O que importa é pertencer a um grupo, viver em comunhão com a natureza, experimentar tudo o que é humano. “A vida se torna selvagem”. Maffesoli observa que a sociedade pós-moderna está deixando de ser patriarcal, hierarquizada, passando a priorizar os laços da fraternidade, numa constante abertura à dimensão comunitária da socialidade. Vê-se isso na importância que as pessoas dão à moda, na manifestação do instinto de imitação, nas pulsões gregárias de todos os tipos, nas múltiplas histerias coletivas, nos grandes eventos esportivos, musicais e religiosos:

É em função dos gostos sexuais, das solidariedades de escolas, das relações de amizade, das preferências filosóficas ou religiosas que vão se constituir as redes de influência, a

camaradagem e outras formas de ajuda mútua. “Redes das redes” (...), onde o afeto, o sentimento, a emoção sob suas diversas modulações têm um papel essencial (Maffesoli, 2006:14).

Assim, não é mais um indivíduo poderoso ou uma instituição quem domina a sociedade, mas a paixão comunitária. “Trata-se da saturação do sujeito, da subjetividade de massa” (Maffesoli, 2006:15). É a decadência do esquema substancialista do Ocidente, da ontologia como ponto de partida: Ser, Deus, Estado, Instituições, Indivíduo. O *ego cogito* não é mais soberano; ele deu lugar aos afetos locais, a um “pensamento do ventre”, que sabe valorizar os sentidos, as paixões e as emoções comuns. É o primado da *persona*.

Quando se olha para a vida cotidiana, percebe-se como o emocional tem dominado o comportamento das pessoas. “Pode-se dizer que assistimos tendencialmente à substituição de um social racionalizado por uma socialidade com dominante empática” (Maffesoli, 2006:39). Essa tendência ao emocional e comunitário caminha, lado a lado, com o desenvolvimento tecnológico e econômico. As metrópoles desumanizam as pessoas; por isso, partilham seus sentimentos e sua paixão em agrupamentos específicos.

Maffesoli afirma que, na pós-modernidade, está acontecendo a passagem do social para a socialidade. Segundo ele, vivemos o tempo das “aldeias”. A vida social tem como ponto de partida o local, o território, o conhecimento ordinário. A vida se sedimenta nos bairros, na força das comunidades, na transcendência do indivíduo, e não mais na política. Nessas aldeias vive-se, em extremo, o presente e a estrutura da “família ampliada”. “Em uma palavra, a *economia* da ordem política, fundamentada na razão, no projeto e na atividade, dá lugar à ecologia de uma ordem orgânica (ou holística), integrando ao mesmo tempo a natureza e a proxemia” (Maffesoli, 2006:125).

Eis algumas características da socialidade: o relativismo do viver, a experiência do outro, o diálogo, a relação táctil: “Na massa nos cruzamos, nos roçamos, nos tocamos, interações se estabelecem, cristalizações se operam e grupos se formam” (Maffesoli, 2006:128). O pensador francês chama essas relações de “união em pontilhado”, comparando o que acontece hoje com a vida das primeiras comunidades cristãs, formadas por pequenos grupos espalhados pelo Império Romano, de cuja experiência nasceu a expressão “comunhão dos santos”. Hoje nos confrontamos com uma forma de comunhão dos santos. “As mensagens de computador, as redes sociais, as diversas solidariedades, os encontros esportivos e musicais são todos indícios de um

ethos em formação. É isso que delimita esse novo espírito do tempo que podemos chamar de socialidade” (Maffesoli, 2006:129).

Na pós-modernidade, o homem não é mais considerado uma ilha. Deus e a Teologia, o Espírito e a Filosofia, o Indivíduo e a Economia estão cedendo lugar ao neotribalismo, que não tem projeto político, não busca nenhuma finalidade e tem como única razão de ser a experiência do presente vivido sem preconceitos. Maffesoli esclarece a diferença entre as características do social e da socialidade. No social, o indivíduo podia ter uma função na sociedade, e funcionar no âmbito de um partido, de uma associação, de um grupo estável. Na socialidade, a pessoa representa papéis, tanto dentro de sua atividade profissional quando no seio das diversas tribos de que participa. Mudando o seu figurino, ela vai assumir o seu lugar de acordo com seus gostos (sexuais, culturais, religiosos e outros), a cada dia, nas diversas peças do teatro do mundo. No social, existia a autenticidade; na socialidade, o que existe é a superficialidade, a aparência — e, nesse contexto, não é difícil perceber onde o pensamento maffesoliano, por vias diversas e com sentidos novos, se aproxima das idéias de fluidez dos líquidos de que trata Zygmunt Bauman (2001).

A teatralidade instaura e reafirma a comunidade. O culto do corpo, os jogos de aparência só valem porque se inscrevem em uma cena ampla onde cada um é, ao mesmo tempo, ator e espectador. (...) É próprio do espetáculo acentuar, diretamente, ou de maneira eufemística, a dimensão sensível, tátil da existência social. Estar-junto permite tocar-se. Todos os prazeres populares são prazeres de multidão ou de grupo (Maffesoli, 2006:134).

Essa necessidade humana de agrupar-se, de viver em tribos e comunidades, está na sua essência, desde quando houve a passagem do *sapiens* para o *homo sapiens*, com o aumento da complexidade cerebral. Edgar Morin, no livro *O enigma do homem*, afirma que essa complexidade traduziu-se por uma complexificação microssocial (indivíduo, família), macrossocial (abertura para o exterior por exogamia, troca, alianças), uma complexificação do sistema de comunidades e uma nucleação cultural a partir do mito e da magia: “A prodigiosa diáspora que espalhou o *homo sapiens* por todo o planeta, em algumas dezenas de milhares de anos, é a da *arkhé-sociedade*. Foi acompanhada por uma extraordinária diversificação das raças, das etnias, das culturas, das linguagens, dos mitos, dos deuses” (Morin, 1979:156). Segundo Morin, formaram-se sociedades duras e sociedades doces, sociedades curvadas sob a necessidade e

sociedades que satisfaziam sem dificuldades suas necessidades, sociedades em que a caça permanecia preponderante e sociedades em que a colheita ou a apanha voltavam a tornar-se preponderantes, sociedades agressivas e sociedades passivas, sociedades com forte opressão e sociedades com fraca opressão, sociedades com etiqueta minuciosa e sociedades de grande espontaneidade, sociedades de morte pesada e sociedades de morte leve, sociedades possuídas pelos espíritos e sociedades que brincavam com os espíritos, sociedades mais dedicadas aos deuses e sociedades mais dedicadas aos homens, sociedades que oprimiam duramente a mulher e sociedades em que a mulher é apenas menos importante, sociedades luxuriosas e sociedades abstinentes, sociedades “apolíneas” e sociedades “dionisíacas”. Todas elas se baseiam em um sistema cujo elemento generativo é a cultura. Todas usam linguagem de dupla articulação. Todas conhecem regras de parentesco, casamento, exogamia, ritos, mitos, magia, cerimônias da morte e da vida, crença numa sobrevivência, arte, dança e canto.

Para Morin, o nascimento da família aconteceu com a verticalização do homínida, sendo possível a relação sexual frontal e o desabrochar da atração erógena — os lábios, os seios inchados, o pênis espesso e longo —, bem como a erotização do rosto. A mulher passa a ter orgasmo. A partir de então, o homem e a mulher se amam, “estão nos braços um do outro”. Assim nasce o amor, combinando sexualidade, erotismo e ternura, amor que encontrará alicerce social no casamento. Dessa união homem-mulher brotam os filhos e a abertura sociológica: “A família é um subsistema aberto para o sistema social. O pai-marido pertence à classe dos homens, a mulher ao grupo das mulheres, o filho, a partir de certa idade, ao grupo dos jovens não-iniciados” (Morin, 1979:161). Todavia, esses agrupamentos eram formados por algumas dezenas de indivíduos e não estavam ligados intimamente uns aos outros. Somente com o crescimento dos grupos, as delimitações de território, cooperações, amizades é que vai surgir a exogamia. Ela favoreceu a diversificação étnica, o desenvolvimento das singularidades individuais, impedindo, ao mesmo tempo, que a espécie humana se quebrasse em várias espécies. “Através e apesar das diferenças de raças e de etnias, a espécie humana, diasporada pelo imenso planeta, manteve, graças à *arkhé*-sociedade, sua unidade” (Morin, 1979:165).

Com a constante multiplicação de pequenos grupos sociais, a complexificação do conhecimento técnico, da linguagem, aumenta o papel generativo da cultura. As atividades vão sendo integradas num ciclo cosmo-mitológico; as cerimônias fomentam a comunicação com o todo e entre todos. As regras de organização da sociedade são

consagradas pela magia, pelo rito e pelo mito. Desse modo, o ser humano estará apto a dar um passo gigantesco: da *arkhé*-sociedade para a sociedade histórica, cuja base vai ser a cidade.

O que Morin chama de “terceira nascença do homem” aconteceu há cerca de 10 mil anos na Baixo-Mesopotâmia e região do rio Jordão, em volta dos vales férteis, onde se haviam desenvolvido as culturas do milho, da cevada, e onde a dialética da concentração demográfica, do trabalho, da técnica, da troca, da federação, da guerra e da conquista fez surgir as primeiras grandes cidades, através de um processo federativo-associativo, ou de um processo dominador-avassalador, ou com a chegada de migradores e pilhantes e até mesmo de nômades espoliadores e conquistadores.

Mas a cidade também pode nascer como coroamento da conquista de um rei guerreiro, que, depois de ter dominado uma poeira de pequenas sociedades rurais, instala seu palácio, o templo, a guarnição, os ergástulos, recebe o tributo que se tornará imposto, e funda, ao mesmo tempo, o Estado e a Cidade (...), um metassistema e um megassistema, em comparação com a *arkhé*-sociedade (Morin, 1979: 180-181).

Com o desenvolvimento das sociedades históricas, surge a grande cidade ou metrópole. É nela que apareceu a escrita, a filosofia, a autonomia do indivíduo, a ordem e a desordem. Assim, a instabilidade faz brotar as crises, liberta as forças demenciais que a *arkhé*-sociedade havia acorrentado e controlado. “Mas é nessa mesma instabilidade que residem as fontes da evolução, isto é, de desorganização e reorganização” (Morin, 1979:190), evolução cujo motor vai ser a incerteza. Mas o tempo foi passando... e, para Morin, a evolução do homem não está necessariamente ligada à história; pode-se, portanto, imaginar a possibilidade de uma evolução meta-histórica, o nascimento de uma quarta forma de sociedade, ou seja, uma quarta nascença da humanidade, uma sociedade hipercomplexa.

Essa hipercomplexidade é visível na sociedade pós-moderna, na qual, como afirma Maffesoli, o indivíduo significa menos do que a comunidade a qual se inscreve; onde importa menos a grande história factual do que as histórias vividas no dia a dia, as situações imperceptíveis que constituem a trama comunitária. Para ele, deve-se estar atento ao componente relacional da vida social. O homem em relação. Não apenas a relação interindividual, mas também a que nos liga a um território, a uma cidade, a um meio ambiente natural que partilhamos com outros, às pequenas histórias do dia a dia, ao tempo que se cristaliza em espaço. A partir daí, a história de um lugar se torna história pessoal. Por sedimentação, tudo o que é insignificante — rituais, odores, ruídos,

imagens, construções arquitetônicas — se transforma no que Nietzsche chamou de “diário figurativo”. “Diário que nos ensina o que é preciso dizer, fazer, pensar, amar. Diário que nos ensina ‘que podemos viver aqui, já que vivemos aqui’” (Maffesoli, 1998:170).

O que se vê no novo milênio é a saturação do modelo puramente racional e progressista do Ocidente. Assiste-se ao advento de uma nova sociedade, com a “orientalização” do mundo, uma ênfase maior ao afetual, às relações de vizinhança, a ritualização do bairro; enfim, ao sentimento partilhado, qualquer que seja o território em questão ou o conteúdo da afeição: “interesses culturais, gostos sexuais, cuidados vestimentares, representações religiosas, motivações intelectuais, engajamentos políticos, (...) nutrientes ao que chamo de neotribalismo” (Maffesoli, 1998:188).

As tribos urbanas são mobilizadas, segundo Maffesoli, pelo *não-racional*. O *não-racional* não é o irracional, não se posiciona com relação ao racional, como acontece de acordo com uma lógica que domina o mundo desde o Iluminismo. Agora se admite que a racionalidade, tal como gestada nos séculos XVIII e XIX, é apenas um dos modelos possíveis da razão que age na vida social. Portanto, o afetual e simbólico podem ter a sua própria racionalidade. O sociólogo francês usa dois termos para expressar seu pensamento, voltado para a existência, para a alma do mundo: “conhecimento comum” e “razão sensível”, não por acaso títulos de duas de suas mais conhecidas obras. A racionalidade que se anuncia agora se organiza em torno de um eixo (guru, ação, prazer, espaço) que, ao mesmo tempo, liga as pessoas e as deixa livres. O fato de pertencer não é absoluto, cada um pode participar de uma infinidade de grupos, investindo, em cada um deles, uma parte importante de si próprio. “Esse borboleteamento é, certamente, uma das características essenciais da organização social que se está esboçando” (Maffesoli, 1998:202).

Depois do domínio do racionalismo, emerge o mundo da vida, uma mistura de ternura e crueldade. As grandes teorias elaboradas no Ocidente já não alcançam tanta adesão. Hoje se vê surgir a lógica da alteridade, o retorno a pensamentos arcaicos, o “sentir o pensar”, e o “pensar o sentir”.

O neurocientista António Damásio, professor e chefe do Departamento de Neurologia da Universidade de Iowa, nos EUA, no livro *O erro de Descartes*, mostra a importância da emoção na vida do homem. A visão dualista de Descartes separava emoção, razão e mente, com seu “penso, logo existo”, talvez a afirmação mais famosa da história da filosofia. Damásio, por sua vez, diz que esse foi o grande erro do filósofo

francês, pois a afirmação sugere que pensar e ter consciência de pensar são os verdadeiros substratos de existir. E, como Descartes via o ato de pensar como uma atividade separada do corpo, isso significa a separação da mente, a “coisa pensante”, do corpo não pensante. No entanto, diz Damásio, antes do aparecimento da humanidade, os seres já eram seres. Num dado ponto da evolução, surgiu uma consciência elementar. Com essa consciência elementar, apareceu uma mente simples; com uma maior complexidade da mente, veio a possibilidade de pensar e, mais tarde ainda, de usar linguagens para comunicar e melhor organizar os pensamentos. “Para nós, portanto, no princípio foi a existência e só mais tarde chegou o pensamento” (Damásio, 2006:279).

Para Damásio (2006), o filósofo francês é símbolo de um conjunto de idéias acerca do corpo, do cérebro e da mente que, de uma maneira ou de outra, continuam a influenciar as ciências e as humanidades no mundo ocidental. A preocupação é dirigida tanto à noção dualista com a qual Descartes separa a mente do cérebro e do corpo como às variantes modernas dessa noção, por exemplo: a idéia de que mente e cérebro estão relacionados, mas apenas no sentido de a mente ser o programa de *software* que corre numa parte do *hardware*, chamado cérebro; ou que cérebro e corpo estão relacionados, mas apenas no sentido de o primeiro não conseguir sobreviver sem a manutenção que o segundo lhe oferece. Damásio não descarta a importância da razão para a vida do homem, mas alerta para o perigo de o homem cair no racionalismo ao desprezar as emoções:

Qual foi, então, o erro de Descartes? (...) A afirmação “Cogito ergo sum” ilustra exatamente o oposto daquilo que creio ser verdade acerca das origens da mente e da relação entre a mente e o corpo. A afirmação sugere que pensar e ter consciência de pensar são os verdadeiros substratos de existir. E, como sabemos que Descartes via o ato de pensar como uma atividade separada do corpo, essa afirmação celebra a separação da mente, a “coisa pensante” (*res cogitans*), do corpo não pensante, o qual tem extensão e partes mecânicas (*res extensa*) (Damásio, 2006:279).

Kunsch, no texto *Aquém, em e além do conceito: comunicação, epistemologia e compreensão*, dá pistas das origens do que ele chama de Signo da Explicação. O autor lembra que a longa e caudalosa tradição científica estende suas raízes lá para trás do tempo, até a Grécia Antiga, “embora assumam seu evidente rigor, vigor, e às vezes rancor a partir do início da modernidade”, com nomes como Bacon, Galileu e outros, atingindo o ápice com René Descartes. Para Kunsch, buscar a compreensão — no sentido de um

pensamento que junta, integra, faz as pessoas e os sentidos dialogarem uns com os outros — muitas vezes é sofrer a incompreensão:

(...) A crítica aqui proposta ao modelo de pensamento empírico-racionalista não dura muito tempo para ser desclassificada, às vezes com violência, como se fosse uma postura retrógrada de descrédito na ciência, quando não de apologia ignorante do obscurantismo. Não convém se assustar com certo tipo de reação, não exatamente racional nem tampouco científica de um pensamento aqui e acolá arredo à crítica, por ter se habituado a pôr pontos finais lá onde interrogações, vírgulas, ponto-e-vírgulas e reticências ofereceriam maior garantia na difícil arte de exorcizar o dogmatismo e abrir o terreno à compreensão (Kunsch, 2009:64).

Valorizando também a emoção, Maffesoli defende que é preciso aproximar paixão e razão, valorizar os sentimentos compartilhados, a memória coletiva, o inconsciente coletivo, o lúdico e o onírico, pois o vínculo social, na pós-modernidade, é mais carnal que cerebral: o estar-junto não precisa mais se dotar de uma racionalização distante, de um progresso social ou de um paraíso celeste por vir, preferindo viver o instante. Seja nas idas às “boates”, nos ajuntamentos religiosos, nas diversas peregrinações exóticas ou nos inúmeros eventos esportivos, o que se exalta é a vida no que ela tem de sensível e afetivo. O ascetismo, a renúncia, a mortificação, próprios do judaísmo-cristianismo, perderam fôlego. O que se percebe é um “presente eterno”, no qual o selvagem, a tecnologia e os arquétipos convivem bem, estão numa sinergia:

Estamos no próprio coração do retorno das figuras míticas no festivo contemporâneo, uma celebração das raízes, uma busca desenfreada dos símbolos, o desejo de estar ligado novamente à alteridade através de arquétipos que não se representam, mas são vividos aqui e agora (Maffesoli, 2007:46).

O neotribalismo, diferentemente da Indústria Cultural que via tudo como mercadoria e as pessoas como massa, une arcaísmo e tecnologia, enraizando as pessoas em um território que pode ser ao mesmo tempo real (o local onde vivemos), ou virtual (possibilitado pelos modernos meios de comunicação, sobretudo a internet). Territórios simbólicos em que a imagem, o símbolo, tudo o que é “irreal”, ocupa lugar privilegiado. No neotribalismo, o sujeito já não é senhor de sua história, mas participante de uma comunidade de destino. Não importa “A Verdade”, mas verdades momentâneas, factuais, ligadas à vida das comunidades e das tribos. “Como já assinalei, estamos efetivamente entrando, e de forma irreversível, no Tempo das Tribos. O tempo desses

intelectuais que subordinam seu próprio julgamento ao do grupo de que fazem parte” (Maffesoli, 2007:152).

No tempo das tribos, as pessoas não querem mais conceitos fechados e totalitários, mas noções, metáforas e analogias. Pode-se ver em tudo isso um reencantamento do mundo, um novo olhar para o conhecimento ordinário, ou da praça pública, “uma mistura de rigor e poesia, de razão e paixão, de lógica e mitologia, (...) uma mistura inextricável de inteligível e de sensível, de *sapiens* e de *demens*” (Maffesoli, 2007a:92). É o ser humano vivendo sob o signo da desordem, cujas características Morin assim descreve:

Um ser de uma afetividade imensa e instável, que sorri, ri, chora, um ser ansioso e angustiado, um ser gozador, embriagado, extático, violento, furioso, amante, um ser invadido pelo imaginário, um ser que conhece a morte e não pode acreditar nela, um ser que segrega o mito e a magia, um ser possuído pelos espíritos e pelos deuses, um ser que se alimenta de ilusões e de quimeras, um ser subjetivo cujas relações com o mundo objetivo são sempre incertas, um ser submetido ao erro, ao devaneio, um ser híbrido que produz a desordem. E como chamamos loucura à conjunção da ilusão, do descomedimento, da instabilidade, da incerteza entre real e imaginário, da confusão entre subjetivo e objetivo, do erro, da desordem, somos obrigados a ver o *homo sapiens* como *homo demens* (Morin, 1979:116-117).

Essa complexidade que envolve a história humana torna-se palpável quando se vai ao encontro da experiência comum, da banalidade do cotidiano, pois é esse entrelaçamento do racional e não-racional que move as histórias humanas, a vida social. Cada homem é uma “síntese individualizada” da sociedade: “A complexidade cotidiana, a ‘cultura primeira’, merece uma atenção específica — e a isto propus que se denominasse *conhecimento comum*” (Maffesoli, 2007a:260).

A situação do homem na pós-modernidade é paradoxal. Estamos num momento de crise, de acrisolamento. Mas crise não é negatividade. Se as dificuldades são encaradas com coragem e abertura, descobrem-se portas e janelas onde só se via um muro alto e contínuo. Urge, na sociedade pós-moderna, neotribal, o aprendizado e o ensino da compreensão. Para Morin, as interdependências multiplicaram-se. A consciência de ser solidários com a vida e a morte, de agora em diante, une os humanos uns aos outros. “A comunicação triunfa, o planeta é atravessado por redes, fax, telefones celulares, *modems*, internet”. Entretanto, a incompreensão permanece geral, pois nenhuma técnica de comunicação, do telefone à internet, traz por si mesma a compreensão. “Educar para compreender a matemática ou uma disciplina determinada é uma coisa; educar para a compreensão humana é outra. (...) A missão propriamente

espiritual da educação é ensinar a compreensão entre as pessoas como condição e garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade” (Morin, 2000:93).

Todavia, o que Maffesoli chama de pós-modernidade, nesse contexto, não significa simplesmente uniformização, homogeneização. Marc Augé, etnólogo francês, professor de antropologia da École des Hautes Études em Sciences Sociales e diretor de pesquisa do Centre National de La Recherche Scientifique, em Paris, prefere usar o termo “sobremodernidade”, acentuando a idéia da coexistência das correntes de uniformização e dos particularismos, signo de uma lógica do excesso: excesso de informação, de imagens e de individualismo. Paralelo ao neotribalismo, vê-se também a multiplicação das reivindicações de identidade local com formas e em escalas muito diferentes entre umas e outras: “Cada um pode constatar felizmente que o mundo não está definitivamente sob o signo da uniformidade e, ao mesmo tempo, inquietar-se diante das desordens e das violências geradas pela loucura identitária” (Augé, 2006:100). Para esse autor, o mundo contemporâneo é, ao mesmo tempo, unificado e dividido, uniformizado e diverso, desencantado e reencantado. Não estamos no fim da história e da modernidade, mas, segundo ele, sofrendo de um excesso de modernidade. Excesso de informação, que “nos dá a sensação de que a história se acelera. Cada dia somos informados do que acontece nos quatro cantos do mundo. Naturalmente esta informação é sempre parcial e talvez tendenciosa: mas, (...) reforça-nos cada dia o sentimento de estarmos dentro da história” (Augé, 2006:104). Excesso de imagens, que iguala acontecimentos, pessoas, e torna incerta a distinção entre o real e a ficção. Excesso de individualismo que, segundo Augé, “consiste na individualização passiva, muito diferente do individualismo conquistador do ideal moderno: uma individualização de consumidores cujo aparecimento tem a ver (...) com o desenvolvimento dos meios de comunicação” (Augé, 2006:106).

Retomando, nesse contexto, o tema deste trabalho, é possível imaginar que os jornalistas que narram histórias de vida precisam desenvolver olhares, ouvidos e corações compreensivos às diversas manifestações da sociedade. Sem uma atitude compreensiva, as narrativas da realidade serão pobres e superficiais, como chuva caindo sobre uma pessoa protegida por um guarda-chuva, ou sementes lançadas sobre terra pedregosa.

Nas histórias de vida publicadas nos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Correio Popular* e *Gazeta do Cambuí*, escolhidos para esta pesquisa, podemos encontrar muitos elementos do neotribalismo estudado por Maffesoli. Esses três veículos de comunicação

trazem histórias de vida e perfis de pessoas que têm lutado por uma sociedade mais justa, fraterna e solidária. São histórias de pessoas simples, em sua maioria, mas que sonham que um mundo melhor é possível e batalham para isso. Histórias em que prevalecem o não-racional, o afeto, a compreensão e o engajamento comunitário — muitos desses valores, trazidos à tona pelo pensamento maffesoliano. Textos que revelam a complexidade do ser humano, onde *sapiens* e *demens* se dão as mãos. Histórias que tocam a alma e apontam para a luz que brilha no fim do túnel. Histórias que transformam o caos em cosmos, como diz Medina. Narrativas que se tecem, constroem, elaboram, montam, representam um esforço respeitável de organização do caos. O que nos é dado perceber, tanto numa perspectiva intimista, voltada para dentro, quanto numa perspectiva do eu no mundo, o mundo e eu, sempre se apresenta ou está aí como um caos. Medina reforça:

A arte de narrar acrescentou sentidos mais sutis à arte de tecer o presente. Uma definição simples é aquela que entende a narrativa como uma das respostas humanas diante do caos. Dotado da capacidade de produzir sentidos, ao narrar o mundo, a inteligência humana organiza o caos em um cosmos (Medina, 2003:47).

A fluidez, a virtualização e o neotribalismo podem ser percebidos no cotidiano da sociedade contemporânea. O jornalismo caminha nessa realidade, muitas vezes perdido no deserto à procura de um oásis para matar a sede, a fome e aliviar o cansaço. Muitos profissionais da comunicação querem fazer coisas diferentes, descobrir caminhos para a própria vida e encontrar um sentido novo para seu trabalho. As histórias de vida são ótimas oportunidades de crescimento pessoal e de conhecimento do mundo, sobretudo quando acontece uma sintonia entre leitor e personagem. Medina diz pesar para o leitor de uma narrativa o grau de identificação com os anônimos e suas histórias de vida. De certa forma, a ação coletiva da grande-reportagem ganha em sedução quando quem a protagoniza são pessoas comuns que vivem a luta do cotidiano.

O jornalista é convidado a sair de si, de seu mundo, e a aceitar uma aventura, dar o primeiro passo, atravessar o primeiro limiar da jornada do herói, proposta pelo mitólogo Joseph Campbell.

4. O mito e as narrativas da vida real

As narrativas da contemporaneidade têm como estrutura as narrativas míticas ancestrais da humanidade. Quando assistimos novelas, filmes, ouvimos música ou lemos livros, revistas e jornais, impressos ou na internet, percebemos que as questões de fundo são praticamente sempre as mesmas. Mito, ficção e realidade se misturam atemporalmente. O mito foi colocado nos porões do saber humano, guardado no baú, rotulado como coisa infantil, sobretudo a partir do século XVIII, com o Iluminismo, o Hegelianismo e o Positivismo, repercutindo até nossos dias.

Para Kunsch, “a crença inabalável na razão, como senhora absoluta de todo conhecimento humano, e no destino glorioso da ciência empírica não é responsável única pelo desprezo que os autores concentrados ao redor dessas posturas filosóficas nutrem pelo mito” (2007:32). Esse desprezo tem a ver, também, com o modo altamente reducionista, como o concebem. Mito não é ilusão ou crença em vãs utopias, mas sonho humano que se torna forte, principalmente, nos momentos de sofrimento e dor. O mito não é história que se conta, mas uma forma de conhecimento do mundo. Não é somente a ciência que conhece o mundo. A narrativa é uma das formas mais ancestrais de a humanidade conhecer-se e conhecer o mundo. O mito não é um modo inferior de pensamento, e nem desapareceu, pois freqüenta os grandes sonhos da humanidade, torna os homens mais humanos. “Onde quer que o homem ponha os pés, ele sempre pisa mil caminhos. A antiga sabedoria indiana presta uma boa ajuda às noções (...) de uma visão das diferentes narrativas como instrumentos na dura arte de nos compreendermos como humanos” (Kunsch e Medina, 2007:33).

Um dos maiores mitólogos de todos os tempos, Joseph Campbell, esclarece no livro *O herói de mil faces* que, em todo o mundo habitado, em todas as épocas e sob todas as circunstâncias, os mitos humanos têm florescido. Da mesma forma, esses mitos têm sido a viva inspiração para todos os demais produtos possíveis das atividades do corpo e da mente humanos.

Para Campbell, não seria demais considerar o mito a abertura secreta, através da qual as inexauríveis energias do cosmos penetram nas manifestações culturais humanas: “As religiões, filosofias, artes, formas sociais do homem primitivo e histórico, descobertas fundamentais da ciência e da tecnologia e os próprios sonhos que nos povoam o sono surgem do círculo básico e mágico do mito” (Campbell, 2007:15). É por isso que há tantas histórias de heróis na mitologia. Segundo Campbell, mesmo nos romances populares, o protagonista é um herói ou uma heroína que descobriu ou realizou alguma coisa além do nível normal de realizações ou de experiência. “O herói é alguém que deu a própria vida por algo maior que ele mesmo” (Campbell, 1993:131). O herói enfrenta uma jornada para conquistar seus objetivos.

Campbell resume a jornada do herói da seguinte maneira: o herói mitológico, saindo de sua cabana ou castelo cotidianos, é atraído, levado ou se dirige voluntariamente para o limiar da aventura. Ali, encontra uma presença sombria que guarda a passagem. O herói pode derrotar essa força, assim como pode fazer um acordo com ela, e penetrar com vida no reino das trevas (batalha com o irmão, batalha com o dragão; oferenda, encantamento); pode, da mesma maneira, ser morto pelo oponente e descer morto (desmembramento, crucifixão). Além do limiar, o herói inicia uma jornada por um mundo de forças desconhecidas e, não obstante, estranhamente íntimas, algumas das quais o ameaçam fortemente (provas), ao passo que outras lhe oferecem uma ajuda mágica (auxiliares). Quando chega ao nadir da jornada mitológica, o herói passa pela suprema provação e obtém sua recompensa. Seu triunfo pode ser representado pela união sexual com a deusa-mãe (casamento sagrado), pelo reconhecimento por parte do pai criador (sintonia com o pai), pela sua própria divinização (apoteose) ou, mais uma vez – se as forças se tiverem mantido hostis a ele – pelo roubo, por parte do herói, da bênção que ele foi buscar (rapto da noiva, roubo do fogo); intrinsecamente, trata-se de uma expansão da consciência e, por conseguinte, do rei (iluminação, transfiguração, libertação). O trabalho final é o do retorno. Se as forças abençoarem o herói, ele agora retorna sob sua proteção (emissário); se não for esse caso, ele empreende uma fuga e é perseguido (fuga de transformação, fuga de obstáculos). No limiar do retorno, as forças

transcendentais devem ficar para trás, o herói reemerge do reino do terror (retorno, ressurreição). A bênção que ele trás consigo restaura o mundo (Campbell, 2007).

No livro *A jornada do escritor*, Christopher Vogler, que adaptou para o cinema a *Jornada do Herói* de Campbell, reforça que o mito não é uma inverdade, nem um exagero fantástico. Um mito é um tipo especial de história que lida com os deuses ou as forças da criação, e com as relações entre essas forças e os seres humanos. Vogler explica que o mito é uma metáfora de um mistério que aponta para algo que está além da compreensão humana. É uma comparação que nos ajuda a entender, por analogia, alguns aspectos de nosso eu misterioso. Desse modo, um mito não é uma mentira, mas uma maneira de se chegar a uma verdade profunda. Nem todas as histórias modernas são mitos, nem chegam a ter dimensões míticas, mas as histórias que contamos hoje em dia têm muita coisa em comum com a antiga energia que anima os mitos. “Os padrões estruturais e os personagens arquetípicos dos mitos fornecem a base de todas as narrativas modernas” (Vogler, 1992:6).

Vogler adaptou os passos da *Jornada do Herói* de Campbell para o cinema, resumindo-os em doze estágios:

01. Os heróis são apresentados no MUNDO COMUM, onde
02. recebem um CHAMADO À AVENTURA.
03. Primeiro, ficam RELUTANTES ou RECUSAM O CHAMADO, mas
04. num Encontro com o MENTOR são encorajados a fazer a
05. TRAVESSIA DO PRIMEIRO LIMIAR e entrar no Mundo especial, onde
06. encontram TESTES, ALIADOS E INIMIGOS.
07. Na APROXIMAÇÃO DA CAVERNA OCULTA, cruzam um segundo limiar
08. onde enfrentam a PROVAÇÃO SUPREMA.
09. Ganham sua RECOMPENSA e
10. são perseguidos no CAMINHO DE VOLTA ao Mundo Comum.
11. Cruzam então o Terceiro Limiar, experimentam uma RESSURREIÇÃO e são transformados pela experiência.
12. Chega então o momento do RETORNO COM O ELIXIR, a bênção ou o tesouro que beneficia o Mundo Comum (Vogler, 1992:44).

O método da *jornada do herói* oferece ao jornalista condições para humanizar o texto, seja na captação das informações ou na redação da história de vida. Esse método contribui não só para contar a história de personalidades, de celebridades, mas também de pessoas comuns. “Uma história de vida bem mapeada permite não só ampliar a visão de mundo do entrevistado, mas que esta ação, à semelhança dos círculos concêntricos que se expandem a partir de uma pedra jogada na água, permite aumentar a consciência

num nível histórico, familiar, comunitário e até planetário” (Martinez, 2008:43). Contudo, esse trabalho não é tarefa fácil:

A captação de uma história de vida contemporânea resulta num caleidoscópio vivo cuja compreensão e redação é tão desafiante quanto fascinante. Até porque, neste mundo globalizado, coexistem numa mesma pessoa desde superstições que remontam aos homens das cavernas, como o temor de raios e trovões, às questões biológica, emocional, intelectual e espiritual, mergulhadas na complexa rede de inter-relações sociológicas, históricas e ecológicas nas quais está entranhada (Martinez, 2008:46).

Kunsch e Martinez, no artigo “Histórias de vida produzidas por jornalistas-escritores: uma experiência”, apontam a importância da jornada do herói para a construção de narrativas da vida real na contemporaneidade, “parte integrante e essencial ao conceito de Jornalismo Transformativo”, de que fala Lima. Para eles, no contexto das narrativas contemporâneas inspiradas na estrutura mítica, o protagonista da história é, portanto, alguém que, ligado às forças motrizes e transformadoras da vida, torna-se um reformador social. Ele deixa de pensar, prioritariamente, em si mesmo para se doar a um objetivo mais elevado ou a outrem. “Essa personagem principal da história pode consagrar sua vida, de forma simbólica, a seu núcleo familiar, comunitário ou social, como no caso de um cientista que tinha de compartilhar menos tempo com a família do que gostaria para se dedicar à pesquisa” (Kunsch e Martinez, 2007:34).

As narrativas construídas com base na estrutura da jornada do herói têm forças para ampliar a consciência dos leitores e transformá-los em pessoas melhores. Justamente pelo fato de falar de vida e não apenas de informar sobre acontecimentos do dia a dia. E não importa qual o veículo que levará essa oportunidade para os leitores:

(...) Não importa a plataforma — uma parede protegida numa caverna ou jornais, revistas, filmes, programas de rádio ou TV, portais, blogs, e-books lidos no computador ou celular. As histórias que o jornalista conta, dia após dia, por meio dos testes, provações, intuições e revelações iluminadoras dos protagonistas da narrativa, podem ajudar o receptor midiático a refletir sobre sua existência. Podem ajudá-lo a transformar essa existência com a agilidade e criatividade necessárias, de forma a viver de maneira mais humana e plena em um cenário planetário que sofre alterações de proporções e velocidade jamais vistas na história da humanidade (Kunsch e Martinez, 2007:40).

O jornalismo descobre, a cada dia, novas técnicas para a produção do material que será publicado nas mídias informativas, tendo como meta, em nossos tempos de constantes mudanças, a rapidez da captação e da veiculação das notícias que interessam aos seus consumidores. Contudo, para Martinez, essas técnicas não dão conta de revelar

o que há de mais profundo nos acontecimentos, pois essa forma de abordagem da realidade é marcadamente iluminista (vendo o homem como puramente racional), materialista (só é considerado o que existe em corpo material), reducionista (a realidade precisa ser reduzida, fragmentada, para ser compreendida), mecanicista e positivista (a natureza precisa estar em função do ser humano). “Essa abordagem não é mais suficiente para explicar o universo complexo que marca a época contemporânea” (Martinez, 2008:29), pois a comunicação social é feita por humanos e para seres humanos. “Nada mais natural que a defesa da humanização da narrativa para atingir um público em potencial que a cada dia está mais perplexo diante de um novo mundo, globalizado e sistêmico” (Martinez, 2008:32).

Dessa forma, o repórter que busca a compreensão em suas narrativas da vida real deve praticar a inclusão, o diálogo; nunca pensar que está começando do zero; valorizar a polifonia, o abraço, o afeto, a vida:

A frase de Shakespeare, de que “há mais mistérios entre o céu e a terra do que imagina nossa vã filosofia”, talvez possa ser aplicada ao campo da comunicação, naquilo que ajuda a entender os rumos possíveis de um pensamento de matriz compreensiva. Um pensamento que junta; que não descarta o que não cabe nos limites de uma disciplina a se fazer doutrina, mas que chama para a conversa e o diálogo; que sabe ver o ser e o não-ser em sua dialogia, a complementariedade dos opostos, a lógica não-lógica do paradoxo. Um pensamento que jamais imagina poder começar do zero, mas que entende sua existência e possibilidade de avanço na medida mesma em que se reconhece na intertextualidade dos sentidos e vozes plurais. Um pensamento que, não sendo dual, não se pretende único (Kunsch, 2009:68).

5. O Jornalismo Transformativo e a compreensão da realidade

O mito, a jornada do herói e outras formas de compreensão do mundo podem contribuir para transformá-lo. Lima, como apontado, propõe o que denomina Jornalismo Transformativo, um modo de se praticar o jornalismo que o situa num nível diferente que o da simples informação. O jornalista pode contribuir, e muito, para esse novo salto de consciência. Em entrevista a Kunsch¹, o autor explica o que significa Jornalismo Transformativo, como resultado de uma intensa pesquisa, cujo ponto de partida foi o Jornalismo Literário e, depois, o Jornalismo Literário Avançado:

Trata-se de uma produção jornalística baseada na escola da narrativa, da profundidade, da busca de uma leitura compreensiva e contextual da realidade. Um trabalho consciente, proativamente voltado para um processo de transformação social. Do mesmo modo como provoca efeitos negativos, o jornalismo pode provocar efeitos positivos. Efeitos que despertem as pessoas para determinados temas e sejam capazes de provocar uma catarse na sua visão de mundo. Ainda que um simples texto jornalístico não vá fazer isso, o importante é que a pessoa se coloque em um processo dinâmico. Talvez a matéria jornalística seja o primeiro contato com a idéia, a proposta nova. A pessoa irá depois beber de outras fontes, até que, num determinado momento, sistematicamente, passe por um processo de transformação (www.textovivo.com.br).

Para Lima, a produção de textos narrativos de qualidade, tendo a vida real como eixo principal, envolve dois momentos importantes: a imersão, ou mergulho sem medo na realidade da personagem, e o afastamento dali para que a psiquê encontre o sentido do que foi vivido intensamente no primeiro instante, para se conseguir a compreensão do que foi experimentado. No primeiro momento, o repórter vai focar os aspectos objetivos da realidade, próprios do território lógico e concreto. Mas aqui começa uma

¹ A entrevista completa pode ser encontrada no site: www.textovivo.com.br

armadilha para o escritor da vida real. O propósito de uma boa matéria de Jornalismo Literário, e mais ainda, de Jornalismo Literário Avançado, deve ser o de buscar compreender o universo escolhido para abordagem. Significa integrar informações, encontrar associações entre elementos do mundo observado, entender o melhor possível o padrão de forças que conformaram a manifestação da realidade tal qual o repórter encontrou. “Não quer dizer explicar, tampouco estabelecer uma relação simplista de causa e efeito. Muito menos deve limitar-se a expor uma situação, mesmo que de modo extenso, sem avançar para além do nível meramente informativo”.²

Tentar compreender o mundo apenas pelo aspecto objetivo da realidade, diz Lima, “é uma roubada”. Esse pensamento que domina o mundo, a ciência, a sociedade há séculos, não é eficaz para os narradores da vida real, pois a vida real é complexa, contempla objetividade, mas também subjetividade. Lima ensina que, para entrar nesse estado psicológico que traz à superfície da consciência a compreensão intuitiva, o autor da vida real precisa silenciar-se. Não haverá fonte externa alguma que lhe ajudará em primeira instância nessa tarefa. Não adianta recorrer aos especialistas. O escritor necessita calar-se, aceitar a voz que pode surgir, tímida, em si mesmo, apresentando de súbito, num lance intuitivo revelador, o sentido de um acontecimento, de uma situação, o aspecto até então oculto de um personagem. O estado psicológico adequado para produzir essa revelação interna exige atitude contemplativa. É como se o autor, depois de passar um bom tempo convivendo com o universo sobre o qual vai narrar, se esquecesse um instante daquilo tudo, acalmasse os neurônios e então, em modo relaxado, sereno, permitisse que tudo desfilasse em sua mente, sob nova estruturação simbólica, para poder acontecer, como que num relance, a compreensão de tudo o que viveu. Essa compreensão pode surgir como um símbolo, uma imagem, uma associação de idéias, uma metáfora.

Lima ensina quatro passos para se conseguir o silêncio que faz brotar a compreensão: o sonho, a meditação, a visualização criativa e a observação da sincronicidade. O sonho pode trazer muitas coisas da experiência vivida pelo repórter quando fez a imersão. A dica é manter sempre por perto um caderno e uma caneta para anotações. A meditação é muito importante. Através dela o repórter recebe os “*insights*” de compreensão de que precisa para escrever uma história de vida que toque a alma dos leitores. A visualização criativa consiste em imaginar uma tela mental na cabeça, atrás

² Lima, www.textovivo.com.br, acessado em 06/11/2009.

da testa, projetar nela imagens espontâneas inspiradas no que foi visto, ouvido, sentido quando da imersão na realidade do personagem cuja história de vida vai ser narrada. Por fim, o repórter deve observar a sincronicidade de fatos e acontecimentos, aparentemente díspares, mas que, de súbito, trazem-lhe um sentido inesperado. Isso acontece porque, no ato de observação da realidade, o repórter não está captando apenas os sinais objetivos que estão ao redor, chamando tanto a atenção dos seus sentidos. Em segundo plano, sutilmente, outra esfera da mente está também captando os sinais subjetivos, mesmo que não perceba ou não os compreenda de imediato. Mais tarde, quando a pessoa sossega o cérebro, relaxa e usa os recursos do sonho, da meditação, da visualização criativa e da sincronicidade, está convidando uma outra parte do seu ser mais profundo para vir à tona, trazendo-lhe um presente preciosíssimo.

No livro *Páginas Ampliadas, o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*, Lima apresenta o que ele denomina os dez princípios filosóficos do Jornalismo Literário, que podem ser aplicados como instrumentos nas narrativas sob o signo da compreensão (Lima, 2009:351-448). A *exatidão* é o primeiro. O texto, para ser considerado jornalístico, deve informar, trazer a verdade para o leitor. “O modo como essas informações são apresentadas, porém, nada tem a ver com textos burocráticos e entediantes que muitas vezes encontramos em relatos jornalísticos recheados de números” (Lima, 2009:357). Como se trata de uma narrativa, o repórter deve apresentar uma cena, contar um fato, ativar a imaginação do leitor. Dentro disso, passar as informações. Lima afirma que o relato oral, as narrativas pictográficas nas cavernas, as rodas de conversas ao redor de fogueiras em tempos imemoriais, as cartas dando conta de descobertas de novos territórios, os contos de fadas, as grandes epopéias mitológicas, os testemunhos de guerras e migrações, os grandes romances e os modestos contos escritos à pena, em tempos remotos e nos computadores plugados no oceano cibernético de nossos dias, as superproduções de efeitos especiais de Hollywood e o vídeo caseiro do pai corujão, registrando os primeiros passos da filhinha, são todos elementos de uma mesma fonte-matriz: nossa propensão humana a contar histórias. Artificialmente, o jornalismo convencional esqueceu-se disso, buscando estruturar seu discurso de um modo considerado, por muito tempo, lógico, racional e objetivo. Pelo exagero, o que se gerou foi um modo de comunicação social muitas vezes asséptico. Entre a técnica da pirâmide invertida e o estilo narrativo, o leitor aprecia mais o segundo. Pois o estilo narrativo corresponde a uma tendência natural humana, há milênios, que é contar e receber (ouvir, ver, ler) histórias.

A *humanização* é um dos elementos mais importantes para uma boa história de vida. Ela deve ser o eixo da narrativa. “Onde há a pessoa humana, pode haver uma história maravilhosa a ser contada, mesmo que os primeiros indícios sejam desestimuladores. O olhar e o escrutínio do autor é que fazem a diferença. Mas a descoberta do tesouro escondido na pedra bruta exige tempo, paciência, determinação” (Lima, 2009:361).

Outro fundamento do Jornalismo Literário, de acordo com Lima, muito útil para os repórteres que narram histórias de vida, é a *universalização temática* das histórias contadas. Nos periódicos, os assuntos tratados estão quase sempre encaixados nas suas diferentes áreas de especialização. Por isso as redações dos grandes veículos de cobertura geral se organizam em torno de editorias. Cada assunto é trabalhado de acordo com os códigos, as regras e os conhecimentos peculiares de cada setor especializado. Resulta que o leitor não especializado perde a oportunidade de se interessar por determinadas áreas ao não encontrar, nos periódicos, uma linguagem e um tratamento que o permitam compreendê-las. É fundamental o exercício do discernimento do autor para apreender o que está à sua volta, obter clareza das forças dinâmicas que movem qualquer acontecimento — do esporte à política, da ciência ao comportamento, da economia à cultura —, ler a dança do universo. E localizar o papel do ser humano em qualquer situação, como agente e sujeito dos acontecimentos. “O jornalista literário é mais do que um cronista dos fatos. É um tradutor de conhecimentos. Registra, observa, testemunha, interpreta, traduz. Só assim presta um serviço que vale a pena, pois com seu esforço de apreensão reconstrói o mundo” (Lima, 2009:368).

O autor de histórias de vida precisa comunicar com desenvoltura. Para isso precisa de *estilo próprio e voz autoral*. Com imaginação e criatividade, vê o mundo com olhar diferenciado, fazendo seu texto ser singular. Para Lima, o que o leitor espera não é um discurso de “verdade absoluta”, mas sim uma leitura individual, marcada pela experiência própria do autor, seu modo de captar e expressar a realidade, sua interação com os personagens da história. O autor não é um mero compilador de dados, esforçado moleque de recados que transmite as versões dos fatos moldados, conforme os interesses de suas fontes, nem se esconde, submisso, por trás das afirmações dos especialistas. Autor de jornalismo literário tem nome, rosto, corpo, cabeça, tronco, membros. Tem mente e coração. Pensa e sente. É um estudioso constante da realidade. Interpreta, avalia, busca unir os fios de compreensão que unem ações, pessoas, ambientes. Tem virtudes e defeitos. Enxerga coisas que pessoas menos exercitadas para

contar histórias não enxergam. Mas é sua leitura particular do real, seu pensamento narrativo, que interessa ao leitor (cf. Lima, 2009:368-369).

Lima diz ainda que uma narrativa que desperta o interesse do leitor e o transforma nasce da *imersão* do repórter na realidade. “O autor precisa partir a campo, ver, sentir, cheirar, apalpar, ouvir os ambientes por onde circulam seus personagens. Precisa interagir com eles. Deve vivenciar parte da experiência de vida que eles vivem” (Lima, 2009:373). Essa observação participante, como adiantado, deve ser seguida de um afastamento da realidade observada e vivenciada, de um período de silêncio, para depois fazer brotar o texto.

Outro princípio importante para a construção de histórias de vida é o *simbolismo*. Segundo Lima, os dados factuais não dão conta de mostrar a realidade como ela é, pois todo acontecimento tem significados que fogem ao alcance da razão, que só os símbolos podem descrever. O simbolismo ajuda a consolidar na mente do leitor a síntese, a imagem, o sentido de um acontecimento, pois se vale do discurso poético, do código visual. Os significados que não estão evidentes pelos fatos é preciso ter tirocínio para entender, mesmo que o protagonista da história não os consiga verbalizar. O compromisso, enquanto autor, é ler a realidade da maneira mais fiel e completa possível. Isso exige flexibilidade mental, assim como sensibilidade para se ver, no que está sutilmente disponível, a carga simbólica oculta. É o simbolismo que permite ao autor fazer ponte entre um fato ou situação com seu sentido universal. Um dos meios de emprego do simbolismo é o uso de metáforas, o recurso de linguagem que permite substituir uma coisa por uma outra que ela não é, mas que todo mudo entende (cf. Lima, 2009:379).

A *criatividade* é outro pilar básico do Jornalismo Literário, igualmente muito útil para as narrativas da vida real sob o signo da compreensão. O repórter precisa criar coisas novas, não ficar na mesmice. Para isso, imaginação e associação são duas ótimas ferramentas. “Imaginar é ver, com os olhos da mente, possibilidades não antecipadas por outros. É discernir, mentalmente, caminhos novos para se atingir objetivos. (...) Associar é unir conteúdos que normalmente não vemos mutuamente relacionados” (Lima, 2009:384-385). Todavia, a imaginação e a associação não estão a serviço da ficção, quando se trata de vida real. É enxergar o mundo de uma forma diferente, sem inventar o que não existe naquela história. Aí reside a credibilidade de um texto jornalístico. Por isso, o jornalista deve ter *responsabilidade ética*. O pacto estabelecido entre o autor e o leitor é que o primeiro, ao apresentar uma história de jornalismo

literário ao segundo, entrega-lhe algo que corresponde a uma verdade, ainda que a uma verdade possível, por se tratar de uma representação, uma espécie de edição do mundo. Não há, ali, propriamente, conteúdos ficcionais. O autor não deve jamais desvincular-se desse voto de fé, pois uma vez comprometido, sua reputação vai por água abaixo. Uma narrativa de jornalismo literário não é uma tese científica. O autor não é obrigado a encontrar hipóteses rígidas, nem comprovar nada, a partir de uma tese prioritariamente esboçada. “Sua missão é narrar organicamente, com vigor real, o que vê, sente, cheira, constata. O que compreende da realidade que vivencia, o que apreende da humanidade de seus personagens. Nada mais do que isso (Lima, 2009:392).

Para Lima, o autor de histórias de vida também precisa buscar a *compreensão*, vencer o pensamento que quer explicar tudo, numa visão unilateral, verticalizada e reducionista dos acontecimentos. A compreensão busca exibir o mundo sob perspectivas diversificadas. Mais do que isso, ilumina as conexões entre conteúdos aparentemente desconectados. Interliga dados, mostra sentidos, perspectivas. Faz com que o leitor perceba o que tem a ver com sua própria vida, tudo aquilo que está lendo.

Muitos profissionais da comunicação assumiram essa nova visão de jornalismo. Há jornalistas de longa caminhada ou que estão dando os primeiros passos na profissão, construindo histórias de vida sob o *signo da compreensão*. Homens e mulheres conscientes, que indicam a existência de uma luz no fim do túnel, de modo especial àqueles que perderam as esperanças. Podemos ler esses textos, por exemplo, no caderno *Aliás*, do jornal *O Estado de S. Paulo*, como nas páginas dos jornais *Correio Popular* e *Gazeta do Cambuí*. Histórias como a de Maria Beatriz Dreyer Pacheco, portadora do HIV, que trabalha pela prevenção da Aids na terceira idade (*O Estado de S. Paulo*, 30/11/2008, J8); dos negros americanos que foram à posse de Barack Obama (*O Estado de S. Paulo*, 25/01/2009, J8); da líder das quebradeiras de cocos do estado de Tocantins, Raimunda Gomes da Silva (*O Estado de S. Paulo*, 08/03/2009, J8); da professora Patrícia Fonseca, que embarcou nas férias para Angola, a fim de ajudar na alfabetização dos africanos (*Correio Popular*, 06/12/2008, A9); do jovem Henrick Melara Felipe, portador da Síndrome de Down, que lançou um livro *Terra em Perigo* (*Correio Popular*, 03/01/2009, A10); da ex-freira Teresinha Perpétua Ribeiro que acolhe crianças e ensina profissões nas favelas de Campinas (*Correio Popular*, 28/02/2009, A11); de José Feliciano da Silva, que produz canecas reutilizando latas de cervejas e refrigerantes (*Gazeta do Cambuí*, 27/03/2009, 4); do motorista de ônibus, José Carlos Garcia, que fabrica instrumentos musicais nos dias de folga (*Gazeta do Cambuí*, 23/01/2009, 6).

Textos vivos, emocionantes, que tocam a alma e incendeiam os corações frios. Histórias de pessoas simples e anônimas, mas que encontraram o sentido da vida na prática da solidariedade, no exercício da cidadania e no amor ao próximo. Cidadãos que não deixam a liquidez da modernidade apagar a chama da esperança que ainda fumeja em seus corações. Textos que mostram que é no chão da vida que a vida se entende, como defende Maffesoli, que o ordinário é extraordinário; textos através dos quais aprendemos que a teoria não é tudo, como diz Augé, é apenas isso: teoria, como tentativa de compreensão. Narrativas onde o ser humano é colocado no centro, tem voz, tem história, não é mercadoria ou massa manipulada pela Indústria Cultural. As teorias nos ajudam a ter uma visão do mundo em que vivemos. São importantes, mas nada é mais importante que o ser humano.

Kunsch ressalta a urgência de se estimular a produção de textos vivos, de narrativas complexo-compreensivas, alicerçadas no pensamento complexo e compreensivo:

Um pensamento complexo é o que faz dialogar os diferentes, que tece e entretece em conjunto — lembrando o significado etimológico de *complexus* —, que une o que a tradição sangue azul do conhecimento científico separou. Plural em seus métodos e nas respostas que ousa oferecer aos problemas do conhecimento, o pensamento complexo é aberto à fértil promiscuidade do mito e do mistério, aos desvios desdogmatizantes do não-racional, às heresias metodológicas da arte e dos saberes comuns. Promove o diálogo e a negociação de sentidos entre ciências e humanidades, propõe e não impõe, é mais talvez e menos portanto. O rigor argumentativo de uma razão fecunda não desdenha do calor e da ternura de um pensamento igualmente lábil, multicolorido, de meios tons, nos lugares onde o veredicto acachapante da lógica violenta vê o preto ou o branco, o certo ou o errado, o bem ou o mal, o primitivo ou o avançado. Um pensamento mais de noção que de conceito, intuitivo-sintético mais que analítico. Um pensamento sério, sim, sem ser raivoso. Um pensamento não violento e não guerreiro. Compreensivo (Kunsch, 2004:8-9).

CAPÍTULO II

NARRATIVAS DA VIDA REAL E PENSAMENTO COMPLEXO-COMPREENSIVO

1. Por um pensamento que tece e entretece

O sociólogo francês, Edgar Morin, é um dos mais veementes críticos do positivismo, abrindo caminho, em seu pensamento, de defesa da complexidade, para a pluralidade e a harmonia do mundo e da vida. Esse pensamento, como neste trabalho se pretende deixar claro, é fundamental para repórteres que narram histórias de vida.

Morin rompeu, num certo sentido, com o pensamento moderno, com as idéias de Descartes, Galileu, Kepler, Newton e outros, não desvalorizando a razão, mas distanciando-se dos perigos do racionalismo, que faz da razão o instrumento não só privilegiado, mas absoluto, no conhecimento da essência do real, tanto natural quanto histórico. O racionalismo sustenta a primazia da razão, da capacidade de pensar, de raciocinar, em relação ao sentimento, à vontade e às emoções. Menospreza outras formas possíveis de aproximação ao real. Não tem em conta o lugar que cabe a outras formas de conhecimento e a outros saberes.

O paradigma cartesiano, ou o que Morin chama de grande paradigma ocidental do pensamento, formulado por Descartes e imposto pelo desdobramento da história européia a partir do século XVII, separa sujeito e objeto, alma e corpo, espírito e matéria, qualidade e quantidade, finalidade e causalidade, sentimento e razão, liberdade e determinismo, existência e essência. Contra essa dicotomia, Morin propõe a complexidade. O “pensamento pertinente”, como ele diz, deve enfrentar a complexidade. *Complexus* significa o que foi tecido junto; de fato, há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo — como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico — e há um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre o objeto de conhecimento e

seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si. Por isso, “a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade” (Morin, 2002:38).

Morin defende a compreensão entre as pessoas como condição e garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade. Compreensão que significa, intelectualmente, apreender em conjunto, *comprehendere*, abraçar junto — o texto e seu contexto, as partes e o todo, o múltiplo e o uno. Esta comporta um conhecimento de sujeito a sujeito. O outro não é apenas percebido objetivamente, é percebido como outro sujeito com o qual nos identificamos e que identificamos conosco. “Compreender inclui, necessariamente, um processo de empatia, de identificação e de projeção. Sempre intersubjetiva, a compreensão pede abertura, simpatia e generosidade” (Morin, 2002:94-95).

O jornalista, ao elaborar uma história de vida, ao entrar em contato direto com seu personagem e o mundo dele, precisa ter consciência de que está diante do cosmo naquele pequeno universo pessoal, pois, como afirma Morin, o ser humano é ao mesmo tempo singular e múltiplo, traz em si o cosmo. Todo ser, mesmo aquele fechado na mais banal das vidas, constitui ele próprio um cosmo. Traz em si multiplicidades interiores, personalidades virtuais, uma infinidade de personagens quiméricos, uma poliexistência, no real e no imaginário, no sono e na vigília. “Cada qual contém em si galáxias de sonhos e de fantasmas, impulsos de desejos e amores insatisfeitos, (...) lampejos de lucidez, tormentos dementes...” (Morin, 2002:58).

Exemplo de repórter que pratica a compreensão na construção de histórias de vida é a gaúcha Eliane Brum, vencedora do prêmio Jabuti de livro-reportagem, em 2007, com *A vida que ninguém vê*. Nesse livro, ela diz que sempre gostou das histórias pequenas. Das que se repetem, das que pertencem à gente comum. Das desimportantes. Ela sempre se interessou mais pelo cachorro que morde o homem do que pelo homem que morde o cachorro — embora ache que essa seria uma história e tanto. No olhar de Brum, o ordinário da vida é extraordinário. E o que a rotina faz com a gente é encobrir essa verdade, fazendo com que o milagre do que cada vida é se torne banal. “Esse é o encanto de *A vida que ninguém vê*: contar os dramas anônimos como os épicos que são, como se cada Zé fosse um Ulisses, não por favor ou exercício da escrita, mas porque cada Zé é um Ulisses. E cada pequena vida uma *Odisséia*” (Brum, 2006:187).

Para Eliane Brum, é preciso olhar a própria vida com generosidade, curvar o pescoço e colocar os olhos no mesmo plano dos olhos das pessoas. Dessa posição de igualdade se pode enxergá-las. Não é o que costuma ocorrer no jornalismo, hoje

sobretudo. Não são poucos os repórteres que escrevem seus textos no conforto das cadeiras da redação. A mediação se dá pelo telefone, *msn*, *e-mail* ou outro recurso da internet.

Olhar a vida do outro pela tela do computador é olhar o óbvio, o que todo mundo vê. Muitos jornalistas se acostumaram com o mais fácil, com a rotina acelerada das redações, tendo se transformado em compiladores de monólogos, em aplicadores de aspas em série. Especialmente se só podem contar com palavras transmitidas por telefone ou por *e-mail*. Fulano disse, sicrano afirmou. A vida é bem melhor do que isso. O dito é, muitas vezes, tão importante quanto o não-dito, o que o entrevistado deixa de dizer, o que omite. É preciso calar para ser capaz de escutar o silêncio, ensina Brum. Olhar significa sentir o cheiro, tocar as diferentes texturas, perceber os gestos, as hesitações, os detalhes, apreender as outras expressões do que somos. “Metade (talvez menos) de uma reportagem é o dito, a outra metade o percebido. Olhar é um ato de silêncio” (Brum, 2006:191).

Exemplo de texto escrito com o auxílio da internet — e aqui não se está afirmando que a internet não deva ser utilizada na produção da informação jornalística — foi publicado pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, no caderno Aliás, no dia 11 de janeiro de 2009. Uma entrevista de Mônica Manir com o autor de telenovelas e minisséries Manoel Carlos, com o título “Maneco@viveravida”. Eis um trecho:

Na sua primeira entrevista pelo MSN, ele solta o verbo durante 4 horas.

Mônica diz:

— *Oi, Maneco. Tudo certo por aí?*

Manoel Carlos — Rio diz:

— *Tudo bem. Meu filho está aqui perto, mas não sei se por muito tempo. É a primeira vez que uso isto. Pode começar, se quiser.*

E assim se apresentaram as partes nesta entrevista dos tempos instantâneos, pelo MSN, em que até o telefone perdeu a vez. A ligeira dificuldade auditiva de Manoel Carlos foi o argumento para recorrer ao *Messenger*, mas vem de longe a implicância dele com a maquininha de Graham Bell. Maneco disse certa vez que, quando trocava de número, colocava uma carta no correio avisando os amigos sobre a mudança. Telefone seria apenas para emergências emergenciais, e a palavra impressa, pau-para-toda-obra, inclusive na versão cursiva (Manir, 2009:J6).

Manir apresenta as razões de a entrevista ter sido feita pela internet: “a ligeira dificuldade auditiva de Manoel Carlos”. Mas essa técnica de captação de informações é basicamente fria. Em princípio, pode-se afirmar: é preciso olhar nos olhos, tornar-se um só coração com o entrevistado. Brum afirma que, se estivermos realmente decididos a enxergar, não sabemos o que vamos ver. Quando sai da redação, tem uma idéia de para

onde deve olhar e o que pretende buscar, mas é uma idéia aberta, suficiente apenas para partir. “Tudo o que somos de melhor é resultado do espanto. Como prescindir da possibilidade de se espantar? O melhor de ir para a rua espiar o mundo é que não sabemos o que vamos encontrar. Essa é a graça maior de ser repórter. Essa é a graça maior de ser gente” (Brum, 2006:193).

Vejamos o primeiro parágrafo de um texto seu, “Enterro de pobre”, publicado no jornal *Zero Hora* de Porto Alegre, no dia 26 de junho de 1999, e que está no livro *A vida que ninguém vê*, exemplo do que a repórter disse acima:

Não há nada mais triste do que enterro de pobre. Porque o pobre começa a ser enterrado em vida. Quem diz é Antonio, um homem esculpido pelo barro de uma humildade mais antiga do que ele. Um homem que tem vergonha até de falar e, quando fala, teme falar alto demais. E quando levanta os olhos, tem medo de ofender o rosto do patrão apenas pela ousadia de erguê-los. Quem diz é Antonio Antunes. Ele acabara de sepultar o caixão do filho cujo rosto desconhece. O bebê de 960 gramas que morreu ainda no ventre da mãe. Antonio quis espiar a face do filho por um momento, mas a funcionária que foi buscar a criança na geladeira não deixou. Antonio tinha comprado uma roupinha de sete reais no centro de Porto Alegre para que o filho não fosse sepultado nu como um rebento de bicho. Mas não pôde vesti-lo. Restou a Antonio o caixãozinho branco que ninou nos braços até a cova número 2026 do Campo Santo do Cemitério da Santa Casa (Brum, 2006:36).

Eis um texto profundo, que informa, mas faz muito mais que isso: emociona, conscientiza, revela a vida que está por trás do acontecimento. Antonio Antunes representa milhões de Antonios, não só do Rio Grande do Sul, mas do Brasil e do mundo.

Eliane Brum, como tantos outros repórteres, se distancia do paradigma cartesiano, do racionalismo e das fórmulas prontas. Por isso, tornam-se compreensivos, inspiradores de novos jornalistas que querem vencer o olhar míope do cotidiano. Quando se elimina a “catarata” dos olhos, vê-se a vida como ela é e escrevem-se histórias de vida que tocam a alma dos leitores, até a dos que têm um coração de pedra.

Além de retratar a vida real, de humanizar as relações humanas, as narrativas construídas a partir do signo da compreensão conduzem jornalistas e leitores a um maior conhecimento. A compreensão não é apenas uma virtude importante para os nossos dias, um sentimento. Kunsch diz:

A compreensão faz conhecer. Ela produz conhecimento sobre as pessoas, a sociedade e a natureza, assumindo desse modo, legitimamente, o estatuto de uma verdadeira *episteme*. Assim, mais bem e profundamente conhece quem se faz compreensivamente a caminho. É nesse ganho de compreensão, tanto sob o

ponto de vista da produção do conhecimento quanto da humanização das relações entre as pessoas, que se revela como uma epistemologia complexo-compreensiva é simultaneamente pragmática, num mundo, este nosso, tão ávido de respostas para as grandes questões que levanta quanto carente de ternura, de amor e de solidariedade (Kunsch, 2004:10).

Hoje se tem excesso de informações e, muito freqüentemente, pouca profundidade. O leitor fica informado, mas encontra dificuldade em compreender o que está acontecendo. Quando se abrem as páginas dos jornais, liga-se a TV, acessa-se a internet ou se ouve uma notícia no rádio, a terra do campo do mundo recebe uma chuva de verão. As nuvens negras encobrem o sol, vem aquele vento forte, poeira para toda lado, a chuva cai torrencialmente e, depois de meia hora, volta a calma e o sol reaparece. Mas... ficou o estrago: enchentes, queda de barracos, mortes, acidentes e tantos outros problemas. A chuva que fecunda a terra e a notícia que fecunda o coração humano para a transformação do *status quo* é aquela que vem lentamente, calmamente, perdura por horas, cai sem presa, penetra os poros e faz germinar a semente. Assim são as narrativas complexo-compreensivas:

A reportagem complexo-compreensiva assume, sem cerimônia, a tarefa de tecer, de costurar nexos entre informações que, isoladas e numerosas, quais árvores a impedir uma visão do bosque, não permitem uma compreensão abrangente dos sentidos de uma época (Kunsch, 2005:53).

Para Kunsch, as múltiplas possibilidades que a hoje escassa reportagem oferece auxiliam na construção de um tipo de conhecimento que, sem abdicar da razão, dialoga com as incertezas do cotidiano, da vida, do mundo, articulando sentidos que a racionalização do pensamento moderno — reducionista e redutora das virtualidades humanas de compreensão — não abarca. Compreensivo, tanto no sentido objetivo quanto subjetivo, o pensamento que informa uma reportagem de qualidade torna mais compreensível, cósmico, o mundo da atualidade, oferecendo a esse mesmo mundo a chance de não se autodestruir na violência ou na guerra, como no desespero. O autor propõe a reversão do famoso *cogito, ergo sum*, para *compreendo ergo sum*, a renúncia ao signo da explicação e a opção pelo signo da compreensão, portadora da esperança e da utopia, em meio aos sofrimentos, a dor e a morte vividas pelos seres humanos, diuturnamente, na contemporaneidade:

Sou humano, existo, como sujeito do conhecimento, enquanto ser que compreende, compreensivamente. Compreender: abraçar, pegar junto, no sentido de tecer em conjunto, complexamente. Compreender: ser compreensivo, solidário, humano. Compreender: entender, perceber os nexos, as ligações. Sem certezas, mas na segurança possível que a narrativa cósmica consegue oferecer frente ao caos, à desordem. (...) A vida e o mundo não se cansam de mostrar que não cabem em, nem suportam, uma pirâmide invertida (Kunsch, 2005:53).

As narrativas sob o signo da compreensão buscam a profundidade dos acontecimentos da vida real. Como afirma Maffesoli, “cada um de nós é o que é porque conta uma história, verdadeira ou falsa. Qualquer relação, seja de amizade, seja amorosa, só terá sentido quando qualquer um dos protagonistas contar tal história. Uma história de família, por exemplo, contém muitos não-ditos: algo da ordem da certeza, mas não da veracidade” (Maffesoli, 2008:5). Kunsch diz: “Não pode existir, a bem da verdade, a vida que não se conta. O mundo não pode existir. O amor e o ódio, a flor, a lua e as estrelas, a criança, o saci-pererê, qualquer coisa que de coisa vira história, símbolo, linguagem” (Kunsch, 2004,7).

Narrar a partir de um pensamento que tece e entretece é olhar para o lençol freático que existe no mais profundo da vida humana. Enquanto o ser humano não descobre sua posição no mundo ele continua escravo de tudo, sem a possibilidade de protagonizar a sua própria história:

O fluxo de conhecimentos (...) traz nova luz sobre a situação do ser humano no universo. Os progressos concomitantes da cosmologia, das ciências da Terra, da ecologia, da biologia, da pré-história, nos anos 1960-1970, modificaram as idéias sobre o Universo, a Terra, a Vida e sobre o próprio homem. Mas estas contribuições permanecem ainda desunidas. O humano continua esquartejado, partido como pedaços de um quebra-cabeça ao qual falta uma peça (Morin, 2002:47-47).

Ao mergulhar na vida de um personagem, o jornalista penetra nos abismos mais secretos daquela história. Pois, como ensina Morin (2002:57-58), o ser humano é, ao mesmo tempo, singular e múltiplo, traz em si o cosmo. Mesmo aquele fechado na mais banal das vidas, constitui ele próprio um cosmo. Traz em si multiplicidades interiores, personalidades virtuais, uma infinidade de personagens quiméricos, uma poliexistência no real e no imaginário, no sono e na vigília, na obediência e na transgressão, no ostensivo e no secreto, balbucios embrionários em suas cavidades e profundezas insondáveis. Cada qual contém em si galáxias de sonhos e de fantasmas, impulsos de desejos e amores insatisfeitos, abismos de desgraças, imensidões de indiferença gélida, queimações de astro em fogo, acesos de ódio, desregramentos, lampejos de lucidez,

tormentas dementes. O sociólogo francês defende que o século XXI precisa abandonar a visão unilateral que define o ser humano pela racionalidade. O homem é “*sapiens e demens* (sábio e louco), *faber e ludens* (trabalhador e lúdico), *empiricus e imaginarius* (empírico e imaginário), *economicus e consumans* (econômico e consumista), *prosaicus e poeticus* (prosaico e poético)” (Morin, 2002:58). O jornalista produtor de histórias de vida não pode se esquecer disso:

O homem da racionalidade é também o da afetividade, do mito e do delírio (*demens*). O homem do trabalho é também o homem do jogo (*ludens*). O homem empírico é também o homem imaginário (*imaginarius*). O homem da economia é também o do consumismo (*consumans*). O homem prosaico é também o da poesia, isto é, do fervor, da participação, do amor, do êxtase (...) Assim, o ser humano não só vive de racionalidade e de técnica; ele se desgasta, se entrega, se dedica a danças, transes, mitos, magias, ritos; crê na virtude do sacrifício, viveu frequentemente para preparar sua outra vida além da morte. (...) No ser humano, o desenvolvimento do conhecimento racional-empírico-técnico jamais anulou o conhecimento simbólico, mítico, mágico ou poético (Morin, 2002:58-59).

A compreensão transforma a relação sujeito-objeto do técnico em informação dos dias atuais para a relação sujeito-sujeito do mediador social. As narrativas complexo-compreensivas têm um olhar especial para os protagonistas do cotidiano que, espelhados nos personagens da arte, tecem a aventura humana da realidade social. Para Medina, há, nesses enredos do caos da história, gritos e sussurros, violências e farras, sobrevivências e tragédias da exclusão que não cabem numa razão quadriculada pelo rigor do método. “É preciso abrir os poros da sensibilidade para que os impulsos afetuosos da não razão abalem a razão arrogante” (Medina, 2003:131).

As histórias de vida podem contribuir para o processo evolutivo da existência humana. Muito mais que informar ou narrar um acontecimento do passado ou do presente, as narrativas complexo-compreensivas podem impulsionar os leitores a buscar a transformação pessoal, familiar e social. Lima, em entrevista a Kunsch, afirma haver uma teleologia espontânea em tudo o que existe na sociedade humana.

Há em tudo um impulso dessa força que a gente chama de vida, que é o impulso da evolução. E evolução ele entende como sendo um processo de assimilação, domínio e maestria de níveis cada vez mais complexos de entendimento da realidade e de interação com ela. Com outras palavras: a evolução é um processo, acionado pelas forças da existência, por aquilo que move tudo o que existe, em direção a níveis cada vez mais complexos de domínio da realidade. No entanto, existe, da mesma forma e ao mesmo tempo, outra força por trás do processo, que tende à entropia, à involução, à perda de qualidade. Na Teoria Geral dos Sistemas, duas características ou dois impulsos marcantes dos sistemas abertos são o impulso do crescimento — que, nessa outra linguagem, seria o

caminho da evolução — e o impulso de entropia, da perda de energia — que aqui chamamos de impulso para a involução, a estagnação ou, pior, a deteriorização, o retrocesso. Jung, tendo em conta a sociedade humana, fala do consciente e do inconsciente coletivo. A massa de uma população, de uma nação, é movida também por valores, fatores ou efeitos que circulam no nível da mente coletiva, consciente ou inconscientemente. E essa mente coletiva está sujeita, também, ao processo de evolução e involução (Kunsch, 2004:262-263).

A partir desses pensadores, este autor escolhe cinco fundamentos como ferramentas para a análise das matérias escolhidas dentre as que foram publicadas nos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Correio Popular* e *Gazeta do Cambuí*. São elas:

- a) **Personagem:** uma narrativa da vida real não pode prescindir de personagens. O jornalismo é feito por, com e para pessoas humanas. Por isso, o ser humano deve sempre ser o centro, o eixo ao redor do qual caminha a narrativa. O jornalista, na verdade, não precisa humanizar o texto, mas sim, como diz Kunsch, “desumanizar” o texto. Muitas vezes veem-se reportagens publicadas em jornais nas quais o ser humano fica na periferia. Desse modo, o texto está desumanizado. Iremos ver, por exemplo, como a história de vida de Maria Beatriz foi contada pelo jornalista Ivan Marsiglia e como isso de dá.
- b) **Imersão:** outro fundamento importante para uma narrativa da vida real é a imersão. É mais difícil contar a história de alguém, em profundidade, sem deixar a Redação e ir ao encontro das pessoas. É preciso estar no ambiente dos personagens para sentir o cheiro da vida que pulsa naquele lugar, para ouvir o silêncio, as imagens escondidas, as reações das pessoas, os gestos, as pausas, os risos e as lágrimas. Se o repórter faz tudo pela internet ou pelo telefone, tende fortemente a construir uma história de vida sem vida. Ele precisa estar no ambiente, mas ouvir, estar atento. De nada adiante a presença física, se a mente está ausente. Ou seja: a presença física não representa garantia de presença de espírito, de comunicação efetiva.
- c) **Diálogo dos afetos:** o jornalista não pode ir ao encontro dos personagens da história de vida a ser narrada com tudo pronto, com o texto previamente redigido, restando somente algumas frases dos personagens para serem colocadas entre aspas e, assim, completar a matéria. É fundamental a abertura, o

diálogo, o afeto, a ternura, o respeito. Os personagens são pessoas, têm uma história, identidade. São sujeitos, e não objetos. Por isso, o relacionamento entre repórter e personagens deve ser, como ensina Martin Buber, “Eu-Tu”, e não “Eu-isso”.

- d) **Compreensão:** uma história de vida sob esse signo precisa levar jornalista, personagem e leitor à compreensão. Ela traz informações importantes para o entendimento do assunto abordado, ajuda a todos os envolvidos na história a terem uma visão diferente sobre o que foi narrado, fornece elementos para o crescimento no conhecimento do tema. Todavia, leva todos a serem mais compreensivos uns com os outros, consigo mesmos e com o mundo.

- e) **Transformação:** outro fundamento importante, na visão do autor, é a transformação. Quando uma história de vida teve o ser humano como eixo principal, o repórter gastou as solas dos sapatos para apurar as informações, afetou e foi afetado pelo personagem, compreendeu melhor o assunto e tornou-se mais compreensivo, conseqüentemente essa narrativa vai provocar transformações na vida de repórter, personagem e leitor. Vai ser muito difícil para alguém ficar indiferente diante dela.

2. As histórias de vida nos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Correio Popular* e *Gazeta do Cambuí*

2.1. Que são histórias de vida?

As histórias de vida publicadas em jornais são textos diferentes das biografias em livro. Trata-se de uma narrativa curta e de natureza autoral. Para Sergio Vilas Boas, “os processos de criação são multidimensionais. Neles, combinam-se memória, conhecimento, imaginação, sínteses e sentimentos, cinco elementos imprescindíveis ao trabalho autoral” (Vilas Boas, 2003:13-14). Vilas Boas diz ainda que uma história de vida ou um perfil não podem prescindir de todos os conceitos e técnicas de reportagem conhecidos, além de recursos da literatura e outros. Todavia, a marca desse tipo de texto é o sentimento de quem participa e o mergulho do repórter na própria história.

O conceito “histórias de vida” nasceu no contexto das pesquisas qualitativas em Ciências Sociais (sociologia, antropologia, história, psicologia):

Essa modalidade dá atenção total ou parcial às narrativas sobre as vidas de indivíduos ou de grupos sociais, visando humanizar um tema, um fato ou uma situação contemporânea. Na sua versão mais abreviada, a história de vida examina episódios específicos da trajetória do protagonista (Vilas Boas, 2003:16-17).

Para Vilas Boas, as histórias de vida só podem elucidar, indagar, apreciar a vida num dado instante. São mais atraentes quando provocam reflexões sobre aspectos, objetivos e subjetivos, comuns à existência de todos nós.

2.2. O jornal O Estado de S. Paulo e suas histórias de vida

O Estado de S. Paulo, jornal paulista diário e matutino, foi fundado em 4 de janeiro de 1875, com o nome de *Província de São Paulo* por um grupo liderado por Américo Brasiliense de Almeida Melo e Manuel Ferraz de Campos Sales. Em 1885,

ingressou em sua redação Júlio César Ferreira de Mesquita, que em pouco tempo passou a diretor. Desde então, a direção do jornal permaneceu nas mãos da família Mesquita. Organizado por uma comissão nomeada pelo Congresso Republicano de Itu, realizado em 1874, o jornal *Província de São Paulo* teve como principais articuladores Américo Brasiliense, atuando na cidade de São Paulo, e Campos Sales, atuando em Campinas. A campanha republicana, intensificada na fase final da campanha abolicionista, viu igualmente seus objetivos alcançados com a proclamação da República, em 15 de novembro de 1889. Nesse momento, o *Província de São Paulo* passou a chamar-se *O*

Estado de S. Paulo.

O Estado de S. Paulo publica, aos domingos, o caderno *Aliás*, com o resumo dos principais acontecimentos da semana. Na última página desse caderno, sempre vem uma história de vida ou perfil retratando um dos problemas vivenciados pela sociedade brasileira, na semana da publicação. Em alguns casos, com retrata a vida de celebridades; também muitas histórias são de pessoas anônimas que, com suas experiências ou

atividades, são exemplos de dedicação e amor à família, à comunidade e ao Brasil. De outubro de 2008 a março de 2009, período escolhido pelo autor para analisar as narrativas, *O Estado de S. Paulo* publicou as seguintes histórias de vida, no caderno *Aliás*:

DATA	TÍTULO	AUTORIA	ASSUNTO
12/10/08	O Federal	Ivan Marsiglia	História do advogado e delegado da Polícia Federal Protógenes Queiroz, chefe da Operação Satiagraha, que perdera a sala e o poder na Polícia Federal.
19/10/08	Exilado da história	Mônica Manir	História de vida de Maria Thereza Fontella Goulart, viúva do presidente João Goulart, que estava indignada com o que chamou de descaso na administração do Ministério do Trabalho, ao saber que os objetos passados ao ministério em 1997, para inauguração do espaço João Goulart, tinham ido parar “nos porões”.
26/10/08	Ser negro aqui e acolá	Flávia Tavares	Experiências de vida de Alexandre, Baba Jan, Míriam, Roberto, Ronaldo e Vânia. Como brasileiros que vivem nos Estados Unidos lidam com a questão racial.
02/11/08	Laços de família	Ivan Marsiglia	História de vida do clã dos Teles, torturados em 1972, no DOI-Codi, durante a ditadura militar. O desejo de justiça mantém unidos Amélia e César, seus filhos Janaína e Édson, e a irmã Criméia.
09/11/08	Gabriel, o articulador	Mônica Manir	Gabriel Jorge Ferreira, advogado que escreveu a minuta do contrato de fusão entre Itaú e Unibanco, teve sua história narrada. Ele foi chamado pelos dois lados. Queriam discrição e alguém que conhecesse muito bem o sistema.
16/11/08	Embaixadas de Marlene	Flávia Tavares	A vice-presidente social do Corinthians e viúva de Vicente Matheus, Marlene Matheus foi a personagem da reportagem do

			caderno <i>Aliás</i> , de 16 de novembro de 2008, dias depois que o Corinthians voltara à série A do Campeonato Brasileiro, tendo conquistado a série B. Como o time do coração, Marlene queria subir na hierarquia do clube.
23/11/08	No olho do furacão	Mônica Manir	Vida dos profissionais de segurança e dos operadores da Bolsa de Valores de São Paulo. Naquela semana, em 17 de novembro, por volta das 15h30, um operador da Itaú Corretora dera um tiro no próprio peito durante pregão da BM&F. Ele fora transferido para o Hospital Santa Isabel, onde permanecia internado na UTI. Seu estado era grave, porém estável.
30/11/08	Contaminada pela vida	Ivan Marsiglia	História de vida de Beatriz Pacheco, fundadora do Movimento Nacional das Cidadãs Posithivas. Aos 60 anos e portadora do HIV, a moradora da cidade de Porto Alegre trabalha pela prevenção da Aids na terceira idade.
07/12/08	Um ser analógico	Mônica Manir	Thomaz Farkas, fotógrafo e cineasta, que flagrou o passado de São Paulo, Rio e Brasília tem sua história publicada no caderno <i>Aliás</i> , do dia 7 de dezembro de 2008. Luz e sombra o fascinavam, especialmente em prédios e naturezas-mortas.
14/12/08	O pianista rodou	Ivan Marsiglia	História de vida de Romário José Borelli, músico, historiador e dramaturgo. Em 1968, Romário apanhou na estréia de <i>Roda Viva</i> , em Porto Alegre. O regime militar endurecia de vez.
21/12/08	A gnomonia de 2008	Humberto Wernech	História das cinco categorias criadas há 80 anos, pelo excêntrico intelectual paraense, Jayme Ovalle, que continuam atuais. Os nomes foram tirados de <i>habitués</i> da roda boêmia de Ovalle: San Thiago Dantas, Onésimo Coelho, Ari Kerner e Mozart Monteiro.
28/12/08	Las Vegas do Caribe	Sérgio Augusto	Texto de Sérgio Augusto sobre Havana, capital cubana, nos tempos

			da Máfia e a jogatina na velha ditadura. Sob o governo do presidente Fulgêncio Batista e a conivência da Casa Branca, o crime organizado dominou a capital da ilha.
11/01/09	Maneco@viveravida	Mônica Manir	História de vida do autor de telenovelas Manoel Carlos. A entrevista foi a primeira feita por Manoel Carlos, via internet, através do MSN, com duração de 4 horas.
18/01/09	Mãos de bisturi	Elder Ogliari	História de vida do cirurgião plástico Renato Viera, que operou Dilma Rousseff. Conta a vida do médico gaúcho que deu à ministra da Casa Civil um novo visual: o de candidata. Discreto, ele passou a receber 40 telefonemas por dia da imprensa para falar sobre a cirurgia mais comentada da semana.
25/01/09	O povo de Obama	Pedro Doria	Reportagem sobre a presença dos negros americanos na posse do presidente Barack Obama. O jornalista Pedro Doria narra o dia da posse na capital dos EUA. Os negros tomaram conta das ruas e praças da cidade de Washington, num dos momentos mais importantes e emocionantes da história dos Estados Unidos.
01/02/09	A vitória do genérico	Marcela Vieira e Renata Reis	A repórter Marcela Vieira e a advogada Renata Reis fizeram a matéria do dia 1º de fevereiro de 2009, sobre a produção, em larga escala, de medicamentos como o Efavirenz, contra a Aids, estratégia do governo brasileiro para reduzir os custos.
08/02/09	Tempestá in un bicchiere d'acqua	Sérgio Augusto	Reportagem sobre a polêmica do caso Cesare Battisti entre Brasil e Itália. O ex-ativista italiano é acusado de quatro homicídios. Condenado pela justiça de Milão, em 1988, Battisti foge para a França e depois para o México. Por fim, em 2004, veio para o Brasil, onde é preso em 2007.
15/02/09	Dor sem remédio	Ivan Marsiglia	História de vida da família Hsueh. O

			texto mostra o sofrimento dos familiares de Edison Hsueh, morto no ano de 1999, em trote na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Os Hsueh perderam a esperança na Justiça.
22/02/09	O lutador	Ivan Marsiglia	A vida e a carreira do lutador de vale-tudo Lyoto Machida. O nissei Lyoto refaz o caminho dos Gracie e quer consagrar a técnica de sua família no vale-tudo.
01/03/09	Herança em livros	Andrei Netto	Reportagem sobre a livraria Shakespeare and Company, grife criada em Paris, há 90 anos. Comandada por Sylvia Beach Whitman, a livraria mantém tradição de convivência e hospitalidade.
08/03/09	Ela quebra tudo	Flávia Tavares	História de vida de Raimunda Gomes da Silva, líder das quebradeiras de coco babaçu da Amazônia. Raimunda dos Cocos, como é conhecida, ganhou o mundo defendendo as quebradeiras e cantarolando a vida na floresta. Escreve o texto Flávia Tavares, publicado no <i>Aliás</i> , do dia 8 de março, Dia Internacional da Mulher.
15/03/09	Isay in rainbows	Ivan Marsiglia	História de vida do arquiteto Isay Weinfeld, tiete número 1 do Radiohead, grupo de rock da Inglaterra. Fanático pela banda inglesa que chegaria ao Brasil naquela semana, Isay rejeita a hierarquia entre cultura popular e erudita e diz que o vocalista, Thom York, “é um gênio, uma das dez personalidades mais interessantes do planeta”.
22/03/09	A céu aberto	Mônica Manir	A jornalista Mônica Manir conta a história do edifício Quebec, obra inacabada da Encol em Campinas-SP. Dez anos após a falência da construtora, um esqueleto da falcatrua vira problema de saúde pública. O texto mostra as dificuldades das 18 famílias que moram, de forma precária, no edifício, empilhadas em muquifos divididos por tapumes.

29/03/09	Passado a limpo	Wilson Tosta	História de vida do professor da PUC-Rio e ex-preso político, Álvaro Caldas. Álvaro, na época militante do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), pensou ter sido levado para Porto Alegre. Quase 36 anos depois, descobriu seu cárcere verdadeiro: o Destacamento de Operações de Informações – Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-Codi), do IV Exército de Pernambuco, hoje Hospital Geral do Recife.
----------	-----------------	--------------	--

2.3. O jornal *Correio Popular*

O *Correio Popular* de Campinas é o maior jornal publicado fora das capitais e completou 82 anos de fundação, no dia 4 de setembro de 2009. Pertence à Rede Anhangüera de Comunicação. Tendo sido fundado pelo jornalista Álvaro Ribeiro, a primeira edição saiu no dia 4 de setembro de 1927, um domingo.



Cinco anos após a fundação, o jornalista Sylvino de Godoy assumiu a direção do jornal, ficando à sua frente até o final da vida, em 1970, aos 81 anos. Godoy deixou à família o legado de defesa do direito coletivo que norteia a política editorial do *Correio Popular* e dos demais veículos da Rede Anhangüera de Comunicação, criada em 1996, quando o *Correio* comprou o *Diário do Povo*.

Hoje, fazem ainda parte do grupo a *Revista Metrópole*, encartada aos domingos no *Correio*, a *Gazeta do Cambuí*, semanário de bairro; o *Notícia Já*, recém-lançado em Campinas; e as Gazetas de Piracicaba e Ribeirão, que circulam três vezes por semana: terças, quintas e finais de semana. Por dia, a tiragem do jornal é de cerca de 48 000 exemplares (aos domingos, esse número chega a 66 000 exemplares), uma tiragem que situa o jornal entre as maiores publicações do país.

Hoje, fazem ainda parte do grupo a *Revista Metrópole*, encartada aos domingos no *Correio*, a *Gazeta do Cambuí*, semanário de bairro; o *Notícia Já*, recém-lançado em Campinas; e as Gazetas de Piracicaba e Ribeirão, que circulam três vezes por semana: terças, quintas e finais de semana. Por dia, a tiragem do jornal é de cerca de 48 000 exemplares (aos domingos, esse número chega a 66 000 exemplares), uma tiragem que situa o jornal entre as maiores publicações do país.

O *Correio Popular* publica, semanalmente, uma história de vida, no caderno Cidades, na coluna “Um Rosto na multidão”. Os textos são assinados, em sua maioria, por um mesmo jornalista, Fabiano Ormaneze, que narra histórias de personagens da cidade de Campinas, interior de São Paulo. Os personagens retratados, geralmente, exercem um papel importante na sociedade, sobretudo em favor dos que mais sofrem, como o cônego que ergueu uma creche na favela, a dona de casa que ajuda mais de quinhentas crianças, um jardineiro que há muitos anos cuida de uma praça na cidade, entre outros. No período de outubro de 2008 a março de 2009, foram publicados os seguintes textos:

DATA	TÍTULO	AUTORIA	ASSUNTO
04/10/08	Cônego ergueu creche na favela	Rogério Verzignasse	História de vida de Carlos Menegazzi, 87 anos. Durante 30 anos, o religioso trabalhou na igreja Sagrado Coração de Jesus, no bairro Botafogo. Depois de se aposentar, trabalha na periferia com as crianças pobres, assistidas pelo religioso, numa creche.
11/10/08	Supermadrinha alegre 500 crianças	Fabiano Ormaneze	A vida e o trabalho de Magali Aparecida Oliveira, dona de casa, 52 anos, moradora do Jardim Carlos Lourenço. Desde 1980, Magali organiza uma festa para as crianças do bairro, no dia 12 de outubro. Ela arrecada brinquedos e alimentos e distribui para todos os seus “afilhados”.
18/10/08	O homem por trás das flores da cidade	Fabiano Ormaneze	História de vida de José Antonio Vicente, “seo” Toninho, 50 anos, um dos jardineiros mais antigos de Campinas. Ele trabalha na praça do Largo do Pará. Solteiro e com apenas o Ensino Fundamental completo, seo Toninho mora numa casa simples, na Vila Rica, com um sobrinho, de quem cuida desde que a mãe do garoto morreu.
25/10/08	Artista descobriu talento para pintura aos 45 anos	Fabiano Ormaneze	Alcides Maiorino Filho, 61 anos, descobriu o talento para pintura aos 45 anos. Ele foi demitido do trabalho e não conseguia outro por causa da idade.

			Entrou em depressão e passou a sofrer de mal de Parkinson. Foi aí que sua vida mudou, depois de descobrir a pintura.
08/11/08	Desenhista transforma mangás em voluntariado	Fabiano Ormaneze	Adriana Limoli ensina técnicas japonesas em igrejas católicas de Campinas. Publicitária por formação, Adriana já trabalhou como estilista e, em 1998, resolveu fazer um curso de desenho, com a idéia de ensinar crianças carentes. Mais de quinhentas crianças já passaram por sua oficina.
22/11/08	Sabor do acarajé simboliza a força da resistência africana	Fabiano Ormaneze	Tia Nice, 78 anos, nasceu em Caculé, no interior da Bahia. Vive em Campinas desde a infância e faz o acarajé mais famoso da cidade. Estava muito feliz com a eleição de Obama para a presidência dos Estados Unidos da América, enfim, com a valorização do negro.
29/11/08	Copeira prepara ceia para morador de rua	Fabiano Ormaneze	Maria de Fátima da Silva trabalha para alimentar pelo menos 800 pessoas na noite de Natal. A iniciativa tem até nome: Dia do Mendigo Feliz. Fátima tem 47 anos e mora no bairro Caligaris, no limite das cidades Campinas e Sumaré. Ela vai guardando um pouco de dinheiro todo mês, pega todo o 13º salário como copeira, pede ajuda aos moradores do bairro e faz a festa para os moradores de rua da cidade.
06/12/08	Voluntariado muda férias de professora	Fabiano Ormaneze	Patrícia Fonseca, professora da cidade, embarcaria em janeiro para Angola com um objetivo: ajudar o próximo. Ela vai viajar nas férias para o país africano, devastado por uma guerra civil, com a idéia de ajudar na reconstrução do país. “O que mais existe em Angola são pessoas que precisam de ajuda. Não dá para cruzar os braços”, afirma a professora.
13/12/08	Ex-viciado escreve sobre a recuperação	Fabiano Ormaneze	Walter Malcon Lima reconstrói a vida e prepara os últimos capítulos do livro <i>O Abandono</i> . A obra conta seu envolvimento com bebidas e drogas e sua recuperação. Alcoólatra e usuário de cocaína, Walter perdeu a família e a dignidade. Ele se recuperou na <i>Apot</i> , Associação Promocional Oração e Trabalho, fundada pelo padre Haroldo Rahm.

20/12/08	Médico se transforma em Papai Noel no Celso Pierro	Fabiano Ormaneze	O médico Joaquim Simões Neto, 36 anos, alegra funcionários e pacientes do hospital e maternidade Celso Pierro, na PUC de Campinas. Fã de carros antigos, o gastrocirurgião usa uma ambulância dos EUA como trenó. “Adorei. Achei um gesto de solidariedade para quem está internado. É sempre bom receber presentes”, disse a empregada doméstica Maria Isabel Camargo Catine, internada há três dias.
27/12/08	Dona Iracema tem muita gratidão a compartilhar	Fábio Gallacci	A dona de casa, Iracema Lorenzetti, de 62 anos, travou uma batalha solitária pela vida de seus filhos, James Spencer e Kelly Cristina Ribeiro, afetados, ainda crianças, pela desmielinização, hidrocefalia e atrofia cerebelar, distúrbios que causam a paralisia quase completa do corpo. Ela foi abandonada pelo marido e teve que se desdobrar para garantir a sobrevivência da família com o mínimo de dignidade e condições.
03/01/09	Jovem portador de Down lança livro	Fabiano Ormaneze	Matriculado em escola regular, o adolescente, Henrick Melara Fellipe, escreveu e ilustrou uma publicação de 20 páginas. O livro foi prefaciado por Luís Fernando Veríssimo. A obra foi editada pela Editora Edelbra, numa tiragem pequena e ainda não está sendo comercializada mas, para o adolescente e a família, o livro tem o peso de um troféu.
17/01/09	Publicitário vira o jogo na carreira	Rogério Verzignasse	O publicitário Otávio Lacerda vendeu a empresa para se dedicar à criação de brinquedos educativos. Suas criações estão espalhadas por cinco países. O campineiro comemora o sucesso depois de 20 anos no ramo. Os jogos educativos, criados por sua editora, fazem parte do catálogo de produtos sugeridos pela maior feira mundial de fabricantes de brinquedo, organizada na cidade alemã de Nuremberg.
24/01/09	Escudo virtual contra o preconceito	Rogério Verzignasse	Carioca, radicado em Campinas, Deco Ribeiro criou o site <i>e-jovem</i> para orientar adolescentes gays. A experiência venceu barreiras e preconceitos e já se faz presente em cinco regiões brasileiras. O número de acessos no site chega a 100 mil por mês. A página na web ganhou o

			caráter de organização não governamental. Deco ensina os adolescentes a se entenderem, a se aceitarem e a viverem com dignidade.
31/01/09	Poetisa guarda jóias raras em caixa	Rogério Verzignasse	Norma Ribeiro tem em casa duas fantasias da ópera <i>O Guarani</i> , composta por Carlos Gomes. Ela passou a vida escrevendo versos. Nascida em São Paulo, em 1929, Norma se mudou para Campinas aos 16 anos. Pouco conhecida no Brasil, recebeu grandes prêmios no exterior e guarda em sua caixa, jóias raras da música e da literatura brasileira.
07/02/09	Fado e bacalhau para todas as raças	Rogério Verzignasse	História de Vida de Adelino da Ponte, empresário campineiro que assumiu a Casa de Portugal, com a missão de atrair os moradores da cidade. Nascido em Pombal, Adelino viu quando o pai, Manoel, teve de vender tudo o que tinha no complicado pós-guerra. Com a economia portuguesa em frangalhos, o homem se desfez de uma taverna e uma loja de madeiras. A família desembarcou no Brasil, em 1955. Com 14 anos arrumou emprego em uma loja de tecidos, em São Paulo. Em 1963, foi convencido a se mudar para Campinas.
14/02/09	Porteiro traz o faroeste para Minas	Rogério Verzignasse	O fã de John Wayne e escritor nas horas vagas datilografa contos protagonizados por pistoleiros. Luís Carlos Garcia, porteiro de um prédio de apartamentos da Rua Paula Bueno, em Campinas, tem sua história contada por Rogério Verzignasse. Aos 55 anos, jamais conseguiu publicar um livro. Há uma pilha de livros datilografados e encadernados com espiral. Mas Luís Carlos não fica triste: ele ama arrancar histórias do teclado da velha máquina de escrever, marca Remington.
21/02/09	O jardineiro que virou motorista dos prefeitos	Rogério Verzignasse	História de vida de Vitório Pacci, que trocou os canteiros pelo volante, durante 35 anos. Hoje, aposentado, só quer ficar ao lado da esposa, Margarida. Ele se lembra de quando pegou na enxada pela primeira vez para limpar a praça Silva Rêgo, perto do balão do castelo, em Campinas. Um belo dia, deu uma carona para o engenheiro do setor, Osvaldo Nascimento de Lemos. A partir daí, foi convidado para ser o motorista do

			prefeito de Campinas. Ficou até 1991, quando se aposentou, no governo de Jacó Bittar.
28/02/09	Ex-freira leva ação social a favela	Rogério Verzignasse	Mineira, de Poço Fundo, na região de Alfenas, Teresinha Perpétua Ribeiro, mudou-se para o distrito de Barão Geraldo, na década de 1980. Durante 11 anos, viveu no convento das irmãs carmelitas. Deixou o convento e, há treze anos, fundou uma associação beneficente para socorrer os moradores de uma favela em Campinas.
07/03/09	Maria-fumaça: paixão move guia-mirim	Fabiano Ormaneze	História de Caio Fernando Cezario, guia-mirim do trem Maria-fumaça que liga os municípios de Campinas e Jaguariúna. Aos 13 anos, cursa a 6ª série do ensino fundamental e ama fazer esse trabalho, que considera “uma diversão”. Começou acompanhando sua mãe, guia do trem. Chegou a substituí-la quando ela não podia ir trabalhar. “Se eu pudesse, dormiria nos vagões”, diz o menino.
14/03/09	Secretária troca hotel de luxo por funilaria	Fábio Gallacci	A campineira, Josiane Batista, deu uma reviravolta na vida. Acostumada a vestir roupas sociais quando trabalhava como Office manager bilíngüe no hotel Royal Palm Plaza, trocou tudo isso para ajudar o marido atual numa funilaria. Ela se separou do primeiro marido, que lhe deixou três filhos. Josiane dá duro o dia todo para cuidar das crianças.
21/03/09	Casamento muito especial em Socorro	Fabiano Ormaneze	História do casal Maria Gabriela Demate e Fábio Marchetti Moraes, pais da garotinha Valentina. A mãe tem Síndrome de Down e o pai um pequeno retardamento mental adquirido no nascimento. Eles se casaram na igreja matriz de Socorro-SP, no dia do aniversário da filha. Valentina nasceu sem nenhum problema de saúde, caso raro na medicina.

2.4. A Gazeta do Cambuí

Gazeta do Cambuí é um jornal semanal que circula no Cambuí, um dos mais tradicionais e importantes bairros de Campinas. Lançado em 2003, a *Gazeta do Cambuí*, com distribuição gratuita para os moradores do bairro, dentro do *Correio Popular*, aborda temas ligados à cultura, lazer, comportamento e assuntos que revelam curiosidades do bairro e de seus personagens. O jornal está nas mãos dos moradores às sextas-feiras, trazendo ainda um roteiro gastronômico e cultural completo do bairro. *Gazeta do Cambuí* é um jornal de leitura leve, dinâmica, que traduz a vida de quem mora, trabalha e frequenta o bairro do Cambuí.

Como no *Correio Popular*, as histórias de vida publicadas pelo jornal *Gazeta do Cambuí* são construídas, em sua maioria, por um só jornalista, Tiago Gonçalves. Com criatividade, Tiago brinda os leitores com textos complexo-compreensivos, transformadores e cheios de emoção.

Mineiro de Três Corações, o berço do Rei Pelé, Tiago Gonçalves não puxou nada a seu conterrâneo. Considera-se ruim de bola. Preferiu atuar em outros gramados: o das letras e o das artes. Embevecido, ora pelo Jornalismo ora pelo Teatro, não pestanejou em se enveredar pelas duas paixões. Formado em Jornalismo pela PUC-Campinas, em 2005, tem Pós-Graduação em Jornalismo Literário pela Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL). Atualmente é repórter de Cultura e crítico teatral do *Caderno C*, do *Correio Popular* (Grupo RAC, em Campinas). No grupo, ainda foi repórter da *Gazeta do Cambuí*. Também atuou como colaborador de revistas, como *National Geographic* do Brasil e *Viola Caipira*. Desde o começo do ano, tornou-se colunista fixo do *Circonteúdo*, o maior e mais reconhecido portal circense do Brasil. Em paralelo, cursou Artes Dramáticas, no Conservatório Carlos Gomes, em Campinas, formando-se em 2005. De lá para cá, dedica-se à pesquisa de Circo-Teatro. Aliás, o estudo começou durante a participação do jornalista, de 26 anos, no projeto *Sons, Gestos e Imagens na Paulistânia*, abrigado entre 2006 e 2007, no Centro de Memória da Unicamp (CMU). Há dois anos tem sido o diretor artístico da Companhia Teatral



Mensageiros da Arte (Itatiba/SP), que está em turnê com a comédia de circo-teatro *A Noiva do Defunto*.

A escrita é degustada por Tiago Gonçalves como um prato. Gosta de saborear palavra por palavra. “Nesta hora, me vem a cabeça os pilares do JL: voz autoral, estilo, humanização, uso de símbolos e metáforas, digressão, precisão de dados e informações. Isso tudo, a partir da anterior (e bem feita) imersão na realidade. Matéria por telefone, nem pensar! Humanização e Uso de Metáforas são dois elementos que prezo muito em minhas reportagens. Além, claro, do estilo, né? Estilo que o jornalista esculpe a cada reportagem”, diz.

Da voz autoral, Tiago traz a capacidade de seus avôs, que foram grandes contadores de boas histórias (aliás, acredita que o jornalista deve se espelhar nos bons contadores de causos). “O estilo mostra quem o jornalista é. A sua identidade. Daí, a fuga sem olhar para trás do gesso da pirâmide invertida. A humanização é quem dá vida ao texto. Ela tira a crosta endurecida das palavras, colocando-as à flor da pele. Com a humanização, o texto consegue mexer com as sensações das pessoas. Faz o texto ter pernas e vida própria. Tocar no espectador”, esclarece.

O Uso de símbolos e metáforas estimula a criatividade do leitor. Faz ele entender e digerir a informação através da brincadeira com as palavras. Além de que, nossa mente tende a gravar com mais facilidade os sentidos visuais. Com a digressão, damos novos contornos à matéria, distanciando da personagem principal em busca de outros viés que estejam interligados à matéria e que possam nos ajudar na compreensão maior. No caso desta matéria, buscou pontuar as diferenças entre carpinteiro e marceneiro. Parênteses: tudo, claro, fundamentado na precisão de dados e informações.

Vejamos os textos que foram publicados de outubro de 2008 a março de 2009.

DATA	TÍTULO	AUTORIA	ASSUNTO
03/10/08	Estrelas do balcão	Tiago Gonçalves	História de Marcos Rogério e Carlos Daniel, Rodrigo Andrade e Gustavo Andrade, <i>bartenders</i> , que trabalham na cidade de Campinas. Eles aprenderam a profissão nas noites campineiras, sobretudo observando outros profissionais da área.

10/10/08	Cestinhas de ouro	Tiago Gonçalves	O ex-jogador de basquete, Adilson Nascimento, 56 anos, junto com outros ex-atletas da seleção brasileira, como Oscar Schmidt e Marcel, recebeu uma homenagem em Campinas, num jogo beneficente em sua ajuda.
24/10/08	Brasil na ponta do pé	Tiago Gonçalves	História do coreógrafo argentino Rubén Terranova, que mora no Brasil desde 1982. Ele estava em Campinas com o espetáculo <i>Contos e Cantos do Brasil</i> e foi entrevistado pelo jornalista Tiago Gonçalves. Aos 56 anos, 20 como professor, Rubén esbanja jovialidade e criatividade.
31/10/08	De volta à noite	Tiago Gonçalves	Vida do violonista Ricardo Matsuda, ex-integrante do grupo Anima. Ricardo gosta mesmo de tocar na noite. Mora em Campinas há mais de 25 anos. Fã de Dorival Caymmi, o violonista toca músicas instrumentais e MPB no restaurante Daitan.
07/11/08	Nascida para voar	Tiago Gonçalves	Mônica Pinho Edo, pára-quedista e piloto de avião, desde pequena aprendeu a gostar de aviação. Apaixonada pela vida de Santos Dumont, Mônica sonha dar a volta ao mundo voando. É casada com Carlos Edo, também piloto de avião.
14/11/08	Balada de beldades	Tiago Gonçalves	Como é uma noite de festa na vida das candidatas a Miss de São Paulo. Numa das etapas do concurso, as mulheres estiveram no bairro Cambuí, na cachaçaria São Joaquim, numa balada, ao som de músicas sertanejas. As bebidas mais consumidas foram suco de frutas e refrigerante <i>diet</i> .
21/11/08	Paixão em tom laranja	Tiago Gonçalves	História de vida dos namorados Paula Palmieri e Gabriel Taco. Campineiros, se conheceram num dos sofás da sala de espera da Academia de Ballet Juliana Omati. Hoje dividem um apartamento no Rio de Janeiro. Ela integrava o elenco da novela <i>Os mutantes</i> , da Record. Ele é apresentador do

			<i>Shoptime</i> . Gabriel estudou teatro na Escola Macunaíma e vendeu pipoca para pagar o aluguel. Paula é neta do artista plástico e cantor lírico Saverio Palmieri.
28/11/08	Sonhos no papel	Tiago Gonçalves	A alegria de alunos e professores da Ânima Academia de Arte, por ocasião da exposição de desenhos <i>Sonhos</i> , que aconteceu naquele final de semana. Ao todo foram apresentados 70 trabalhos com diferentes técnicas e estilos de desenhos, como mangá, artístico, histórias em quadrinhos, pintura, ilustração, arte contemporânea e moda.
05/12/08	Reverência à construção centenária	Nice Bulhões	Narrativa sobre um imóvel histórico do bairro Cambuí, construído no século 19. Hoje o prédio abriga a pizzaria Piola. É um dos mais antigos da cidade de Campinas e acaba de ser tombado pelo Candepacc (Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Campinas).
12/12/08	Noites de teatro, música e luz	Tiago Gonçalves	História de vida de Maria Gonçalves, moradora do Jardim Aeroporto, que saiu de casa acompanhada do neto, Gabriel, de 13 anos, para fazer o tradicional passeio por pontos de Campinas, no Roteiro de Natal, que oferecia peça e recitais. O repórter mostra os pontos turísticos da cidade, enfeitados para o nascimento de Jesus Cristo, a partir da visão de Maria Gonçalves.
19/12/08	Festas da virada	Tiago Gonçalves	O autor da matéria narra a preparação do Bairro Cambuí para o Réveillon, sobretudo a festa do Clube Cultura, do Tênis Clube e do Vitória Hotel. É um texto pequeno, que destaca a importância que as pessoas e os organizadores dão para as comemorações do início de um ano novo.
09/01/09	Garota brilha nas alturas	Nice Bulhões	Depois de duas semanas sem publicar a coluna de histórias de vida, o jornal <i>Gazeta do Cambuí</i> trouxe a história de Mariana Rodrigues Maekawa. A jovem é

			acrobata do Cirque Du Soleil e veio para Campinas participar do casamento da irmã. Depois da festa, Mariana voltaria para Las Vegas, nos Estados Unidos, onde participaria da apresentação do show <i>Love</i> .
16/01/09	Chope gelado, papo quente	Tiago Gonçalves	Reencontro das amigas: Jéssica Loureiro, Marina Dias e Natália Figueiredo, em um bar do bairro Cambuí, depois das festas de fim de ano. O bairro tem muitos lugares para as pessoas trocarem idéias e realizarem um <i>happy hour</i> . Segundo Tiago Gonçalves, “a ressaca do final do ano é curada em mesas de bar: rodinhas animadas e gente bonita”.
23/01/09	Sensibilidade no trajeto	Tiago Gonçalves	História de vida de José Carlos Garcia, 43 anos, motorista de ônibus e fabricante de instrumentos no quintal de sua casa. É conhecido como “O do violino”. Sua especialidade é a fabricação de violinos. Influenciado pelo avô, quando morava no Paraná, José Carlos conhecia quase tudo sobre violino, aos 16 anos. Resolveu fabricar um para tocar. E não parou mais. Foi caminhoneiro e, desde 1998, é motorista de ônibus. “Quando eu me aposentar vou dedicar o resto de minha vida a isso”, disse.
30/01/09	Fidalgo dos pincéis	Tiago Gonçalves	A vida e o trabalho de Bira Dantas, professor de caricatura da Pandora Escola de Desenho. Ele fez uma versão de Dom Quixote em quadrinhos a pedido de uma editora. Havia feito, também em quadrinhos, o livro <i>Memórias de um sargento de milícias</i> . Pintados à mão, com aquarela, o objetivo é trazer à cena, em forma de desenho, as traquinagens de Dom Alonso e seu fiel escudeiro, Sancho Pança.
07/02/09	Uma nova forma de amar	Nice Bulhões	A jornalista, a partir das reflexões do psicoterapeuta Flávio Gikovate, escreve sobre o relacionamento entre o homem e a mulher. Com o auxílio do exemplo das histórias de vida dos casais Maria de Lourdes

			Pimenta e Carlos Ferreira, Francielle Nicolau e Enos da Silva, ela traz para o leitor a importância do amor de duas pessoas inteiras, e não mais de duas metades. A narrativa une reflexões sobre relacionamentos e psicologia.
13/02/09	Sagrado no profano	Tiago Gonçalves	História de vida e do trabalho de artesãos do bairro Cambuí que transformam objetos descartáveis em símbolos para a devoção. Garrafas <i>long neck</i> viram São Francisco com cara de menino e cabaças se tornam oratórios. Izilda Fernandes e suas amigas começaram o projeto há oito anos. Hoje têm um ateliê com peças únicas, colocadas à disposição dos interessados nesse tipo de arte. A história, emocionante, mostra o amor das pessoas pela religião e pelo planeta, pois muitos materiais usados no ateliê, seriam jogados na natureza.
20/02/09	É pra lá que vou...	Tiago Gonçalves	A aventura dos moradores do bairro que deixam a cidade para curtir o carnaval no Rio de Janeiro, na Bahia e em Minas Gerais. O texto traz personagens como: Douglas Ricardo, Amanda Ribeiro, e outros e explica o que os motiva a busca por outras regiões durante a folia.
27/02/09	Expressões da Índia	Tiago Gonçalves	A narrativa é sobre o espetáculo <i>Musico f Joy</i> , em cartaz na cidade de Campinas, naquele final de semana. Na ocasião, a Rede Globo veiculava a novela “Caminho das Índias” e o espetáculo gerou grande interesse no bairro. A personagem da narrativa é a bailarina brasileira Ana Paiva, que desembarcou em 2004 na Índia, para desvendar os mistérios do <i>kuchipudi</i> , um estilo clássico de dança indiana.
06/03/09	No início era só um hobby	Tiago Gonçalves	Histórias de vida dos artesãos da feirinha do bairro Cambuí, que criam peças por passatempo e só então passam a ganhar com elas. Como em todas as matérias, Tiago Gonçalves traz personagens, como: Daniel da Silva, Wagner Gerlach, o casal Marta e Alberto. O hobby

			ajuda-os a melhorar o orçamento. As peças custam a partir de R\$ 7,00.
13/03/09	Que nem José	Tiago Gonçalves	A história do carpinteiro Ilson Antonio Verginelli que mantém a tradição da família na confecção de imagens de santos. Ilson aprendeu o ofício com o pai, Felício Verginelli, que trabalhou como carpinteiro durante 80 dos seus 93 anos de vida. Na família, sete filhos são carpinteiros. O texto une profissão, religião e tradição, tripé que mantém viva a história da família moradora do bairro Cambuí.
20/03/09	Parceria de sensibilidade	Tiago Gonçalves	História de vida das cantoras Helena Porto e Taís Reganelli. A primeira começou a vida artística cantando na noite do bairro Cambuí. Estava lançando um CD com músicas de compositores da cidade. Ouviu 200 canções para escolher 10. As cantoras faziam show no teatro do Centro de Convivência em Campinas.
27/03/09	Artista das latinhas	Tiago Gonçalves	A narrativa da vida real é sobre o ex-garçom José Feliciano da Silva. Conhecido como “Feliciano das canecas” anda pelas ruas do bairro mostrando as canecas que faz com latas vazias de cerveja e refrigerantes. Paranaense de Uraí, Feliciano trabalhava carpindo café. Na época, seu pai, Messias Feliciano, fazia canecas com latas vazias. Aprendeu a arte. Em Campinas foi metalúrgico e garçom, até viver da arte das canecas. Seu objetivo é ser professor e passar a técnica adiante.

Tendo conhecido rapidamente a história de cada jornal e nos informado sobre as histórias de vida produzidas no período eleito para esta pesquisa, iremos ver, a partir de agora, três histórias, uma de cada jornal. Foram escolhidas pelo autor, para uma análise em profundidade, tendo em conta os princípios escolhidos como caracterizadores de uma abordagem de tipo complexo-compreensiva.

3. História de vida de *O Estado de São Paulo*

Contaminada pela vida

Dentre as histórias de vida do Caderno *Aliás* e analisadas por este autor, “Contaminada pela vida” fala sobre a vida de Maria Beatriz Dreyer Pacheco, 60 anos, portadora do vírus HIV, que trabalha na prevenção da Aids. O objetivo, nesta parte do trabalho, como apontado linhas antes, é observar como os cinco fundamentos de uma visão complexo-compreensiva na produção jornalística — personagem, imersão, diálogo dos afetos, compreensão e transformação — se fazem presentes no texto.

Quem é Ivan Marsiglia, o jornalista que escreveu essa história de vida? Em entrevista concedida a este autor³, em janeiro de 2010, Marsiglia contou que sua trajetória jornalística não é muito ortodoxa sob o ponto de vista da grande imprensa. Trabalhou quase toda a vida em revista, o que influenciou muito o seu estilo de escrever. Fez jornalismo na Metodista em São Bernardo do Campo-SP. A partir do segundo ano, um professor o convenceu de que valeria a pena fazer outro curso para ter uma bagagem humanística. Acabou fazendo Ciências Sociais, na Universidade de São Paulo. Ele estudava e trabalhava ao mesmo tempo. Terminou a graduação em jornalismo no ano de 1993 e entrou na Editora *Abril*. “Tive a sorte de cair na redação da revista *Playboy*. Era uma redação estelar. Logo que entrei o diretor era o Juca Kfourri

³ Entrevista completa, ver nos anexos.

ainda, que é um ótimo jornalista”. Trabalhava lá também, como escritor sênior, Eugênio Bucci. “Quando o Juca Kfourri saiu para trabalhar na revista *Placar*, o Ricardo Setti, um jornalista fenomenal, que já trabalhou aqui no *Estadão*, virou o diretor de redação da *Playboy*”. O redator-chefe da revista era Humberto Werneck, um dos grandes nomes do *New Journalism* no Brasil. Marsiglia trabalhou com outros profissionais importantes, como Guilherme Cunha Pinto. Teve uma ótima escola. “A *Playboy*, de fato, tinha um esmero, um cuidado com o texto, além das grandes entrevistas com uma técnica incrível. Ali, a gente aprendia com outras estrelas que eram convidadas para fazerem essas entrevistas, como Ruy Castro”. Isso tudo foi bom para ele: “Fui ser jornalista porque gosto de escrever. Há jornalistas que têm paixão pelo texto e outros que têm paixão pela notícia, pelo furo. Eu não me encaixaria tanto nesse perfil. Minha paixão maior é pelo texto”. Depois desse período, Marsiglia conseguiu uma bolsa para morar em Paris e trabalhar numa revista chamada *Europa*, com jornalistas de vários países, numa integração para conhecer a União Européia. Voltou para a *Abril* e teve uma proposta da revista *Trip*, no ano 2000, que ele considerava uma revista muito rica do ponto de vista da linguagem e também da pauta, criativa. Foi para lá. Ficou até 2004 quando recebeu um convite do jornalista Ricardo Kotscho, para trabalhar na assessoria do presidente Lula em Brasília-DF. “Nunca tinha imaginado isso, mas achei que seria uma experiência boa e fui para o terceiro andar do Palácio do Planalto. Aí o Ricardo Kotscho saiu, chegou o André Singer, depois veio o Franklin Martins”. Foi então que chegou o convite do *Aliás*. “Um grande amigo meu, Fred de Melo Paiva, trabalhava aqui. Estou aqui no *Aliás* desde setembro de 2008”.

Dentro do jornal, explica Marsiglia, “somos considerados privilegiados, pois temos um pouco mais de tempo para trabalhar. O caderno é semanal. Só que a vida não é tão colorida assim porque a gente nunca tem uma semana para fazer uma matéria”. O nome do caderno é *Aliás, a semana revista*, sendo calcado nos acontecimentos da semana. “Temos que esperar a semana acontecer, ou pelo menos parte dela, pra vermos para onde ela vai para podermos fechar a pauta. Começamos a discutir a pauta na segunda-feira, com uma reunião da equipe interna. O caderno é fechado na sexta e rodado na madrugada do sábado”. Mônica Manir é a atual editora. Na verdade, é a partir de terça para quarta que a pauta se consolida. “Aí temos de dois a três dias para fecharmos a página oito do *Aliás*, com um texto, entre aspas, em estilo de revista, com uma apuração mais rigorosa, mais tempo, mais detalhada. É corrido do mesmo jeito”.

Marsiglia diz que a pauta é discutida muito em função da semana e dos acontecimentos que, como Humberto Werneck sempre dizia, representam “os cadáveres que a imprensa deixa por aí sem pesquisar”, uma notícia de jornal que saiu, um episódio. “Veio agora à minha cabeça por exemplo um episódio de racismo que houve num estacionamento do Carrefour há uns meses atrás. Um homem negro num carro Eco Sport foi dominado e jogado no chão na frente da mulher”. A matéria saiu “pequinhinha” num jornal, onde o rapaz diz ter sido humilhado. “Esta é uma história fantástica. Quem é esse homem? De onde ele veio, onde trabalhou, como conseguiu comprar aquele carro”. São matérias assim que podem ser exploradas no final de semana para a página oito do caderno, considerada uma página em estilo Jornalismo Literário.

A narrativa tem a pessoa humana como eixo. Beatriz é a protagonista da reportagem. Moradora de Porto Alegre-RS, viu sua vida virar do avesso depois de um diagnóstico positivo de Aids. Segundo os médicos, ela teria pouco tempo de vida, pois, na época, quase nada se sabia sobre a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida. Beatriz vai protagonizar uma história de vida emocionante.

Beatriz, 60 anos, teve três homens na vida. O primeiro deu a ela quatro filhos. O segundo contaminou-a com o vírus HIV. O terceiro foi seu único e verdadeiro amor. Gaúcha de Porto Alegre, ela nunca usou drogas nem foi infiel a nenhum de seus maridos. Entretanto, o perfil "careta", como ela própria define — tão distinto do que se costumava chamar "grupo de risco" da síndrome da imunodeficiência adquirida nos anos 80, quando a doença foi popularizada no Brasil pela voz aterrorizante de Hélio Costa no Fantástico — não a salvou das estatísticas da Aids.

Quando recebeu a pior notícia da sua vida, Beatriz pensou ser o fim de sua história. A morte abraçou-a. Amou o marido, foi fiel, mas ele a infectou. Noites em claro, tristeza, angústia, parecia o fim da estrada. A dor que sentia é a mesma de milhares de pessoas portadoras do HIV, com suas lutas, alegrias e sofrimentos. Todavia, pouco a pouco, vai descobrindo que não está sozinha e que precisa batalhar muito para lidar com a situação. Jamais imaginara que seria infectada, pois já não era uma jovem, nem usava drogas ou era homossexual, grupos que ela, até então, pensava ser os mais propícios a terem Aids. Mas, as coisas estão mudando. São muitas as mulheres com AIDS no Brasil, sofrendo com o preconceito e a falta de recursos para cuidar da saúde. Assim esclarece Ivan Marsiglia:

A história de vida de Beatriz cabe no dado mais alarmante de um estudo divulgado esta semana pelo Programa Nacional de DST e Aids do Ministério da Saúde. Entre 1996 e 2006, a incidência da doença entre maiores de 50 anos mais que dobrou no País,

passando de 7,5 para 15,7 casos por 100 mil habitantes. Cerca de 70% dos pacientes são do sexo masculino e 75%, casados, que freqüentemente acabam por contaminar suas mulheres — uma vez que, por questão de hábito geracional, menos de 20% dos brasileiros nessa faixa etária usam preservativo.

Beatriz tem uma história, mora num determinado lugar, tem uma família. O jornalista coloca essas informações importantes na matéria. Ninguém vive isolado no mundo. Indica ainda como a doença mudou sua vida, por incrível que pareça, para melhor. Passou a valorizar cada momento, cada pessoa. Tornou-se mais carinhosa e compreensiva com os outros, além de se compreender melhor. Abriu-se à solidariedade. Deixou de pensar apenas em suas próprias coisas e entregou-se plenamente aos que sofrem com a doença. Em vez de lamentação, depressão, remorso, isolamento, preferiu a alegria, o sorriso, o amor e a esperança em poder ajudar aqueles que estão na mesma situação, ou piores que ela.

Educada nos rígidos padrões gaúchos, Beatriz emancipou-se como pessoa e como mulher a partir de encontros, decepções e tragédias entre as quais a Aids não seria a pior - e, bem ao contrário, estaria presente quando a vida lhe proporcionou uma experiência única e madura com o amor. Além disso, seria a doença também a conferir sentido existencial e profissional à advogada de hoje, defensora intransigente e bem-humorada do "direito ao amor da pessoa com Aids", como diz. Missão a que dedica quase tanto tempo e carinho quanto a seus três netos, Bibiana, de 12 anos, Bruna, 9, e Bernardo, 4.

Como todo ser humano, Beatriz alegrou-se, sofreu, ganhou, perdeu. Mas soube dar a volta por cima:

Maria Beatriz Dreyer Pacheco, a Neca no apelido de família, estudou em colégio de freira e casou-se virgem, no final da década de 50, com um rapaz vizinho de porta da família, escolhido por seu pai. "Eu tinha 19 anos", lembra-se, "e achava estranho o fato de que não se podia nem pegar na mão antes de assinar o papel. Depois, tudo ficava permitido." O tudo, no caso, não era lá grande coisa. Mas logo vieram os filhos, com suas alegrias, a diluir aquela vida "insípida, inodora e incolor", como definiria anos mais tarde. Certa noite, pouco antes das bodas de prata do casal, o marido, gerente da Caixa Econômica Federal, confessou estar diversificando sua carteira de investimentos: no caso, em uma moça 15 anos mais nova.

Segundo Marsiglia, a matéria *Contaminada pela vida* começou a ser pensada depois que a equipe do *Aliás* viu uma pesquisa do Ministério da Saúde dizendo que os casos de Aids tinham reduzido, a sobrevivência aumentado, mas numa certa faixa etária, acima dos 50, aumentara sensivelmente, principalmente em mulheres. Decidiram, então, procurar uma mulher, idosa, portadora do HIV para escrever a matéria. "Foi um pouco

difícil encontrar. Mas um amigo meu que trabalhava num grupo de DST indicou a Beatriz, que já havia participado de alguns encontros”. Aí ele foi para Porto Alegre, numa quinta-feira, à tarde. Fez a entrevista na casa dela e voltou no mesmo dia.

O prazo para terminar a matéria era sexta-feira à tarde. “Eu me lembro que foi muito difícil. Foi uma das matérias que eu levei mais tempo pra achar um caminho. Chegou um momento, eu me lembro, por volta das seis da tarde, eu tinha que entregar o texto, estava meio em pane”. Era uma história digna, de alguém que se apaixonou, casou-se com um homem para cuidar dela por causa da Aids, mas que acaba sendo cuidado pela Beatriz, pois desenvolve um câncer e morre. Para ele aquele tempo com ela não foi em vão. Ele chegou num apartamento de classe média, com fotografias de netos, filhos, uma vovó que não tinha nada de maluca. Alguém que teve três homens na vida: um que lhe deu um filho, outro que lhe deu o HIV e outro que lhe deu amor e que foi seu grande amor. Marsiglia conta que passou a tarde com ela: “Me lembro que durante a entrevista ela colocou sobre a mesa muita coisa que utiliza nas palestras; espalhou camisinhas de diversas cores. E assim nasceu o texto, um dos que eu gostei mais de ter feito”.

A imersão do repórter na realidade de Beatriz foi fundamental para que o texto fosse complexo-compreensivo. Marsiglia não conhecia a personagem. Teve que ir ao encontro dela, em Porto Alegre. Ele se envolveu física e emocionalmente na história. Não ficou de fora. Mergulhou no mar da vida de alguém. Teve que ser compreensivo, fazer uma jornada ao sul do Brasil sem saber exatamente o que encontraria. Teve que se despojar de preconceitos, de idéias pré-estabelecidas. Necessitou de abertura total para captar a vida e a morte que pulsavam no peito de Beatriz.

Estando na casa de Beatriz, Marsiglia olhou nos olhos da personagem. Falou e ouviu. Chorou e sorriu com ela. Ele diz que Beatriz não era uma mulher promíscua, mas uma mulher tranqüila. Alguém que encontrou na doença uma maneira de colaborar. Continua dando palestras, mesmo depois da morte do marido. O casal, durante as palestras, beijava-se na boca e tomava água no mesmo copo para demonstrar que a Aids não se transmitia dessa maneira. Gestos de compreensão.

No texto, o repórter continua contando a vida da personagem. Agora, falando do verdadeiro amor que Beatriz experimentou. Com os filhos criados e aos 42 anos de idade, Beatriz decidiu que não havia mais lugar para homens em sua vida:

Isso até encontrar Carlos Antônio Aleixo, "o único de quem você pode publicar o nome, porque foi quem eu amei de verdade", em março de 1996, na sala de espera do Tribunal do Trabalho, em Porto Alegre. Ele era auditor fiscal, também tinha filhos e estava recém-separado. Simpatizaram um com o outro e, no meio da conversa, deram-se conta de que já tinham se conhecido, 30 anos atrás. "Você não é a Neca?", perguntou Carlos, que estivera na casa dos Pachecos quando era apenas um garoto de 14 anos e ela tinha 18. "Na hora, não me dei conta. Mas quando ele me telefonou, convidando para jantar, ouvi sua voz e senti um frio na barriga. Aí me dei conta de que estava gostando dele". O jantar foi no sábado. Segunda-feira, os dois já estavam morando juntos. O ano que se seguiu foi maravilhoso para Beatriz e Carlos. "Vivi a sexualidade mais rica da minha vida entre os 50 e os 60 anos", conta ela. "Nossos filhos notavam quanto éramos felizes e nos chamavam de 'envelhecetes'", ri.

Assim, a vida de Beatriz foi transformada, a partir da Aids. Não desanimou diante das dificuldades e da notícia. Mostrou-se forte o suficiente para lutar contra a morte e para ajudar muitas outras pessoas a serem fortes também. Não só transformou sua visão das coisas, como lidera a luta contra a Aids em sua realidade. Exemplo de mulher para todos que convivem com ela. A história de vida de Beatriz pode transformar a vida de leitores portadores ou não do vírus HIV.

A primeira infectologista consultada por Beatriz deu-lhe 18 meses de vida. (...) Os filhos começaram a se despedir dela. Uma ocasião os quatro repetiram com a mãe o passeio preferido de infância: foram ao circo juntos e comeram algodão-doce. Natal e aniversários foram celebrados como se fossem os últimos. O casal também enfrentou o drama junto. Nos primeiros quatro meses, Beatriz e Carlos tiveram que pagar o tratamento do bolso. "Gastávamos US\$ 2 mil por mês em medicamentos", conta ela, que precisou se endividar e teve um automóvel tomado pelo oficial de Justiça. Quando o coquetel anti-aids foi descoberto e o Ministério da Saúde passou a fornecê-lo gratuitamente pelo Sistema Único de Saúde, a situação melhorou. Os dois tiveram que redescobrir a vida sexual e aprender a usar camisinha. Também começaram um trabalho de militância contra o preconceito e pelo amor nos tempos de HIV. Beatriz fundou o Movimento Nacional das Cidadãs Positivas, de prevenção e apoio aos infectados. Já em 1999, ela publicou no jornal do Gapa, Grupo de Apoio à Prevenção da Aids, um artigo intitulado Nós, as HIVéias, que tocava no tema tabu da infecção de mulheres de meia-idade casadas. Dispensar a camisinha nas relações estáveis? Fazendo o exame antes, tudo bem, ensinava Beatriz, contanto que a proteção seja regra nas relações extraconjugais: "Se pular a cerca, traz a guampa (chifre, no dialeto gauchês) sem o HIV pendurado nela". Para mostrar que o contágio da Aids não se dá senão por via sexual ou transfusão de sangue, os dois faziam palestras durante as quais bebiam água do mesmo copo e eram invariavelmente encerradas por um apaixonado beijo na boca.

Contaminada pela vida, portanto, é exemplo de que a narrativa da vida real tem seu lugar no jornalismo. Uma coisa é você oferecer aos leitores informações sobre a Aids, algo importante, sem dúvida, porque precisamos de informações sobre a doença, outra, oferecer uma história como a de Beatriz, com seu testemunho de vida. Uma narrativa assim toca o coração de quem a lê, pode impulsionar o leitor a querer se

solidarizar com os portadores da Aids; tem poder de fazer as pessoas serem mais compreensivas e menos preconceituosas com quem tem a doença; alerta as pessoas que estão na faixa etária de Beatriz a serem prudentes e a perceberem que podem passar por tudo o que a personagem está passando se forem negligentes com a própria vida. Além dessas possibilidades que uma narrativa da vida real oferece, existem muitas outras que nem podemos imaginar. Por isso, as histórias de vida, tão importantes para a transformação e a compreensão da sociedade, devem estar presentes nos jornais.

4. História de vida do jornal *Correio Popular*

Casamento muito especial em Socorro

O autor da matéria do jornal *Correio Popular* é Fabiano Ormaneze, formado pela PUC de Campinas, em 2004. Pós-graduado em Jornalismo Literário, trabalhou em assessoria de imprensa, jornal impresso e produção editorial de livros em editoras. Mesmo quando fazia assessoria de imprensa, seu foco eram as histórias de vida. Algo que desde a faculdade o interessou. Seu projeto de conclusão de curso foi um livro-reportagem sobre histórias de vida, *Vidas partidas*, histórias de mães que enfrentaram a morte dos filhos.

Fabiano ainda estava na pós-graduação quando recebeu o convite para trabalhar no jornal. Começou na coluna *Um rosto na multidão*. A coluna não tinha um titular, nem periodicidade. Hoje ela é publicada todos os sábados.

Ele nunca teve problemas por escrever textos um pouco diferentes. Aliás, esse estilo é sua marca. “No *Correio* já se sabe que meu estilo é esse. Não sofri nenhuma represália por escrever no estilo Jornalismo Literário. Mas percebo que o estilo não é o que chama mais a atenção dos leitores, e sim as histórias de vida que conto”. Para Fabiano o estilo ajuda, atrai, mas são os personagens quem cativa. Quanto mais ousado é o texto, maior o retorno dos leitores.

A proposta da coluna *Um rosto na multidão*, como adiantado, não é falar de celebridades, de gente conhecida, mas de pessoas anônimas que fazem uma coisa diferente ou que tenha uma história de vida pitoresca, que chame a atenção, ou que

tenha um trabalho de doação da vida, que sirva de exemplo para a sociedade. Essas histórias chamam a atenção dos leitores porque geram uma identificação. “É alguém anônimo como eu”, “alguém que eu conheço”, “que mora no meu bairro”. Outro aspecto: são histórias “boas” num jornal que traz notícias “ruins”, como todo jornal, apesar de o *Correio* não ser sensacionalista, voltado para o público A e B. “As histórias de vida são como um momento de alívio para quem acabou de ler um fato violento que aconteceu na cidade ou na região. O jornal, muitas vezes, é árido e um texto mais suave ajuda o leitor a compreender melhor as coisas”, disse Fabiano⁴. Ele dá um exemplo: “Você lê uma matéria falando da fome e de repente se depara com um texto diferente, mostrando que existem pessoas lutando para matar a fome de outras. Isso mostra que a vida social não é só tragédia”. Para ele, “precisamos de exemplos para seguir. As histórias de vida alimentam a esperança das pessoas”.

Fabiano acha fundamental ir ao lugar onde está a pessoa. “Você, indo ao lugar, recebe tantas informações sobre a pessoa que por telefone você não consegue e por e-mail menos ainda. Porque o lugar em que a pessoa vive fala sobre ela. As coisas que ela possui, as pessoas ao seu redor falam sobre ela”.

Para o jornalista do *Correio Popular*, as histórias de vida podem transformar a vida das pessoas. Certa vez, ele fez uma matéria sobre a dificuldade que crianças, com alguma deficiência, têm para conseguir brinquedos. “É uma coisa muito difícil para uma criança cega, por exemplo, encontrar um brinquedo apropriado para ela. Fiz uma matéria sobre isso”. Dois dias depois, ele recebeu um e-mail de uma pessoa que estava abrindo uma loja de brinquedos em Campinas e que, motivada pela matéria, decidiu abrir um pedaço da sua loja com brinquedos para crianças portadoras de deficiência, cegas, surdas, mudas, paralíticas etc. “Nesse sentido eu penso que contar a história da criança que não tem brinquedo, não por que não tem dinheiro, mas por não ter acesso, por que não pensaram nela quando foram fabricar os brinquedos, provoca uma transformação”. Para Fabiano, se há um jornalismo que transforma, esse jornalismo é o que conta boas histórias de vida. “Procuro contar histórias que trazem bons exemplos para as pessoas, que possam servir de transformação. Mas não fico preocupado se transformou ou não. Eu planto as sementes”.

Casamento muito especial em Socorro é um texto complexo-compreensivo. O repórter inicia falando do casamento das personagens:

⁴ Entrevista completa pode ser encontrada nos anexos.

O que se viu na última quinta-feira, na Igreja Matriz de Socorro (a 104 quilômetros de Campinas), foi uma cena para cerimonial nenhum colocar defeito. Maria Gabriela Demate, de 28 anos, como toda noiva, chegou um pouquinho atrasada, cerca de dez minutos, e já era esperada, com ansiedade, pelo noivo, Fábio Marchetti de Moraes, de 29 anos. A data também não foi escolhida por acaso: fazia um ano que Valentina, a filha do casal, nascera. Falando assim pode parecer uma história comum, com uma coincidência de datas. E realmente seria, se o casal não tivesse ficado conhecido desde a gestação da garotinha.

Essa cena que abre a narrativa não demorou para ser escrita pelo jornalista, mas demorou muito para ser concretizada. Maria Gabriela tem síndrome de *Down*. Até aí tudo bem. Mas, ficou grávida. A gravidez de mulheres com síndrome de *Down* é um fato raro para a medicina: apesar de terem os órgãos reprodutivos bem formados, a taxa de fertilidade é menor, além de ser grande o risco de um aborto natural. A estimativa é de que haja, no mundo todo, pouco mais de 50 filhos de mães com *Down*.

Esse fato gerou dezenas de matérias em muitos jornais. Na região de Campinas não se falava em outra coisa. O que fazer com a menina? Será que ela vai conseguir ser mãe? E a criança? Vai nascer perfeita ou com *Down*? Discussões e mais discussões. Informações e mais informações!

Isso durou os nove meses. Até que nasceu a Valentina. Para a felicidade de todos, perfeita, vendendo saúde. Isso gerou outras dezenas de matérias. Aí vieram outros desafios para Maria Gabriela: ela enfrentou muitos problemas para registrar a menina, porque a Lei brasileira exige que o pai diga: “Esta é minha filha”, mas o pai de Valentina, Fábio, tem uma pequena deficiência mental, pelo atraso na hora do parto, e não tinha condições de dizer isso. Mais polêmica e repercussão na região, como diz o repórter no texto:

Quando Valentina nasceu, na Maternidade de Campinas, começou um impasse que só foi solucionado três meses depois na Justiça. A menina teve o registro de nascimento negado, sob a alegação de que Fábio não teria o discernimento necessário para declarar, por si só, ser o pai, como prevê a legislação brasileira. A única saída seria registrá-la como filha de pai não declarado, o que ficou fora de cogitação pela família. Chegou-se a falar, inclusive, que seria necessário um exame de DNA, o que acabou não sendo necessário. A autorização para o registro foi concedida depois que Fábio foi ouvido por uma juíza.

Fabiano Ormanzeze conta que, por tudo isso, o caso já vinha sendo acompanhado pelo *Correio Popular* a pelo menos um ano e meio. Depois que registraram a criança, os pais decidiram se casar. Desse modo, o casamento tornou-se celebração de uma vitória.

Como ensina Campbell, no final da jornada, depois de muitas batalhas, o herói retorna com o elixir. O casamento era o retorno. Retorno à vida cotidiana, às pequenas alegrias. Nascia mais uma bela matéria. Fabiano foi a Socorro, conversou com os pais dos dois jovens que iriam se casar. Acompanhou o casamento e escreveu o texto, que teve grande repercussão.

O casamento aconteceu no dia 19 de março. O repórter, com simplicidade, narra o momento mais emocionante da cerimônia da seguinte maneira:

A garotinha, que começa a dar os primeiros passos, teve uma participação especial no casamento: no colo da avó e mãe da noiva, Laurinda, ela levou as alianças para o casal.

A narrativa do *Correio Popular* foi um sucesso. A repercussão na redação foi extraordinária. A história de vida de Maria Gabriela, Fábio e Valentina tocou profundamente a vida de todos. Isso mostra o poder transformador de uma narrativa da vida real publicada num jornal. Uma história sobre a Síndrome de *Down* que informa, mas, especialmente, torna as pessoas mais compreensivas e menos preconceituosas. Muita gente na sociedade vê os portadores de deficiência mental como “loucas”, inaptas para a convivência social. Há pessoas que pensam que portadores de *Down* são inúteis, nem deveriam ter nascido, já que não têm muitas possibilidades! A história de Maria Gabriela e Fábio faz essas idéias desmoronarem, pois todo ser humano tem dignidade e sonhos a serem realizados, como escreve o repórter na matéria:

Noiva exigente, que dizia que queria “tudo como se fosse uma princesa”, Maria Gabriela fez questão de ter viagem de lua de mel. O casal partiu ontem à tarde para um hotel-fazenda em Águas de Lindóia (a 102 quilômetros de Campinas), onde ficará até amanhã. Enquanto isso, dona Laurinda vai cuidar de Valentina. “O casamento foi lindo, como nós todos sonhávamos. Foi o final feliz esperado para esta história”, disse a mãe da noiva. O romance de Fábio e Maria Gabriela começou na infância, quando os dois já trocavam presentes na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE). O namoro sério teve início em 2005. “Foi tudo do jeito que eu sempre sonhei”, disse a noiva.

A história de vida, narrada por Fabiano Ormanzeze, emociona, informa, transforma. Quebra barreiras, derruba muros, vence preconceitos. Não dá mais para vivermos fazendo acepção de pessoas. Ninguém é pior ou melhor que ninguém. Somos humanos. Se não nos respeitamos mutuamente como viveremos nesse planeta azul, que está perdendo a cor pela incompreensão? As narrativas da vida real dão um brilho novo

às páginas dos jornais. Não por causa da tinta das impressoras, mas da vida que pulsa no coração do jornalista que escreve a partir do signo da compreensão.

5. História de vida do jornal *Gazeta do Cambuí*

Que nem José

A matéria “Que nem José” foi publicada na *Gazeta do Cambuí*, no dia 13 de março de 2009, tendo sido escrita pelo jornalista Tiago Gonçalves.

Conta a vida do carpinteiro Ilson Antonio Verginelli. O pai de Ilson, Felício Verginelli, morreu aos 93 anos e trabalhou como carpinteiro durante 80 anos. A família conta com 7 carpinteiros. É uma história que resgata a vida dos italianos que vieram para o Brasil, em busca de uma vida melhor, com muita dedicação e fé em São José, pai de Jesus, o carpinteiro de Nazaré.

Como Tiago escreveu essa narrativa? “Lembro-me que saí pelo Cambuí, bairro onde circulava a *Gazeta do Cambuí*, em busca de um carpinteiro. Queria encontrar algum tradicional, que ainda mantivesse a mesma tradição herdada de São José. Por indicação, fui a diversas casas: numa, o carpinteiro indicado não era carpinteiro, mas marceneiro. Descartei. Na segunda, o profissional já tinha falecido. Até que cheguei à antiga casa de Seo Felício. O vizinho me disse: ‘Ele foi um dos melhores carpinteiros, mas já morreu’. No entanto, pairou a salvação de minha pauta: ‘Seu filho, Ilson, herdou a profissão’. Pensei: Perfeito! O impressionante foi quando apurei a vista e enxerguei, repousando no oratório da frente da casa, um São José de gesso. Antigo, quase desbotado. Apesar de a casa estar fechada, após a morte de Felício, a imagem que retratava a devoção e a profissão do velho ainda estava em imponentia. Marquei a conversa para o dia seguinte com Ilson. Antes do papo, pedi para que ele mostrasse

algumas ferramentas da profissão. Foi quando me apresentou um serrote e uma plaina manual. Ainda confidenciou: ‘Pertenceram ao meu pai’. Nossa conversa amistosa durou uma hora. Mais do que uma entrevista, o encontro se configurou num bate-papo. Ilson falou sobre as peripécias do pai, como ele entrou na profissão, o futuro que daria à casa do velho, falou das dificuldades da profissão e comentou sobre a sua família que é composta por sete carpinteiros. Sete, em uma só família? Não poderia ser melhor, numa matéria que falaria sobre esta profissão. Por último, Ilson disse que não quis que o filho, Rafael, seguisse a herança da família”.

Para Tiago, faz-se de extrema importância ao jornalista estabelecer laços de amizade com o entrevistado antes de cada conversa (“prefiro mencionar: conversa ou bate-papo, do que entrevista – soa muito formal”). Para começar, gosta de se encontrar com a personagem em seu ambiente natural. A casa ou o escritório ou o emprego diz muito ao repórter atento. Basta observar o seu redor, que conta muito daquela pessoa que está à sua frente. Procura digerir aquele ambiente com relação à personagem. No caso de Ilson, a casa do pai dizia muita coisa e mexia muito com o filho. Durante o papo, lembrou-se de coisa que tinha já esquecido. Às vezes, o meio nos conta mais do que o próprio personagem.

Outra característica que esse jovem repórter sempre traz à tona, em suas conversas, é a infância. Gosta de estimular a personagem a voltar à meninice. “Ela nos diz muita, mas muita coisa. E nos explica muito, também. Fazer a personagem voltar ao passado e recriar em palavras aqueles instantes é crucial e proveitoso. Gosto de ouvir histórias.... Isso deveria ser uma arma ao jornalista de hoje: Escutar! Vemos ao contrário, já que a maioria pensa em perguntar!”, explica.

Nessa sua empreitada como jornalista, está mais presente as técnicas de apuração da História Oral: “Enxergo que tem tudo a ver com a apuração do Jornalismo Literário, principalmente a desenvolvida na Unicamp, do que as do distanciamento da escola jornalística convencional e fria”. Ao invés de perguntas, lança temas pelos quais as personagens possam passear, discutir, contar, lembrar ou até mesmo divagar sobre o assunto ou determinada informação. Sempre, claro, a partir de suas memórias pessoais.

Por exemplo, Ilson foi discutir a profissão de carpinteiro não pelo âmbito do que ele ouve falar, mas pelo que suas memórias emotivas lhe sopram. Está nisso o verdadeiro depoimento, a verdadeira voz da personagem.

Vejamos no texto alguns pontos que fazem essa narrativa ser complexo-compreensiva:

O nome não é de santo, mas o sobrenome sim: Antonio, o casamenteiro. Se bem que a profissão de Ilson está ligada a outra santidade, José.

Vemos, nesse trecho da narrativa, a íntima ligação da vida com a religião, as crenças, os mitos, elementos desenvolvidos por um pensamento complexo-compreensivo. A matéria seria publicada por ocasião da Festa de São José. Por isso, o repórter procurou um carpinteiro, profissão do pai de Jesus Cristo. A história conta que José ensinou a profissão a Jesus, que também tornou-se carpinteiro. O mesmo se deu na narrativa publicada pela *Gazeta do Cambuí*: Ilson aprendeu a ser carpinteiro com o pai, Felício.

Tal como o carpinteiro de Nazaré, na Galileia, o de Campinas dedica sua vida, desde a época de meninote, ao ofício com a madeira. Serra, lixa e enverniza. Na rotina de trabalho em construções, sejam elas de casas, prédios, escolas e até de igrejas, Ilson tem como fiéis escudeiros ferramentas de ontem, pouco utilizadas hoje, como serrote e uma plaina manual. Ele as mantém por um único motivo: pertenciam ao seu pai, Felício Verginelli, que morou seus 93 anos no Cambuí e fez fama como um dos melhores carpinteiros das redondezas.

A narrativa traz ainda ao leitor a valorização da família, da tradição, do passado. Ilson não despreza as ferramentas antigas que seu pai usava, mas faz questão de utilizá-las. O pai já morreu, mas ele mantém íntima ligação com ele, através desses instrumentos e de tudo o que aprendeu. Isso é compreensão. Muitas pessoas acham que o passado não tem importância. Defendem que o que se tem hoje é o que vale. Um pensamento compreensivo não descarta as experiências de ontem ou de mil anos atrás. Não defende que o homem dos dias atuais seja mais inteligente que o do passado, que as técnicas do novo milênio sejam superiores às dos povos antigos. Ao contrário, ensina que o passado ilumina o presente, enriquece o presente. Isso vemos na história *Que nem José*.

Outro aspecto de compreensão que o texto nos indica é a busca pelo aperfeiçoamento, a abertura ao novo. Um pensamento complexo-compreensivo não é fechado, mas amplia horizontes. Ilson, apesar de anos de experiência na profissão, depois de tudo o que aprendeu do pai, ainda se considera aprendiz da profissão e da vida:

A carpintaria, gosta de afirmar, “não é uma profissão fácil de se levar: Judia muito da pessoas”, reconhece. Por isso, não há carpinteiro que se preze sem nenhuma marca de corte ou sem protagonizar um tombo daqueles. “Meu pai, mesmo, caiu de uma altura de quase cinco metros. Ficou mais de um ano sem andar”. Apesar dos contras, Ison não troca a carpintaria por nada. Gosta dos desafios que a profissão proporciona. “Sempre faço coisas diferentes, porque nenhum telhado é igual ao outro”.

O pai continua vivo na memória de Ison:

Felício trabalhou até os 80 anos. “Ele nos acompanhava na obra ou, quando comentávamos de algum serviço, sempre queria nos ensinar a fazer”. Só parou quando a vista começou a enfraquecer. Lúcido e elétrico, o velho carpinteiro revelava apenas para os filhos o segredo do sucesso da profissão de São José: inteligência para executar o madeiramento; agilidade para andar em cima dos telhados, e força, “tem que conseguir carregar as madeiras, né?”.

Na história de vida *Que Nem José*, o jornalista Tiago Gonçalves procurou brincar com o carpinteiro que não tinha nome, mas sobrenome de Santo. E que, ao invés de José, o padroeiro dos carpinteiros, foi batizado em devoção a outro santo, Antônio, o casamenteiro.

Um detalhe que abusou na produção deste texto foi o uso do *flashback*. “Por presentificar ao máximo as informações, utilizei-se do recurso citado para viajar com a personagem até o passado. A dosagem entre o hoje e o ontem garante uma fluidez na apresentação das informações muito interessante. Prende o leitor”, contou.

A narrativa publicada na *Gazeta do Cambuí* cumpre o papel de motivar os moradores do bairro. Ison é um homem simples, carpinteiro, que circula pelas ruas do Cambuí, muitas vezes sem ser notado, porque não é uma celebridade. Todavia, tem uma história interessantíssima. Quantas coisas o carpinteiro ensinou através da matéria. Com certeza, as pessoas passaram a vê-lo de outra forma depois de ter sua história de vida publicada no jornal. Seu exemplo de trabalho, seu amor ao pai, sua fé, são sinais de que a vida ordinária é extraordinária, como ensina Brum. Que o conhecimento de uma pessoa, em sua área profissional, não deve levá-la ao desprezo dos ensinamentos dos antepassados, mas à união das diferentes formas de conhecimento para uma vida melhor.

CAPÍTULO III

A EXPERIÊNCIA DE NARRAR A PARTIR DO SIGNO DA COMPREENSÃO

1. Introdução

O terceiro e último capítulo da dissertação é um trabalho autoral. Você vai conhecer três histórias de vida produzidas pelo autor, a partir de seus estudos no Mestrado e no grupo de pesquisa “Comunicação, Jornalismo e Epistemologia da Compreensão”, da Faculdade Cásper Líbero.

Narrar, a partir do signo da compreensão, é uma experiência que marca a vida do repórter. Ele lida com personagens, com pessoas. Cada ser humano tem uma história. Desde o nascimento até a morte, ele vai deixando suas pegadas gravadas no chão do mundo. Narrar, portanto, uma história de vida, é ir ao encontro de alguém, de um sujeito. Alguém que ri, chora, ama, sonha, desanima, enfrenta novamente os obstáculos e chega ao fim. Todos nós fazemos a jornada do herói, proposta por Campbell.

A primeira narrativa da vida real conta a história de Wilson Maritaca, ex-jogador de futebol, que atuou pelo Corinthians, no tempo do Santos de Pelé. No texto *Frente a frente com Pelé*, Maritaca fala da emoção de jogar contra o “Rei do futebol”, no estádio da Vila Belmiro, na baixada santista, suas experiências no mundo do esporte e o novo sentido que encontrou para sua vida, depois que deixou de jogar. Essa narrativa foi pensada e escrita como se o autor fosse publicá-la no Caderno *Aliás*, do jornal *O Estado de S. Paulo*. Um tema que seria de interesse para um jornal que é veiculado em todo o Brasil.

Na história, *O jovem do brechó*, o autor traz a vida de Sérgio Murilo, um jovem que vive numa cadeira de rodas, mas que montou um brechó para ganhar o pão de cada dia. Sérgio pede roupas usadas para as pessoas e vende-as em sua loja a preços bem baixos. Recebe solidariedade e é solidário. Sonha, trabalha, luta, ama, sofre, desperta a esperança no coração daqueles que entram em seu brechó. A vida de Sérgio Murilo foi

pautada e escrita pensando num jornal como o *Correio Popular*, veiculado numa grande cidade como Campinas e sua região metropolitana.

Por fim, a história: *O Marechal da música sertaneja*, conta a vida de Geraldo Meirelles, pioneiro no incentivo à música “caipira” nos meios de comunicação, sobretudo no rádio e na televisão. Essa história de vida foi pensada para um jornal como a *Gazeta do Cambuí*, cujas narrativas são pequenas e versam sobre histórias de vida de pessoas que moram no mesmo bairro dos protagonistas. Geraldo Meirelles vive numa chácara, no bairro Bela Vista, na cidade de Casa Branca-SP.

Nos anexos, para reforçar a idéia dessa identificação com o tema das narrativas de vida real, o autor disponibiliza, para o leitor, a narrativa *Simplesmente Mulata* que conta a história de um casal, Domingos e Mulata, que viveram um casamento de 73 anos. O autor acompanhou a vida da família durante o período de doença da esposa, cerca de um ano e meio. Fez inúmeras visitas ao casal, experimentou a dor da família, sobretudo de Domingos, que ficava dia e noite ao redor do leito de Mulata, enchendo-a de carinho e amor. Pouco tempo depois da morte da esposa, Domingos também faleceu. É uma história de maior fôlego, publicada no livro *Jornalistas literários: narrativas da vida real por novos autores brasileiros*, organizado por Sergio Vilas Boas. O texto revela possibilidade e potencialidades, muitas vezes, difíceis de serem exploradas em espaços menores, que os jornais, às vezes até com certa má vontade, disponibilizam, ou em tempos de produção exíguos – longos trabalhos de apuração, entre outras coisas, representam investimentos financeiros que os jornais raramente estão dispostos a fazer.

Essas narrativas levam-nos ao tema da compreensão, objeto de preocupação do grupo de pesquisa “Comunicação, Jornalismo e Epistemologia da Compreensão”, do qual o autor faz parte, como afirmado antes.

Em entrevista ao autor da dissertação, o líder do grupo de pesquisa, Dimas A. Künsch, fala a respeito do pensamento compreensivo. Vejamos, a seguir, os fios que tecem a rede deste grupo de pesquisa da Faculdade Cásper Líbero. Esses fios são nos oferecidos por Kunsch.

Na alma do grupo, está a idéia de pensar sobre o pensamento da comunicação. De propor não tanto outro pensamento, outra teoria, e, sim, outra atitude cognitiva. É no nível das atitudes que o grupo trabalha quando fala na compreensão. Dá-se ao termo *compreensão* um estatuto cognitivo, porque se poderia pensar a compreensão num nível apenas intersubjetivo, o que já seria muito importante. Um estatuto cognitivo significa que, pela via da atitude compreensiva, estamos mais habilitados não a dar respostas

sobre o mundo, mas a trilhar caminhos mais auspiciosos no conhecimento. No grupo são destacados os dois lados dessa compreensão. Quando se fala de dois lados é evidente que é mais para nos entendermos, porque a realidade nunca é formada assim de dois lados. A realidade é complexa, tem muitíssimos lados, os que conhecemos, os que não conhecemos, os que nos desafiam.

Para nos compreendermos, nos entendermos melhor, as atitudes compreensivas, no nível específico do conhecimento, do trabalho cognitivo, representam um modo de pensar que não se constrói somente a partir da análise. Sem desprezar a análise, privilegia-se a síntese, o olhar compreensivo sobre diferentes esforços, teorias que se conversam e mais que teorias de uma área específica do saber, modos de saber, diferentes sabedorias, tipos de conhecimento. No campo cognitivo, precisamos fazer, por exemplo, as artes dialogarem com as ciências empíricas, a filosofia, os saberes religiosos, os saberes comuns. São muitas as narrativas que a humanidade constrói para tentar compreender o mundo. São muitas as histórias. São muitas as maneiras de aproximação que os seres humanos têm para dar conta dessa questão. Quem sou eu? Que mundo é este mundo? De onde vim? Para onde vou? São as questões básicas da humanidade. O conhecimento humano no fundo é isso. Assim, o grupo busca respostas para algumas perguntas. Isso no âmbito da cognição, da busca do conhecimento.

No âmbito intersubjetivo, o que a atitude compreensiva ressalta é que, sendo compreensivos uns com outros, aumentam as chances de nos compreendermos a nós mesmos e o mundo em que vivemos. O ser humano é a peça mais importante do concerto. A vida humana é o que há de mais importante. Isso tem que estar no centro de todo esforço de conhecimento. Por isso, os membros do grupo de pesquisa valorizam a atitude do respeito. A atitude de compreender inclusive a incompreensão. De compreender inclusive o erro, porque o erro também ensina, tem um valor cognitivo. Dentro de uma visão compreensiva, o erro também tem a sua luz, lá onde talvez ele esconda a sua luz.

Seja no mundo da cognição ou da intersubjetividade, a compreensão nos faz mais aptos a fugir à concorrência, à arrogância, à disputa pelo poder, e também a fugir à violência, que é a pior parte de todos esses processos, que são processos duais, reducionistas, não complexos, que, no limite, levam à violência física ou à violência sem sangue, como diz Restrepo no livro *O direito à ternura*.

E as principais diferenças entre signo da explicação e signo da compreensão? A explicação é um procedimento normal e ordinário no processo humano do

conhecimento. Em vários momentos, temos que explicar. O problema não está na explicação, mas em transformar a explicação no horizonte definitivo de todas as buscas, como se tudo estivesse aí para ser explicado. Boa parte da vida não merece explicação. Exige outros procedimentos cognitivos. Então, nada contra a explicação, mas contra o signo fechado da explicação, o reducionismo da explicação. Por que, além da explicação, nós temos outras atitudes que têm tanto valor quanto. Mesmo lá onde, para certas questões, você não dá uma explicação, uma resposta, não significa que não valeu o caminho feito e o ponto em que você chegou de compreensão.

O signo da compreensão não joga nada fora. Ele diz à explicação: “Você tem que dialogar com outros modos de compreensão”. A mesma coisa é a razão. Ninguém, em sua consciência, pode se voltar contra a racionalidade humana, pois essa é uma capacidade, uma competência que nós, humanos, temos e que às vezes não usamos ou usamos mal. Usar mal a razão significa coisas ruins. A racionalidade humana contribui para que nós caminhemos num sentido mais humano e positivo. Assim como lá temos a explicação absolutizada, aqui podemos ter o absolutismo da razão. Eis aí o erro.

É necessário diferenciarmos racionalismo de razão. O racionalismo não é razão. A razão pode ser crítica. A razão pode ser dialógica. A razão pode ser amorosa. A razão pode ser muito humana, muito compreensiva. Nada contra a razão! Tudo contra o racionalismo, a absolutização da razão, pois o ser humano é mais do que razão. Faz parte de uma visão compreensiva mostrar que não temos garantia de nada. A razão pode nos levar ao obscurantismo, à perversidade, à guerra. Quantas vezes motivos racionais e tecnológicos levam-nos à destruição do outro! As emoções também. Nós não estamos num ambiente angelical. Vivemos num ambiente de conflitos, de dúvidas, de incertezas. Só que o pensamento compreensivo diz: “A dúvida, a incerteza, o erro e mesmo a incompreensão, devem ser colocados para dialogar”. Se eu desconheço o estatuto cognitivo da incerteza, desconheço uma das coisas que mais nos acoçam o tempo todo: as incertezas. Entretanto, o pensamento de recorte mais racionalista, analítico, explicativo, sempre trabalhou com a idéia de que podemos chegar a certezas, conclusões, verdades. Isso é muito perigoso. Porque, de fato, não conseguimos chegar a isso.

Essa dissertação trabalha as histórias de vida publicadas em jornais. O mundo e a vida existem se forem narrados. Não há outra maneira. Falamos sobre as coisas. Representamos as coisas. Sentimos e criamos símbolos sobre as coisas. Tudo isso faz parte desse esforço de compreendermos o mundo em que vivemos. Temos nossas

utopias, nossos sonhos, erros, limites. O entrevistado tem uma visão muito ampla sobre narrativa. Vê a ciência empírica como grande narrativa, altamente qualificada, primorosa em muitos dos seus aspectos. Mas há, também, as narrativas míticas, as narrativas populares, os “causos”, as histórias humanas. Por que é assim? Porque, como dizia Joseph Campbell, em seus estudos sobre o mito, as histórias humanas são as mais variadas possíveis. São inúmeras. Incontáveis. Mas, no fundo, a humanidade está sempre falando das coisas que lhe interessam. São as questões de fundo. E essas questões freqüentam a filosofia, a ciência, a religião... Você não consegue escapar delas. É a questão do sentido da vida, a questão do amor, a questão da felicidade, a questão da origem da vida e da morte. Ou seja, não podemos não falar dessas coisas. E, ao falar, estamos encontrando um lugar que é nosso, não necessariamente uma resposta. Quem tem resposta para a questão da vida e da morte? Mas temos, como dizia Kant, por sermos humanos, a necessidade e o dever de perguntar, o dever de contar. Nós nos fazemos humanos enquanto narramos o mundo, as experiências, os sonhos, as utopias.

As narrativas, todas elas, de qualquer tipo, em verso, em prosa, visuais, têm, no fundo, essa preocupação básica de nos situar, de nos ajudar na construção de nossa identidade de humanos. Não de anjos ou de deuses, mas de humanos. Do modo como somos, com nossos potenciais, nossos limites, nossos erros, nossas buscas. No nível prático, ele diz que a narrativa, a palavra, tem um poder terapêutico. A palavra cura, porque, ao falar, ao assumir o direito que lhe cabe de se expressar, em qualquer situação, o ser humano assume o seu protagonismo. Esse é o primeiro passo de todo processo curativo, seja no plano da saúde física, psíquica, espiritual. Hoje as pessoas têm menos tempo de falar, contar, expressar-se, tendo necessidade dos terapeutas. Estamos nos tornando uma sociedade em busca de farmácias e terapeutas. O mundo precisa mudar para escutar as mais diferenças narrativas da humanidade. Daí a importância de todo trabalho jornalístico, uma tentativa de contar a história do que está acontecendo.

Em nossos dias, com o acúmulo muito grande de informações, num nível nunca antes imaginado, surge o desafio das narrativas, dos contadores de histórias. Por quê? Por que precisamos tecer os sentidos do que está acontecendo. De que adianta alguém ter um milhão de informações sobre determinado assunto? O que vai fazer com milhões de informações? Dá desespero. Então, são necessários contadores de história para nos ajudar a administrar as informações e perceber os grandes eixos de significados, os grandes desafios que aparecem na nossa vida.

As narrativas da vida real, sob o signo da compreensão, resultam em transformação, porque nos ajudam a pôr ordem na casa. Essas narrativas estão trazendo, para o centro do debate, o ser humano e, sempre que o ser humano é colocado no centro das preocupações, os resultados são transformadores. Esse é o sentido de toda busca humana de compreensão. Quando as pessoas contam histórias, narram sobre seus heróis, heróis que podem ser pessoas muito simples, comuns, essas histórias sempre provocam uma transformação nas pessoas que as lêem e as contam. Ninguém sai igual da história: nem quem é o protagonista da história, nem quem é o protagonista do texto, nem quem é o protagonista da leitura. As histórias de vida nos emocionam, tocam-nos, fazem-nos pensar que a vida, apesar de todas as dificuldades, vale a pena.

A compreensão, força motriz desta dissertação, pretende ser exercitada nas narrativas que veremos a seguir.

2. Frente a frente com Pelé

A casa é espaçosa. Sala com sofá amarelo. Estante cheia de livros, troféus, sendo um dourado em forma de chuteira. A mesa é de madeira e tem ao redor oito cadeiras aveludadas em cor marrom. Na sala, pode se ver ainda o diploma de Educação Física pela Universidade de Ribeirão Preto, o certificado de capacitação de profissionais de educação física e prática desportiva, voltada a pessoas portadoras de deficiência e um outro, de curso teórico e prático de futebol. Sobre a mesa, uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, um terço pendurado num crucifixo. Mas, o que mais chama a atenção de quem entra na sala é uma relíquia na parede no fundo entre dois candelabros: um quadro com uma fotografia de Maritaca frente a frente com Pelé, o rei do futebol.

Wilson Maritaca, ex-jogador de futebol, nasceu em Casa Branca, cidade do interior de São Paulo, em 1947; o pai era ferroviário, a mãe doméstica; eram seis irmãos, quatro mulheres e dois homens.

Na sua infância, passou um período em Casa Branca e, com oito anos, mudou-se para Franca, porque seu pai fora transferido para lá. Começou a freqüentar um parque infantil e, nele, passava meio período do dia; de manhã, ia à escola e, à tarde, ao parque, onde jogava futebol. Um dia, um professor de Educação Física o conheceu e começou a incentivá-lo bastante. O nome dele era Roberto. Ficou cinco anos em Franca.

De chinelos desgastados nos pés, short azul escuro e camiseta laranja. Enquanto conta sua história, mexe muito os braços e inclina o corpo para frente várias vezes.

Ele voltou para Casa Branca quando tinha 13 anos. Lá em Franca o chamavam de Pelezinho. De volta à terra natal, precisou ajudar em casa; foi para a lavoura apanhar laranjas. Apanhava também jabuticaba e manga.

— Eu fazia isso sem problemas, mas no íntimo eu queria mesmo era estudar. Então, entrei na Escola Industrial, aqui em Casa Branca, e fui fazer o curso de técnico em Mecânica e Torneiro. Estudei três anos e me formei. Depois da Mecânica, entrei no ginásio e, com 17 anos, me mudei para Araraquara por causa do futebol.

“Pelezinho” jogava também futebol de salão, no time da escola. Certa vez, o time jogou contra a Ferroviária de Araraquara, campeã estadual naquele ano. Perderam o jogo de 7x2, mas um dos dirigentes gostou do seu jeito de jogar.

Na semana seguinte, o dirigente voltou a Casa Branca para falar com seus pais. Eles o deixaram ir; viam ali uma oportunidade de melhorar a situação. Maritaca ficou dois meses nas equipes de base da Ferroviária. Foi difícil no começo. Enfrentou muitos obstáculos. O futebol era visto de uma forma bem diferente do que é hoje.

— Quem ficava atrás de futebol era considerado vagabundo; futebol era coisa de quem não tinha nada pra fazer. Mas eu sentia que tinha condições de me desenvolver; no fundo, no fundo, eu sonhava com isso.

Na época, a Ferroviária possuía uma estrutura fantástica, a melhor de todos os clubes do interior. Estando em Araraquara, Maritaca jogava e estudava ao mesmo tempo; terminou o segundo grau e entrou na Universidade Federal de São Carlos para cursar Educação Física. Fez dois anos lá. Trancou a matrícula por um ano, pois foi jogar no Paulista de Jundiaí. Depois desse ano no Paulista, foi para o Botafogo de Ribeirão Preto, onde concluiu o curso na Universidade de Ribeirão Preto. Era o ano de 1974.

Do Botafogo ele foi para o Corinthians, onde disputou o Campeonato Paulista daquele ano. Perderam a final para o Palmeiras por 1x0. Aí aconteceu uma coisa difícil para ele: machucou-se e teve que ficar o ano de 1975 sem jogar. Quando se recuperou foi para o XV de Piracicaba, disputou o campeonato paulista de 1976 e chegou à final, novamente contra o Palmeiras. Perderam também por 1x0.

Estava no quintal, próximo a uma mangueira de pequeno porte. Num dos galhos, uma gaiola e um periquito esperto, pulava para lá e para cá; até parecia o Maritaca quando jogava, não dava sossego para os zagueiros adversários. Esse passarinho é seu xodó. Cuida dele como se fosse um filho.

Maritaca encerrou a carreira como profissional no XV de Piracicaba. Veja como são as coisas. Quando chegou à Ferroviária, ela não estava na divisão especial do Campeonato Paulista, na elite, mas na primeira divisão. Naquele ano, 1967, a Ferroviária chegou à final do campeonato contra o XV de Piracicaba e foi dele o gol do título e do acesso do clube para a divisão especial. Foi o seu primeiro título no futebol e

um dos momentos mais importantes da sua vida. A partir desse título, realmente, ele passou a ser valorizado no mundo do futebol.

Esse título marcou a vida de Maritaca, mas ele viveu ainda outro momento eternizado no quadro na parede da sala. Foi num jogo na Vila Belmiro, em 1969. Ele estava na Ferroviária. Era uma data importante, dia do aniversário da sua mãe. Ela era santista e lhe recomendou que pedisse a camisa para o Pelé.

— Antes de iniciar o jogo, me aproximei dele, falei do aniversário de minha mãe e pedi a camisa, dizendo que seria o maior presente que eu podia dar a ela. Aí ele falou: ‘Olha Maritaca, tem um coronel aqui na Vila vendo a partida e ele me pediu a camisa. No próximo jogo eu prometo que dou uma para sua mãe’. Mas, para minha surpresa, quando o jogo acabou, eu ouvi o Pelé me chamando: ‘Maritaca, Maritaca’. Ele veio correndo em minha direção e disse: ‘Pegue a camisa. Leve para sua mãe e dê um abraço nela por mim’. O Pelé era um atleta diferente de tudo o que vi. Ele tinha algo mais; a capacidade de raciocínio dele era assustadora; a sua técnica extrapolava tudo; estava mil anos na frente de todo mundo. Viviam em outro universo, num outro departamento”.

Na primeira vez que jogou contra o Pelé, os companheiros de time chamaram sua atenção durante a partida. Eles gritavam: “Maritaca, você está no campo, não está assistindo não, você não é torcedor não, marca o homem...”.

— É que a gente ficava deslumbrado, boquiaberto com o que ele fazia.

Para se ter uma idéia, aquele jogo da Vila perderam por 5x2 e voltaram para Araraquara fazendo festa. Perder de cinco, na Vila Belmiro, era um tremendo resultado. O Botafogo de Ribeirão Preto fora lá antes e perdera de 12; jogou em casa e perdeu de 11 e o Machado, goleiro do time, fora o melhor jogador em campo.

— O que eu mais apreciava no Pelé era sua postura, a maneira como se relacionava com as pessoas. Eu nunca vi o Pelé deixar de dar um autógrafa, de acenar com a mão quando alguém chamava seu nome; ele até esticava a cabeça para ver as pessoas. Elas faziam de tudo para ter uma assinatura dele.

Passa do meio-dia. O calor é forte. Uma brisa suave invade o quintal. O cheirinho da comida aumenta ainda mais a fome. Alho, cebola. Hummm... Logo sentamos à mesa e saboreamos carne com mandioca, a famosa “vacca atolada”! Que delícia.

Depois que encerrou a carreira de atleta, Maritaca teve uma confecção; aposentou-se no futebol, por acidente de trabalho. Foi o primeiro atleta no Estado de São Paulo a conquistar esse tipo de aposentadoria: acidente de trabalho como jogador.

Ele reivindicou, junto ao INSS, os direitos sobre o “bicho” — prêmio que o clube dava aos atletas em caso de vitória.

— Naquela época, o bicho não era considerado salário. Mas deu certo; me aposentei com quinze salários mínimos. Se eu não tivesse feito essa conquista estaria numa situação difícil. O clube nos registrava com três ou quatro salários mínimos.

Quando voltou para Casa Branca, em 1980, aconteceu uma reviravolta na vida de Maritaca. Ele participou do CEC, um Curso de Evangelização Cristã, que a Igreja Católica da cidade realiza duas vezes ao ano. Segundo ele, foi a maior bênção que aconteceu na sua vida. Ele não tinha tanto contato com religião, sempre fora católico, mas não praticante.

— Eu costumo dizer que católico é a pior coisa que existe; católico é coisa ruim. A gente precisa ser católico-cristão; com o CEC eu fui ter consciência da minha vida. Existiu um Maritaca antes e um outro depois do CEC. Foi a partir disso que coloquei a locomotiva nos trilhos. Tive a felicidade de conhecer minha esposa, a Cida, uma pessoa maravilhosa, companheira, amiga, a sabedoria para criar os filhos.

Hoje ele trabalha em Brasília, num projeto de inclusão social de crianças através do futebol. Trabalho ligado ao Clube de Regatas do Flamengo, do Rio de Janeiro-RJ. Fica vinte dias na Capital Federal e dez em sua cidade. Faz isso há três anos.

— Estou feliz, gosto do que faço, trabalho com criança; devo ofertar um pouco do muito que recebi; dar um pouco de mim para as pessoas; passar minha experiência, meu conhecimento. É um trabalho que me dá muita alegria, muita satisfação.

Certa vez, jogando pela Ferroviária, Maritaca estava concentrado em Jundiá. Ele sempre quis ser feliz na vida, mas não sabia como conquistar essa felicidade. Lá existe um morro parecido com o Pão de Açúcar, onde foi colocada uma imagem do Cristo, bem grande. Ele ficou invocado, olhando para o morro.

— Era meio moleque ainda. Eu queria um sinal para acreditar em alguma coisa. Estava com 19 anos. Aí eu fui lá no Cristo, cheguei perto dele e falei assim: “Não vou contar nada pra ninguém, Jesus. Só eu e o Senhor estamos aqui; me dá um sinal, mexe só um dedinho, afirmando que vou ser feliz”.

Ele ficou lá horas e horas olhando, e o Cristo não mexeu o dedo. É a busca de todo ser humano. Hoje compreende as coisas. Afirma ser um homem extremamente feliz, tendo muito mais do que podia imaginar, não em bens materiais, mas em interioridade. Esse é o seu maior investimento hoje. Gosta de ler e acha que para alguém

ser feliz neste mundo precisa aprender a amar, senão não tem jeito. Essa é a sua maior busca.

— Lá no meu trabalho, em Brasília, o meu patrão me deu toda a abertura; então faço a parte de espiritualidade. A gente sempre começa e encerra as reuniões com alguma coisa espiritual. Nenhum trabalho vai pra frente sem o cultivo da espiritualidade.

Um cachorro de pequeno porte se aproxima. Cheira os chinelos de Maritaca. Ele passa as mãos nas orelhas do animal, que rapidamente vira a barriga para cima.

— Como pode uma esfera, uma bolinha, causar um impacto tão grande assim a nível mundial, principalmente no Brasil? — questionou Maritaca.

Ele lembra que Pelé, certa vez, foi viajar com o Santos para o Oriente Médio. Lá o povo estava em guerra. Pararam de guerrear durante uma semana para verem o Santos e o Pelé jogarem. Depois que o Santos saiu da região, os países voltaram a guerrear.

— O futebol consegue fazer isso! Consegue tirar o povo da opressão por alguns momentos; o pessoal de baixa renda fica muito ligado porque sofre muito. Hoje, por exemplo, eu já não consigo torcer pela seleção brasileira. Gostaria de ver o Brasil campeão, bi, tri, tetra, penta, hexa... da honradez, da honestidade, da justiça. A seleção sendo campeã, o que vai acrescentar para nós, para a comunidade, para os brasileiros como um todo?

Para Maritaca, infelizmente, existem muitos espertalhões que usam a seleção e o futebol para tirarem do foco os verdadeiros problemas. Temos tantas coisas para nos preocupar. Se o Brasil tivesse sido hexa este ano, os políticos estariam deitando e rolando. Até quando vamos conviver com essa situação? Precisamos mudar isso!

— Quando eu estava na Ferroviária, no Botafogo, muitas vezes os filhos dos meus diretores diziam assim: ‘Maritaca, você não sabe como a semana, na minha casa, fica em ordem quando vocês ganham um jogo; meu pai se relaciona maravilhosamente com minha mãe. Mas, quando perdem, a semana se transforma num inferno’. Veja como o futebol influencia positivamente ou negativamente o relacionamento entre as pessoas! Isso é grave, é gravíssimo. Por que não há investimento em educação? Sabe, eu tenho dó de torcedor. A corrupção e a manipulação nesse meio são muito maiores do que as pessoas imaginam.

Junto com Rondinelli, ex-jogador do Flamengo, Maritaca coordena as escolinhas do Flamengo, em Brasília; trabalha para uma empresa de Educação, chamada Notre Dame. O dono da empresa tem um filho que é atleta e apaixonado pelo Flamengo.

Então comprou franquias do Flamengo em Brasília, Goiás, Maranhão e Tocantins só ele pode montar escolinhas do Flamengo. Esse colégio vai do maternal até a universidade. Fazem parcerias com prefeituras, pois o projeto é educar através do esporte.

— A gente só pode implantar escolinhas na cidade se pudermos ajudar cinquenta crianças carentes. Os outros alunos pagam trinta reais por mês para terem aulas de futebol. Se aparecer algum garoto que possua potencial para ser atleta, há um investimento nesse garoto, encaminhando-o para outra escola onde vai receber toda a assistência necessária.

Maritaca atua na área da Educação Física. Usa o Desporto como ferramenta para ajudar as crianças. Seu trabalho é convencer os pais e os responsáveis de que podem transformar a criança a partir do esporte. Tudo é movimento, a criança vai descobrindo o corpo; brincando se socializa.

— Agradeço muito à minha mãe por eu ter feito a universidade. Eu era jogador de futebol e ela exigia muito de mim, que eu fizesse alguma outra coisa para eu ter uma qualidade de vida melhor.

As pessoas são as coisas mais importantes na vida de Maritaca. De tudo o que conquistou na carreira como jogador, o mais importante foi a amizade, especialmente a do Bebeto, hoje responsável pelas equipes de base do São Paulo Futebol Clube.

— Ele jogava comigo na Ferroviária, no meio de campo. Eu passei muitas dificuldades quando cheguei lá e ele foi um amigo de verdade, me animava, estendia a mão. Até hoje somos amigos, de vez em quando nos falamos pelo telefone. É isso que vale a pena. Muito mais que ganhar um título ou dinheiro é ter amigos verdadeiros.

Making off

Conheço Wilson Maritaca há alguns anos. Homem simples, sempre preocupado com os outros, sobretudo com as crianças pobres, aceitou o convite para a entrevista. Generoso e acolhedor, Maritaca avisou a esposa, Cida, que receberia visitas para o almoço. Cida preparou um frango caipira com arroz e saladas variadas.

Cheguei à casa da família por volta das 10h. Maritaca foi ao portão e me abraçou. Entrando pela sala, avistei o quadro do ex-jogador ao lado de Pelé. A fotografia está em destaque entre dois candelabros. Observei ainda medalhas, troféus e outros objetos ligados ao futebol, expostos na estante e na mesa, que fica próxima à

parede em que foi colocada a fotografia. Saímos da sala. Na cozinha, recebi o sorriso de Cida que já cuidava do frango. O cachorro da família latiu contra mim e cheirou minha calça jeans. Não fiquei com medo, pois o cachorro era bem pequeno. A entrevista seria feita no quintal da casa, numa área coberta. Dialogamos, partilhamos nossas experiências, tomamos um café fresco preparado pela esposa de Maritaca. Por diversas vezes, ele se emocionou, relembrando os momentos de glória e sofrimento em sua carreira como atleta de futebol. Evitei fazer uma entrevista de perguntas e respostas. Deixei que o diálogo fluísse naturalmente. Observei muita coisa: seus gestos, o ambiente, a influência da Cida naquele instante e outros pontos que me ajudariam na construção da história de vida. Tivemos momentos mais formais e outros informais, como os vividos durante o almoço.

Com a entrevista realizada através dos momentos de partilha, comunhão, amizade e ajuda mútua, despedi-me. Como ensina Edvaldo Pereira Lima, não cheguei em casa e escrevi a história de vida. Fui fazer outras atividades. No dia seguinte, com bastante calma e tempo reservado para isso, tranqüilizei meu coração e escrevi o texto.

Como vimos nesta dissertação, as narrativas complexo-compreensivas estão abertas às diversas formas de conhecimento. Com muitas informações em mãos e tantas outras gravadas no meu interior, fui gestando a narrativa até que ela nasceu. Vejamos agora alguns elementos do pensamento compreensivo presentes no texto:

“Frente a frente com Pelé” é um texto que reflete muitos pontos da jornada do herói, proposta por Joseph Campbell. No princípio, Maritaca vivia seu cotidiano, o mundo comum. Na sua infância passou um período em Casa Branca e, com oito anos, mudou-se para Franca, porque seu pai fora transferido para lá. Começou a frequentar um parque infantil, onde passava meio período do dia; de manhã, ia à escola e, à tarde, ao parque, onde jogava futebol. Recebeu um chamado à aventura, quando foi convidado a jogar na Ferroviária de Araraquara-SP. Atravessou o primeiro limiar, enfrentou os desafios e os inimigos, sobretudo o preconceito. Como ele disse, “o futebol era visto de uma forma bem diferente do que é hoje. Quem ficava atrás de futebol era considerado vagabundo; futebol era coisa de quem não tinha nada pra fazer. Mas eu sentia que tinha condições de me desenvolver; no fundo, no fundo, eu sonhava com isso”. Maritaca passou pela provação suprema e recebeu a recompensa, quando disputou a final do campeonato paulista no jogo contra o XV de Piracicaba: *“Naquele ano, 1967, a Ferroviária chegou à final do campeonato contra o XV de Piracicaba e foi meu o gol do título e do acesso do clube para a divisão especial. Foi o meu primeiro título no*

futebol e um dos momentos mais importantes da minha vida. A partir desse título, realmente passei a ser valorizado no mundo do futebol". Por fim, a volta com o elixir para sua terra natal. Agora, junto com Rondinelli, ex-jogador do Flamengo, coordena as escolinhas do Flamengo em Brasília e em Casa Branca-SP.

Um momento que mais me marcou na vida de Maritaca foi a atitude compreensiva de Pelé com a mãe do protagonista. A mãe de Maritaca, torcedora do Santos, pede que o filho consiga a camisa de Pelé, como presente de aniversário. O "Rei do futebol" havia prometido dar a camisa para um coronel ao final do jogo. Mas, diante do pedido de Maritaca, resolve dar-lhe o presente. Atitudes assim revelam o caráter de um atleta. Pelé mostra ser um homem compreensivo. Era uma celebridade, mas provou ter humildade e carinho para com as pessoas.

Por sua vez, Maritaca mostra, através de sua vida, ser uma pessoa compreensiva nos dois aspectos de compreensão. Cognitivamente, foi alguém que procurou aprender com o esporte, mas não desprezou a ciência, cursando faculdade de Educação Física quando ainda jogava futebol. Intersubjetivamente, valorizando mais a família, os amigos e as crianças que seus troféus e o dinheiro. Esse seu jeito de ser e viver contribui para a transformação da vida de muitas crianças. Liderando o projeto de inclusão social de crianças pobres, através do futebol, retribui o apoio e o carinho que recebeu das cidades e dos clubes por onde passou.

3. O jovem do brechó

Se você andar pelas ruas do centro da cidade de Casa Branca, interior do Estado de São Paulo, facilmente vai se deparar com o jovem Sérgio Murilo. Com uma cadeira de rodas, mais parecida com uma bicicleta, ele não pára. Cumprimenta um, acena para outro, sempre balançando muito os braços e mexendo a cabeça para lá e para cá. Ele deixa a funcionária de seu brechó atendendo os clientes e sai pelas casas, pedindo ajuda, na maioria das vezes, roupas usadas. Esse é seu ganha-pão. As pessoas são generosas com ele. Em seu brechó, a procura por mercadorias é grande.

A porta aberta e uma frase numa faixa azul, dizendo: “sejam bem vindos”, manifestam a receptividade do lugar. Prateleiras com bonecas, um ursinho de pelúcia marrom, um regador amarelo de plástico, roupas em caixas encostadas nas paredes. Com alegria, festa, fé e amor, Sérgio Murilo recebe seus clientes todos os dias, no brechó que leva seu nome. Quanto sofrimento experimenta todos os dias! Ele possui deficiência física e motora. Mas, não desanima.

— Deus me sustenta a cada dia. Ele me conduz e me mostra o caminho.

Sérgio Murilo sonha acordado, com os olhos brilhantes de felicidade. Todavia, nem sempre foi assim. Ele era uma pessoa revoltada antes de participar da Igreja. Achava que o seu problema era um castigo que Deus lhe tinha dado. Pensava que Deus não gostasse dele. Mas, depois que começou a acompanhar o grupo de jovens, tudo ficou diferente. Entendeu que Deus não castiga ninguém. Hoje, tem certeza de que é amado mais que tudo nesse mundo.

— Eu coloco os joelhos no chão todos os dias e peço: ‘Senhor, você sabe os meus problemas. Me dê força.

No brechó, seja frio, seja calor, chuva, sol, não importa, Sérgio Murilo ganha o seu sustento. Antes de abrir o brechó, procurou emprego na cidade inteira. Ninguém o quis por causa da deficiência. Achavam que ele não tinha capacidade para trabalhar. Mas encontrou uma saída. Algumas pessoas o ajudaram a abrir a loja, lugar que ama muito. Faz seis anos que está ali. O cômodo é alugado. Não dá muito lucro porque tem pouca mercadoria. Com o que vende, dá para pagar as contas e comprar o que precisa.

No Brasil, 62% das pessoas com deficiência não possuem emprego e as que trabalham recebem, em sua maioria, cerca de um salário mínimo. O jovem de 26 anos não anda com as próprias pernas. Suas pernas têm rodas. Contudo, está quilômetros à frente de muitos jovens na estrada da vida.

— A vida é dom de Deus, a nossa maior riqueza. Sem a fé, as riquezas do mundo não servem para nada. Conheço jovens que se deixam levar pelas seduções do mundo e estão morrendo. Eles têm conserto. Basta voltarem a Deus, o único que pode mudar o ser humano. Eu não consigo mudar a vida de ninguém, mas Jesus consegue.

Sérgio Murilo levanta cedo, movimentando as rodas da cadeira com força e sincronia pelas ruas da cidade. Anda, mesmo não podendo andar. Fala, mesmo com dificuldade. Sem sua força interior, ele seria como um deserto, sem água, sem vida, morto, poeira, rastros apagados pelo vento. Sem a esperança e o entusiasmo, seria terra sequiosa, céu sem estrelas, mar sem água, um beija-flor no inverno.

O jovem não conseguiria ser assim se não fosse o apoio da família e dos amigos. Para ele, a amizade é um dos maiores dons de Deus.

— Eu tenho esse dom. Faço amizade com muita facilidade. Meus amigos são os meus maiores presentes. Com eles a gente ri, chora, brinca.

A família também ajuda muito. Quando precisa, leva-o para todo lado. Não o tratam como um deficiente e, sim, como uma pessoa normal. A mãe ocupa um lugar central nessa história:

— Se estou agora trabalhando, é graças à minha mãe. Os médicos sempre me desenganaram. Diziam que o meu problema não tinha solução. Que eu não iria andar, falar, ouvir.

A mãe o levou a muitos médicos. Dormia no chão do hospital para ficar perto dele.

— Ela é uma pessoa vitoriosa.

O maior desejo de Sérgio Murilo é construir uma família. Quando tinha vinte anos pensava em ir para um seminário, ser padre ou irmão; mas viu que essa não era sua vocação. Apesar de toda limitação, quer arrumar uma esposa, formar uma família e ter

filhos. Não está namorando. Ele busca. Já paquerou bastante. A única coisa que pede a Deus é uma namorada que seja uma pessoa de fé, como ele.

Making off

Agendar uma entrevista com ele foi fácil, pois Sérgio Murilo é uma pessoa muito aberta, adora conversar, como dizem no interior: “Fala mais que o homem da cobra”, ou, “fala igual um papagaio”. Encontrei-o conduzindo sua cadeira de rodas na Praça do Rosário, a segunda maior da cidade. Ele me acolheu prontamente. Preferi fazer a entrevista em seu local de trabalho. Assim, poderia observar muitas coisas e sentir o pulsar do seu coração através das palavras.

Marcamos para um sábado, antes do almoço. Estava muito frio. Entrei no brechó e olhei para os detalhes. Talita, a funcionária, ficou o tempo todo ao lado de Sérgio Murilo. Como fiz com a história de vida de Wilson Maritaca, não levei perguntas prontas, mas deixei o diálogo fluir naturalmente. Quando chegava um cliente eu esperava. Ele atendia com carinho e voltava a conversar comigo. Ficamos juntos aproximadamente três horas. Após a entrevista fiz a foto. Sérgio Murilo fez questão que Talita fosse fotografada ao lado dele: “Ela é meu braço direito. Sem ela aqui eu estaria enrolado”, brincou. Voltei para casa, deixei a poeira abaixar, silencieiei meu coração. Só depois, sentei para escrever o texto. Quando escrevo uma narrativa, uso a técnica da escrita rápida que aprendi com Edvaldo Pereira Lima. Pego várias folhas de papel, sento-me confortavelmente, fecho os olhos, imagino tudo o que ouvi na entrevista, o que meus olhos puderam ver e os outros sentidos conseguiram captar. Depois começo a escrever sem parar, sem pensar muito. Desse modo, a razão não bloqueia a emoção. A edição vem depois. Assim nasceu o texto *O jovem do brechó*.

A história de vida de Sérgio Murilo leva-nos à compreensão. Ele faz parte de um grande número de brasileiros que sofrem por serem portadores de deficiência física. Apesar de muitas conquistas, os deficientes ainda lutam por seus direitos. No texto, Sérgio Murilo fala das dificuldades de se conseguir um emprego. No fundo, as pessoas preferem quem é considerado perfeito aos olhos da sociedade do que um deficiente para ocupar um cargo na empresa. Contudo, o jovem não desiste. Não fica se considerando uma vítima da história, mas se esforça de todas as maneiras para conseguir se sustentar e ajudar a família.

Histórias de pessoas comuns, como a de Sérgio Murilo, têm a força de conduzir os que estão sem esperança à esperança, de renovar a alegria na vida dos que estão chorando, de fazer de cada pessoa a Fênix, com sua capacidade de renascer das cinzas. Se você não prestar atenção ao seu redor correrá o risco de não enxergar uma pessoa como Sérgio Murilo. Quanta gente passa por ele e não o vê? Passa ao seu lado e finge não o ver? Mas, através desta narrativa, o jovem se torna percebido, visível, mesmo àqueles que não o querem enxergar. Essa é a beleza e a missão das narrativas da vida real.

4. O Marechal da música sertaneja

Uma estrada de terra, com curvas contornando uma lagoa, foi me distanciando da cidade. Não ouvia mais as buzinas dos carros, nem os gritos das crianças, mas apenas o barulho do silêncio. No alto da chácara, encontrei o Marechal, tranqüilo e feliz. Uma orquestra de pássaros de mil cores fazia uma sinfonia nas árvores, alegrando o coração de Geraldo Meirelles, 83 anos.

Nascido no interior, foi para a capital paulista ainda pequeno. Conheceu Dom Macedo, bispo auxiliar da Catedral da Sé e diretor da Rádio Nove de Julho, que o convidou para ajudá-lo. Depois de certo tempo, ofereceu-lhe um programa. Lembrou-se de suas raízes e decidiu inovar, tocando canções que falavam da terra, de tudo que lembrasse o sertão. Apesar do sucesso, era criticado por muitas pessoas.

— Diziam que eu ajudava o povo a continuar na ignorância.

O programa durou vinte anos, até a rádio ser fechada pelos militares, em 1973. De propriedade da Cúria Metropolitana, não silenciou diante da censura colocada em prática nos meios de comunicação pela ditadura. Por isso foi tirada do ar.

Geraldo Meirelles lançou novos talentos, através do programa “Canta Viola”. A história do “Canta Viola” começou em 1960, na extinta TV Associadas, hoje TV Cultura. O primeiro programa de música sertaneja lutou contra preconceitos dos mais diversos. Passou por outras emissoras, como Tupi, Bandeirantes e chegando a TV Record, ficando assim mais de 25 anos nesta mesma emissora.

Geraldo Meirelles ensinava os compositores sertanejos a fazer letras sem muito nós vai, nós vorta. O Marechal ajudou muitas duplas: Belmonte e Amaraí, Chitãozinho e Xororó, dentre outras.

Um dia, chegou a seu escritório um pai e seus filhos cantores. Olhou para os meninos. Pareciam dois passarinhos. Apelidou-os de Chitãozinho e Xororó. Eles passaram a fazer parte da Caravana Canta Viola. Ensinou-lhes muitas coisas.

— Eu colocava um lápis na boca de cada um e pedia para pronunciarem várias frases — lembrou, enchendo os olhos de lágrimas.

Mesmo sofrendo com o preconceito, animava o povo da cidade e do sertão. O programa Canta Viola foi o primeiro do gênero sertanejo a ter mais de uma hora de duração, na televisão brasileira. Por tudo que fazia, recebeu o título de Marechal. Houve um festival na cidade de Santo André para escolherem os melhores radialistas do Brasil. Meirelles ganhou o primeiro lugar.

— O organizador, que se chamava Canelinha, ao me entregar o troféu, disse que existiam muitos soldados, sargentos, capitães e generais na música do país, mas marechal só havia um: eu, Geraldo Meirelles.

O tempo passou, e o Marechal voltou para o sertão. Ao lado da esposa Wilma, dos cinco filhos, vinte e um netos e três bisnetos, quer apenas ouvir o canto dos pássaros e o pontado de viola. Tudo isso, sem se esquecer de Nossa Senhora Aparecida, sua protetora e mãe.

— Acendo uma vela para ela todos os dias. Se eu consegui ser o Marechal é porque ela esteve ao meu lado, em todos os momentos.

Making off

Geraldo Meirelles é um homem simples e acolhedor. Sou amigo de um de seus filhos, Martin. Ele me ajudou a agendar um dia para visitar seu pai e fazer a matéria sobre sua vida. O Marechal da Música Sertaneja vive tranqüilo, ao lado da esposa, numa chácara, na cidade de Casa Branca-SP, onde nasceu. A chácara se chama “Canta Viola”, nome do programa que alegrou o povo brasileiro durante anos.

Quando cheguei à chácara, dona Wilma veio ao meu encontro, sorrindo, feliz por minha visita. Serviu-me um café, na cozinha. Logo vi o Marechal chegando, ajudado por uma bengala. Ficamos juntos cerca de três horas. Conversamos, rimos muito, nos emocionamos. Geraldo Meirelles passou a vida inteira se dedicando à música sertaneja, viajando os quatro cantos do Brasil com a Caravana Canta Viola, sobretudo, ajudando as pessoas. Isso trouxe muita alegria, mas muitas dores. Hoje ele

sente no corpo os milhares de quilômetros rodados por estradas esburacadas e tortuosas. Mas se sente realizado. Às vezes, na entrevista, enchia os olhos de lágrimas ao lembrar das duplas sertanejas que ajudou. Muitas ainda têm carinho por ele; outras... Nunca mais deram notícias. Ficaram famosas e o abandonaram. Entretanto, Geraldo Meirelles não fala mal dessas pessoas. Sente-se orgulhoso por ter ajudado de alguma maneira.

Percebi ainda que o Marechal tem uma guerreira ao seu lado: dona Wilma. Ele começava a contar uma história e ela logo aparecia para completar com alguma coisa que ele havia esquecido ou para lembrar outros fatos. Dona Wilma é sua companheira inseparável. Mesmo com a idade avançada e com limitações físicas, Geraldo Meirelles não pára. Todo sábado apresenta um programa sertanejo na Rádio Difusora de Casa Branca, com boa audiência. Isso o motiva a continuar sua luta em favor da música “raiz”.

A história de vida de Geraldo Meirelles nos mostra um homem compreensivo. Quando se mudou para São Paulo e teve a primeira oportunidade de trabalhar no rádio, não pensou duas vezes: decidiu inovar inserindo na programação músicas sertanejas. Na época, a rádio Nove de Julho tocava muito músicas clássicas e cantores como Francisco Alves, Orlando Silva e Nelson Gonçalves. O gênero “caipira” caiu nas graças dos ouvintes. Assim, Geraldo Meirelles passou a mostrar o homem do campo, suas angústias, seus sofrimentos, suas conquistas. O homem “da roça” encontrou seu espaço numa realidade urbana. Suas crenças e mitos, traduzidos em forma de canção, chegavam ao conhecimento dos que não conheciam a vida do interior e matavam a saudade daqueles que migraram das pequenas cidades para São Paulo.

Além da compreensão, no aspecto do conhecimento, o Marechal da música sertaneja vivia a compreensão. Estendia os braços para ensinar os jovens cantores que o procuravam, em busca de oportunidade. Acolhia-os em sua casa, em seu programa no rádio e depois na televisão, incluía-os em sua Caravana Canta Viola, apresentando-os nos shows pelo Brasil. Estar ao lado de Geraldo Meirelles é crescer na compreensão. Nas horas que passamos juntos, pude aprender muitas coisas sobre as diferentes regiões do país, sobre a vida do nosso povo, sobre nossa cultura. Ele tem muitas histórias interessantes. Por outro lado, experimentei sua ternura, seu companheirismo e amizade. Essa é a beleza de uma narrativa da vida real. Ela transforma. Sei que minha visita também contribuiu, de alguma maneira, para a vida de Geraldo Meirelles. Além disso, o

leitor de uma história de vida como essa também vai ser tocado por ela. Vai aprender e compreender.

Por isso, penso ser importante para os jornais e outros meios de comunicação, a inclusão de histórias de vida em suas pautas. Como vimos, é preciso ter um olhar insubordinado, enfrentar a poeira da estrada, dialogar, sair do lugar comum para descobrir diamantes a serem lapidados pelas ferramentas da narrativa. Tanto vida de Geraldo Meirelles, quanto as de Wilson Maritaca e Sérgio Murilo, só puderam ser narradas porque alguém se interessou por elas. Essas histórias ficariam adormecidas numa pequena cidade do interior se não fossem narradas. Quantas outras não estão escondidas por aí, à espera de alguém para tirá-las do sono? O caminho é árduo, mas valioso. Vale a pena deixar nossas pegadas na estrada da vida de alguém, por meio de sua história de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de narrar é a de viver. Contar uma história, sob o ponto de vista da compreensão, é colocar para fora do peito o amor; é desatar os nós que prendem os sonhos; é olhar para frente e ver que existe luz no fim do túnel. Cada frase de uma narrativa pode ser essa pequena luz que se acende no caminho, apontando o rumo a seguir.

As histórias de vida publicadas em jornais, tema desta dissertação, não são o ponto de chegada ou porto seguro. Constituem, compreensivamente, pequenas trilhas abertas no meio de uma floresta, clareiras através das quais o sol toca o corpo do aventureiro, tantas vezes preocupado com os perigos que o cercam.

Quando se liga a televisão, abre-se um jornal, folheia-se uma revista, ouvem-se notícias no rádio ou acessa-se a internet, muitas vezes fica a impressão de que se é sufocado pelo excesso de informação. Quem fica ligado nos meios de comunicação, conectado o tempo todo e pulando de um para o outro, corre o risco de sofrer de indigestão mental pelo exagero de notícias, em geral iguais e, predominantemente, ruins. Nesse sentido, a proposta de um Jornalismo de Transformação, feita por Lima, como apontado neste trabalho, parece se revestir de crescente importância, nestes tempos de hipertrofia da informação. Vez ou outra, nesse turbilhão de ofertas, aparece uma sobremesa saborosa, especialmente quando alguém conta uma história, uma fábula, ou oferece canções que falam de amor e de paz, de vida, de esperança.

Se dermos ouvidos a Zygmunt Bauman, uma das referências teórica aqui estudadas, vivemos num tempo que ele chama de modernidade líquida, onde as coisas

não são duradouras e a intenção é que, de fato, não sejam duradouras. Importa o agora. No campo da informação, importa a notícia já, mesmo que seja do elefante que se lambuzou de barro na África. Tudo passa numa velocidade assustadora. O que é bom hoje, amanhã poderá estar na lata do lixo. O que é sucesso agora, no fim do ano pode não prestar mais para nada. Valores e princípios perdem a força, enquanto outros, que surgem, trazem a marca da transitoriedade. A ética, a moral, as crenças, os mitos, costumam ser colocados no baú, desqualificados. A vida, o medo, o amor, tudo tende a se tornar líquido, fluir. Na visão de Bauman, não há mais segurança e compromissos. Entretanto, como sabemos, uma árvore morre se perder as raízes ou não estiver plantada junto às águas correntes. De onde tiraria sua força? Como produziria flores e frutos no deserto? Impossível! Eis aí, portanto, o desafio de pensar, nesse mundo de fluidez, naquilo que pode durar, nas novas identidades, nos novos valores e visões de mundo emergentes.

Fluido ou não, líquido ou não, é impossível um mundo sem histórias, personagens, narrativas. Como também não se pode imaginar um mundo sem alicerces, o humano, a compaixão, a busca de harmonia com a natureza. As narrativas da vida real mostram como, de fato, o mundo é assim. As águas de um rio, para chegarem ao mar, precisam das margens. Caso contrário, espalham-se nos pântanos e não chegam ao destino. Assim é a vida que não se conta, o sorriso que não se vê, as mãos que não se abrem, os pés que não se movem. Não importa se a história de alguém possa ser considerada desimportante. Se essa história é contada, assume importância. Nesse sentido, a história de vida de um médico não é mais interessante que a de um lixeiro. A vida do presidente Lula não é superior à de Evandro, gari que varre a rua onde moro, com quem converso quase que diariamente. Cada uma dessas histórias, como pudemos acompanhar por meio do pensamento de Campbell, possui uma estrutura básica, humana, norteadora da jornada. Um pensamento complexo-compreensivo trabalha não com hierarquias de sentidos ou de pessoas. Junta. Tece e entetece. Põe para conversar.

O repórter que escreve histórias de vida sob o signo da compreensão não pensa a sociedade em forma de pirâmide, colocando os poderosos no topo e os desclassificados socialmente na base. Ao contrário, pensa uma sociedade plural. Sonha que seja justa, fraterna, solidária, pacífica, igualitária. Narrar a história de vida de uma celebridade ou de uma pessoa anônima adquire o mesmo peso, porque são histórias de pessoas, de seres humanos — e o humano é o grande eixo de todas as histórias que se contam. Isso

é o mais importante! De modo especial, se essas histórias podem transformar o mundo ou mesmo ajudar alguém a descobrir janelas, onde só se viam grades.

Vimos os teóricos Bauman, Maffesoli, Campbell, Lévy, os da Escola de Frankfurt e outros, mostrando pontos importantes do mundo em que vivemos e suas histórias. Também autores mais voltados para um pensamento complexo-compreensivo, como Kunsch, Medina, Lima e Brum. São pensadores que me enriqueceram muito com seus ensinamentos e intuições sobre a realidade.

Além dos teóricos, fui agraciado com textos transformadores, publicados nos jornais utilizados na pesquisa, e pelas entrevistas concedidas pelos jornalistas que trabalham nesses veículos de comunicação. Histórias de vida que ficam gravadas na vida da gente. Como é bom ler um jornal com notícias e histórias, com informação e conteúdos mais duradouros. Outros jornais, revistas, *sites*, livros, poderiam abrir as páginas para narrativas da vida real sob o signo da compreensão. Por que são poucos os espaços para esse tipo de texto? As universidades podem contribuir de que forma para que os jornalistas sejam mais compreensivos? O que acontece com personagens, repórteres e leitores depois da publicação de uma história de vida? O que muda na vida de cada um, já que sabemos que todos são transformados pela narrativa?

Perguntas como estas poderiam ser talvez o ponto de partida para um trabalho de doutorado.

Também tive a felicidade de escrever três histórias de vida, a partir do signo da compreensão. O exercício de abertura para o novo é difícil, mas enriquecedor. Conhecia os personagens das histórias por morarem na mesma cidade que eu moro. Todavia, ir ao encontro deles exigiu despojamento, vontade, organização de horário e muito diálogo. Também fidelidade ao que me disseram, ao que vi, ouvi e senti.

Esta dissertação não se pôs como objetivo dar respostas, pois, para muitas coisas, nem respostas existem. Os meios de comunicação, tradicionalmente reféns do signo da explicação, saem à procura de solução e de respostas para tudo, como se existisse solução para todos os problemas que nos afetam, desde o problema do buraco no asfalto da rua até nossos sonhos e nossas angústias mais profundas. Nós, os seres humanos, somos frágeis, limitados, vasos de barro. Em muitos momentos de nossa história, somos impotentes, não podemos fazer nada. Por isso, precisamos ser compreendidos e compreender. Valorizar o preto e o branco e todos os outros tons que existem entre um e outro. É essa visão complexa do ser humano e esse apelo à

compreensão, tanto no campo do conhecimento quanto da ética, que constitui o grande eixo deste trabalho.

REFERÊNCIAS

- BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- _____. **Amor líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- _____. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- _____. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Editora Pensamento, 2007.
- _____. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1993.
- DAMÁSIO, António. **O erro de Descartes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**. São Paulo: Manole, 2009.
- _____. **Escrita total**. São Paulo: Clube de Autores, 2009.
- MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- _____. **O ritmo da vida**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- _____. **O conhecimento comum**. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- MARTINEZ, Monica. **Jornada do herói**. São Paulo: Annablume, 2008.
- MEDINA, Cremilda. **Ciência e jornalismo**. São Paulo: Summus, 2008.
- _____. **A arte de tecer o presente**. São Paulo: Summus, 2003.
- _____. **O signo da relação**. São Paulo: Paulus, 2006.
- MORAES, Denis de (org.). **Sociedade Mídia-tizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- MORIN, Edgar. **Meus demônios**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- _____. **A cabeça bem-feita**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

- _____ **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: 2002.
- _____ **O Enigma do Homem.** Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1979.
- KUNSCH, Dimas A. **Crise, compreensão e comunicação: contra a certeza do pensamento avassalador.** *Líbero (FACASPER)*, v. XI, p. 43-52, 2008.
- _____ **Comunicação e incomunicação: aproximação complexo-compreensiva à questão.** *Líbero (FACASPER)*, v. Ano X, p. 51-59, 2007.
- _____ **Compreendo ergo sum: epistemologia complexo-compreensiva e reportagem jornalística.** *Communicare (São Paulo)*, São Paulo-Brasil, v. 5, n. 1, p. 43-54, 2005.
- _____ **Teoria guerreira da incomunicação: jornalismo, conhecimento e compreensão do mundo.** *Líbero (FACASPER)*, v. 15/16, p. 22-31, 2005.
- _____ **Elogio à razão luminosa.** *Communicare (São Paulo)*, São Paulo- Brasil, v. 3, n. 2, p. 159-161, 2003.
- _____ **Teoria compreensiva da comunicação.** In: Dimas A. Künsch; Laan Mendes de Barros. (Org.). *Comunicação: Saber, Arte ou Ciência?* 1ª ed. São Paulo: Plêiade, 2008, v. 1, p.173-199.
- _____ **Narrativa jornalística e reconstrução do cosmos.** In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), 2006, Brasília. *Intercom 2006- Estado e Comunicação*, 2006. v. 1.
- _____ **A comunicação jornalística em tempos de ódio: as revistas brasileiras e a guerra contra o Iraque.** *Revista Comunicação Midiática*, v. 5, p. 79-98, 2006.
- _____ **Maus Pensamentos: os mistérios do mundo e a reportagem jornalística.** São Paulo: Annablume-Fapesp, 2000. 298 p.
- KUNSCH, Dimas A. **Aquém, em e além do conceito: comunicação, epistemologia e compreensão.** *Revista Famecos (Porto Alegre)*, nº 39, p.63-69, 2009.
- KUNSCH, Dimas A. BARROS, Laan Mendes de. **"Saber pensar seu pensamento": reflexões em conjunto sobre epistemologia da comunicação.** *Líbero (FACASPER)*, v. Ano X, p. 9-20, 2007.
- KUNSCH, Dimas A. MARTINEZ, M. **Histórias de vida produzidas por jornalistas-escritores: uma experiência.** *Communicare (São Paulo)*, v. 7, p. 31-41, 2007.
- RESTREPO, Luis Carlos. **O direito à ternura.** Petrópolis: Vozes, 2001.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Introdução a uma ciência pós moderna**. São Paulo: Graal, 2003.

VILAS BOAS, Sergio. **Biografias & biógrafos**. São Paulo: Summus, 2002.

_____ **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.

_____ **Jornalistas literários**. São Paulo: Summus, 2007.

VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor**. Ampersand Editora, 1996.

WOLTON, Dominique. **É preciso salvar a comunicação**. São Paulo: Paulus, 2006.

Site: www.textovivo.com.br

ANEXOS

1. Entrevista: Prof. Dr. Dimas A. Künsch⁵

Você é o líder do grupo de pesquisa “Comunicação, jornalismo e epistemologia da compreensão” da Faculdade Cásper Líbero. Quais as buscas desse grupo?

— Eu penso que, na alma do grupo, está a idéia de pensar sobre o pensamento da comunicação. De propor não tanto um outro pensamento, uma outra teoria, e, sim, uma outra atitude cognitiva. É no nível das atitudes que nós trabalhamos quando falamos na compreensão. Estamos dando ao termo “compreensão” um estatuto cognitivo, porque nós poderíamos pensar a compreensão num nível apenas intersubjetivo, o que já é muito importante. Um estatuto cognitivo significa que, pela via da atitude compreensiva você está mais habilitado não a dar respostas sobre o mundo, mas a trilhar caminhos mais auspiciosos no conhecimento. Sempre destaco esses dois lados da compreensão. Quando falamos de dois lados é evidente que é mais para nos entendermos, porque a realidade nunca é formada assim de dois lados. A realidade é complexa, tem muitíssimos lados, os que conhecemos e lados que nos desafiam. Então, para nos compreendermos, nos entendermos melhor, as atitudes compreensivas, no nível específico do conhecimento, do trabalho cognitivo, representam um modo de pensar que não se constrói única e exclusivamente a partir da análise, sem desprezar a análise, privilegia a síntese, o olhar compreensivo sobre diferentes esforços, teorias que se conversam e, mais que teorias, ou de uma área específica do saber, são modos de saber, diferentes sabedorias, tipos de conhecimento. No campo cognitivo precisamos fazer, por exemplo, as artes dialogarem com as ciências empíricas, a filosofia, os saberes religiosos, os saberes comuns. São muitas as narrativas que a humanidade constrói para tentar compreender o mundo. São muitas as histórias. São muitas as maneiras de aproximação que os seres humanos inventam para dar conta dessa questão. Quem sou eu? Que mundo é este mundo? De onde vim? Para onde vou? São as questões básicas da humanidade. O conhecimento humano no fundo é isso. Buscamos respostas para algumas perguntas. Isso no âmbito da cognição, da busca do conhecimento.

E no âmbito intersubjetivo?

— No âmbito intersubjetivo, o que a atitude compreensiva ressalta é que, sendo compreensivos uns com outros aumentam as chances de nos compreendermos a nós mesmos e ao mundo em que vivemos. Por que se toma como ponto de partida a idéia de que o ser humano é a peça mais importante do concerto. Que a vida humana é o que há de mais importante. Então, isso tem que estar no centro de todo esforço de conhecimento. Por isso, falamos da atitude do respeito, da atitude de você compreender inclusive a incompreensão. De você compreender inclusive o erro, porque o erro também ensina, tem um valor cognitivo. Não é só a verdade que ilumina. Dentro de uma visão compreensiva, o erro também tem, digamos, a sua luz, lá onde talvez ele esconda a sua luz. Você abre seu pensamento e a sua alma para perceber que conhecimento é uma busca, e não exatamente chegar a respostas, uma busca constante, às vezes sem resposta alguma, e nunca com pontos finais. As duas coisas se completam. Tanto no mundo da cognição quanto da

⁵ Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (2004). Graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira (1977), em Teologia pela Leopold-Franzens Universität, Innsbruck, Austria (1984). Mestre em Integração da América Latina pela Universidade de São Paulo (1999). É coordenador do Programa de Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero e professor de graduação e pós-graduação na mesma instituição onde lidera também o grupo de pesquisa “Comunicação, jornalismo e epistemologia da compreensão”. Tem experiência na área de Comunicação, atuando principalmente nos seguintes temas: comunicação, educação, jornalismo, livro-reportagem e pensamento complexo-compreensivo.

intersubjetividade, a compreensão nos faz mais aptos a fugir à concorrência, à arrogância, à disputa pelo poder. E, também a fugir à violência, que é a pior parte de todos esses modos dualistas de se ver o mundo, modos reducionistas, não complexos, que, no limite, levam à violência física ou à violência sem sangue, como diz Restrepo no livro *O direito à ternura*.

Quais as principais diferenças entre signo da explicação e signo da compreensão?

— A explicação é um procedimento super normal e ordinário no processo humano do conhecimento. Nós, em vários momentos, temos que explicar. Por exemplo, se você tiver que ir à minha casa, mas não souber onde fica, tenho que lhe explicar como se chega até lá. O problema não está na explicação. O problema está em transformar a explicação no horizonte definitivo de todas as buscas, como se tudo estivesse aí para ser explicado. Não é verdade. Boa parte da vida não merece ou até rejeita a explicação. Exige outros procedimentos cognitivos. Então, nada contra a explicação, mas tudo contra o signo fechado da explicação, o reducionismo da explicação. Por que, além da explicação, nós temos outros modos de conhecimento, não lógicos, não racionais no sentido estrito do termo, que possuem tanto valor quanto, não é verdade? Mesmo lá onde para certas questões você não dá uma explicação, uma resposta, não significa que não valeu o caminho feito e o ponto a que você chegou de compreensão do assunto ou problema. O signo da compreensão não joga nada fora. Ele diz à explicação: “Você tem que dialogar com outros modos de conhecimento, ser compreensiva”. A mesma coisa se dá em relação ao tema da razão. Ninguém, em sua consciência, pode se voltar contra a racionalidade humana, pois essa é uma capacidade, uma competência que nós, humanos, temos e que às vezes não usamos, ou usamos mal. Usar mal a razão resulta em coisas ruins. A racionalidade humana contribui para que nós caminhemos num sentido mais humano e positivo. Porém, assim como lá temos a explicação absolutizada, aqui temos o absolutismo da razão.

O racionalismo...

— Sim. O racionalismo não é o mesmo que razão. Inclusive porque a razão pode ser crítica. A razão pode ser dialógica. A razão pode ser amorosa. A razão pode ser muito humana, muito compreensiva. Aliás, eu devo dizer que, em sua origem, em seu sentido primeiro, desde o *logos* dos gregos, nunca se disse que o logos ou a razão fossem contra o diálogo, contra o reconhecimento de diferentes pontos de vista, de diferentes saberes. De novo: tudo contra o racionalismo, a absolutização da razão! Nada contra a razão! Mas o ser humano é mais do que razão. Faz parte de uma visão compreensiva mostrar, inclusive, que não temos garantia de nada. Não possuímos as certezas prometidas pelo racionalismo. A razão pode nos levar ao obscurantismo, à perversidade, à guerra. Quantas vezes instrumentos racionais e tecnológicos, os mais sofisticados, nos levam à destruição do outro! O mesmo se dá com as emoções. Nós não estamos num ambiente angelical. Vivemos num ambiente de conflitos, de dúvidas, de incertezas. Só que o pensamento compreensivo diz: “A dúvida, a incerteza, o erro e mesmo a incompreensão, devem ser colocados para dialogar. Por exemplo, se eu desconheço ou menosprezo o estatuto cognitivo da incerteza, desconheço exatamente uma das coisas que mais nos acoçam o tempo todo. O tempo todo a gente tem incertezas. Só que o pensamento de recorte mais racionalista, analítico, explicativo, sempre trabalhou com a idéia de que podemos chegar a certezas, conclusões, a verdades. Isso é muito perigoso. Porque não conseguimos chegar a isso. E arriscamos, com isso, de perder de vista até onde, de fato, podemos e às vezes devemos chegar.

Sobre a questão das narrativas da vida real, uma das suas características é a capacidade de transformar o caos em cosmos. Hipócrates aplicava isso na medicina. Cremilda Medina valoriza o ato de narrar. Edvaldo Pereira Lima afirma que a narrativa nos ajuda a dar um salto de consciência. E você?

— Só posso concordar. Para nós, humanos, o mundo e a vida existem se forem narrados. Nós falamos sobre as coisas. Nós representamos as coisas. Nós sentimos e criamos símbolos sobre

as coisas. Tudo isso faz parte desse esforço de compreendermos o mundo em que vivemos. Temos nossas utopias, nossos sonhos, erros, limites. Pessoalmente, tenho uma visão muito ampla sobre narrativa. Vejo, por exemplo, a própria ciência empírica como uma grande narrativa, altamente qualificada, primorosa em muitos dos seus aspectos, mas uma narrativa, um discurso sobre o mundo. Um discurso nem melhor nem pior, diferente. Temos também as narrativas míticas, as narrativas populares, os “causos”, as histórias humanas. Por que é assim? Porque, como dizia Joseph Campbell em seus estudos sobre o mito, as histórias humanas são as mais variadas possíveis. São inúmeras. Incontáveis. Mas, no fundo, a humanidade está sempre falando das coisas que lhe interessam. São as questões de fundo. E essas questões freqüentam a filosofia, a ciência, a religião... Você não consegue escapar delas. É a questão do sentido da vida, a questão do amor, a questão da felicidade, a questão da origem da vida e da morte... Ou seja, não podemos não falar dessas coisas. E, ao falar, estamos encontrando um lugar para nós mesmos enquanto humanos, não necessariamente uma resposta. Quem tem resposta para a questão da vida e da morte? Mas temos, como dizia Kant, por sermos humanos, a necessidade e o dever de perguntar, o dever de contar. Nós nos fazemos humanos enquanto narramos o mundo, as experiências, os sonhos, as utopias. Nesse sentido, acredito, sim, que as narrativas, todas elas, de qualquer tipo, em verso, em prosa, visuais, todas elas têm, em princípio, essa preocupação básica de nos situar, de nos ajudar na construção de nossa identidade de humanos. Não de anjos ou de deuses, mas de humanos. Do modo como somos, com nossos potenciais, nossos defeitos, nossos erros, nossas buscas. No nível prático, eu diria que a narrativa, a palavra enquanto tal, tem um poder terapêutico. Ela cura. Porque a pessoa, ao falar, ao assumir o direito que lhe cabe de se expressar, em qualquer situação, assume o seu protagonismo.

Torna-se alguém...

— Torna-se alguém, é isso. E esse é o primeiro passo de todo processo curativo, no plano da saúde física, ou psíquica, espiritual. Eu penso que um senhor chamado Sigmund Freud percebeu muito bem isso, tendo se preocupado em criar um espaço terapêutico para que a pessoa falasse. Temos exemplos, na vida prática, de pessoas que, desesperadas, quando começam a falar percebem que os grandes problemas diminuíram. Vejo que hoje as pessoas têm menos tempo de falar, contar, se expressar, por isso mesmo e cada vez maior, tendo necessidade dos terapeutas. Estamos nos tornando uma sociedade de farmácias e terapeutas. Acho isso uma coisa muito séria. Nossos ancestrais tinham uma sabedoria que precisa ser resgatada. É por isso que eu falo com prazer de Hipócrates e de sua visão da arte médica, porque o pensamento compreensivo não cria uma hierarquia assim, dizendo: “Olha, lá atrás estavam os primitivos...”. Em algum sentido continuamos primitivos, em outros avançamos, em outros estamos devendo muito aos povos antigos, àqueles que não consideramos, aos diferentes de nós. O mundo precisa mudar para escutar as mais diferenças narrativas da humanidade. Elas ensinam.

Pensadores como Bauman e Maffesoli afirmam que a sociedade está mudando. Vivemos na “modernidade líquida”, na “pós-modernidade”. Onde entra a narrativa nesse contexto de novo milênio?

— Esses autores se situam no mundo da ciência e da academia. Suas narrativas, nós as chamamos de teorias. Na verdade, trata-se de tentativas de compreensão, que é o que teoria significa. Então, o pensamento compreensivo tenta tecer essas teorias, não para afirmar que são certas. Teorias não são certas nem erradas, são teorias. Essa é uma primeira observação. No campo próprio do jornalismo, neste nosso mundo novo que buscamos às custas compreender, eu acho que se abrem possibilidades muito amplas para trabalhos de reportagens, de histórias de vida, perfis, — mas eu diria que todo trabalho jornalístico, sem qualquer rótulo, mais ou menos bem-sucedida, é uma tentativa de contar a história do que está acontecendo, com instrumentos analíticos, muito mais com instrumentos de apuração, de contato, de levantamento de histórias etc. Hoje, com o acúmulo muito grande de informações, nunca antes imaginado, surge o desafio das narrativas, dos contadores de histórias. Por quê? Por que precisamos tecer os sentidos do que está acontecendo. Por exemplo, não quero ter um milhão de informações sobre a Copa do

Mundo. O que eu faço com milhões de informações? Me dá desespero. Então, preciso de contadores de história. Tenho que saber e ser formado para administrar as informações e perceber os grandes eixos de significados, os grandes desafios que aparecem. Veja a Copa do Mundo de Futebol, neste momento, na África do Sul. Muitos sentidos humanos são levantados ali! Muitas narrativas são construídas. Veja a luta contra o *Apartheid*, que possibilitou esse momento. Tudo isso é muito bonito.

Na minha dissertação, fiz um mergulho nas histórias de vida publicadas por três jornais fazendo uso de cinco elementos: personagem, imersão, diálogo dos afetos, compreensão e transformação. Qual sua visão sobre eles?

São pontos de partida muito ricos. Aqui presto um crédito a meu colega e amigo Edvaldo Pereira Lima, quando ele insiste na narrativa como um salto de consciência. Não necessariamente, eu diria, uma vez que existem narrativas de todos os tipos, inclusive narrativas altamente desumanas, desrespeitosas, etnocêntricas, racistas. Mas a narrativa do modo como está sendo proposta aqui, de busca de compreensão, tendo como centro o ser humano com suas buscas e apreensões, essa narrativa resulta em transformação, porque, como dizíamos, através dela, estamos pondo ordem na casa. Não significa que tenhamos chegado ao paraíso. Essas narrativas estão trazendo para o centro do debate o ser humano e, sempre que o ser humano é colocado no centro das preocupações, os resultados são transformadores. Esse é o sentido de toda busca humana de compreensão. É como se falássemos assim: “Conversando a gente se entende”, para lembrar uma expressão que o meu colega Prof. Luís Mauro Martino gosta de utilizar nesse contexto. Lá onde as pessoas conversam, contam histórias, tecem narrativas, elas não se matam. Há um filme, dos mais emocionantes de que eu me lembro, já antigo. O título em português é *Feliz Natal*. Um filme sobre a Primeira Guerra Mundial, baseado num acontecimento real. Havia, de um lado, soldados alemães e austríacos, e de outro, ingleses, escoceses e outros aliados. Era noite de Natal. Eles estavam próximos uns dos outros quando alguém ouve uma música natalina e aquele ambiente se transforma numa festa natalina. Diferentes povos se reúnem, pára a guerra, as pessoas conversam umas com as outras. Isso leva à compreensão. Mas existem várias maneiras de se conversar. Você pode conversar oprimindo, não dando ao outro o direito de se expressar, estabelecendo o domínio da opressão. Por isso, quando as pessoas contam histórias, narram sobre seus heróis, que podem ser pessoas muito simples, comuns, essas histórias sempre provocam uma transformação nas pessoas que as lêem e as contam. Você não sai igual. Para dizer a verdade, ninguém sai igual da história: nem quem é o protagonista da história, nem quem é o protagonista do texto, nem quem é o protagonista da leitura. `

Os três se enriquecem...

— Se enriquecem. Se modificam. Se questionam. Às vezes, é uma história dessas que salva uma vida, por exemplo. Quando alguém fala assim: “Olha, eu estava pensando aqui na vida. Veja o testemunho dessa pessoa...” Isso nos emociona, nos toca, nos faz pensar que a vida, apesar de todas as dificuldades, vale a pena, sim, ser vivida.

2. Entrevista: Ivan Marsiglia⁶

Fale sobre sua carreira profissional

— Minha trajetória jornalística não é muito ortodoxa do ponto de vista da grande imprensa. Eu trabalhei quase toda a minha vida em revista, o que influenciou muito o meu estilo de escrever. Eu fiz jornalismo na Metodista em São Bernardo do Campo-SP. A partir do segundo ano, um professor me convenceu de que valeria a pena fazer um outro curso para ter uma bagagem humanística. Acabei fazendo Ciências Sociais na Universidade de São Paulo. Eu estudava e trabalhava ao mesmo tempo. Terminei a graduação em jornalismo no ano de 1993 e entrei na Abril. Tive a sorte de cair numa redação da revista *Playboy*. Era uma redação estelar. Logo que entrei o diretor era o Juca Kfoury ainda, que é um ótimo jornalista. Trabalhava lá também, como escritor sênior o Eugênio Bucci. Quando o Juca Kfoury saiu para trabalhar na revista Placar, o Ricardo Setti, um jornalista fenomenal, que já trabalhou aqui no *Estadão*, virou o diretor de redação da *Playboy*. O redator chefe da revista era Humberto Werneck, um dos grandes nomes do *New Journalism* no Brasil. Trabalhei com outros profissionais importantes como Guilherme Cunha Pinto. Estou dizendo tudo isso para mostrar que tive uma ótima escola. A *Playboy*, de fato, tinha um esmero, um cuidado com o texto, além das grandes entrevistas com uma técnica incrível. Ali a gente aprendia com outras estrelas que eram convidadas para fazerem essas entrevistas, como Ruy Castro. Isso tudo foi muito bom pra mim, pois fui ser jornalista porque gosto de escrever. Há jornalistas que têm paixão pelo texto e outros que têm paixão pela notícia, pelo furo. Eu não me encaixaria tanto nesse perfil. Minha paixão maior é pelo texto. Depois desse período consegui uma bolsa para morar em Paris e trabalhar numa revista chamada *Europa*, com jornalistas de vários países, numa integração para conhecer a União Européia. Voltei para a Abril e tive uma proposta da revista *Trip*, no ano 2000, que eu considerava uma revista muito rica do ponto de vista da linguagem e da pauta muito criativa. E eu fui pra lá. Fiquei até 2004 quando recebi um convite do jornalista Ricardo Kotscho para trabalhar na assessoria do presidente Lula em Brasília-DF. Nunca tinha imaginado isso, mas achei que seria uma experiência boa e fui para o terceiro andar do Palácio do Planalto. Aí o Ricardo Kotscho saiu, chegou o André Singer, depois veio o Franklin Martins. Foi então que tive um convite do *Aliás*. Um grande amigo meu, Fred de Melo Paiva, trabalhava aqui. Estou aqui no *Aliás* desde setembro de 2008.

Como você escolhe os personagens das histórias que você conta. Como são feitas as pautas das matérias do *Aliás*?

— Dentro do jornal somos considerados privilegiados, pois temos um pouco mais de tempo para trabalhar. O caderno é semanal. Só que a vida não é tão colorida assim porque a gente nunca tem uma semana para fazer uma matéria. O nome do caderno é *Aliás, a semana revista*. Ele é calcado nos acontecimentos da semana. Temos que esperar a semana acontecer ou pelo menos parte dela pra vermos para onde ela vai para podermos fechar a pauta. Começamos a discutir a pauta na segunda-feira, com uma reunião da equipe interna. Ele é fechado na sexta e rodado na madrugada do sábado. Hoje quem edita o caderno é a Mônica Manir. Mas é a partir de terça para quarta que a pauta se consolida. Aí temos de dois a três dias para fecharmos a página oito do *Aliás*, com um texto, entre aspas, em estilo de revista, com uma apuração mais rigorosa, mais tempo, mais detalhada. É corrido do mesmo jeito.

⁶ Jornalista do jornal *O Estado de S. Paulo*. Escreve histórias de vida aos domingos, no Caderno *Aliás*.

Então, vocês ficam atentos aos acontecimentos?

— Sim. A pauta é discutida muito em função da semana e nos acontecimentos também que Humberto Werneck sempre dizia, os cadáveres que a imprensa deixa por aí sem pesquisar, uma notícia de jornal que saiu, um episódio. Veio agora à minha cabeça por exemplo um episódio de racismo que houve num estacionamento do Carrefour há uns meses atrás. Um homem negro num carro Eco Sport foi dominado e jogado no chão na frente da mulher. Uma matéria que saiu “pequininha” num jornal, onde o rapaz diz ter sido humilhado. Esta é uma história fantástica. Quem é esse homem? De onde ele veio, onde trabalhou, como conseguiu comprar aquele carro? É uma matéria que pode ser explorada no final de semana para a página oito do caderno, considerada uma página em estilo Jornalismo Literário.

Na apuração das informações você tem um assunto, mas não leva tudo pronto...

— Quando tenho a pauta decidida procuro pensar qual seria uma abordagem interessante também do ponto de vista do texto. Não só o conteúdo, a notícia, mas começo a imaginar o todo. Mas, quando vou a campo, a realidade se impõe. Percebo que a matéria fica boa quando o formato do texto está relacionado com o fato, seja ele acontecido agora ou não. Quando escrevi o texto *Dor sem remédio*, sobre a morte do estudante de medicina da USP, Edison Tsung Chi Hsueh, resgatei um fato acontecido há dez anos, em 1999. Fazia exatamente uma década da morte do jovem, num trote na piscina. Simplesmente a ação foi suspensa. Havia quatro veteranos acusados e eles sequer foram ouvidos. A ação foi trancada por um mecanismo jurídico estranho, um *habeas corpus*, um mandato de segurança que congelou a ação. É um caso flagrante de injustiça perpetuada.

A gente fica triste com uma situação dessas. A família saiu lá de Taiwan, veio para o Brasil e não tem apoio diante de um fato desses...

— Eu me perguntei muito isso. O que teria acontecido se eles não fossem imigrantes de Taiwan? Se aquele taiwanês, aquele menino, não fosse pobre, mas de classe média-alta, digamos assim, que estudou num bom colégio, como a maioria dos estudantes de medicina. Será que a justiça teria agido da mesma maneira? Será que nada teria acontecido? A família tinha direito à indenização. Eu digo isso no início da matéria. A USP alegou que a piscina do centro acadêmico não era parte da USP. A faculdade sequer se responsabilizou. Há quem diga que ele foi recolocado na piscina. A procuradora até hoje não se conforma com isso. Essa é um tipo de matéria que o *Aliás* faz. Como disse anteriormente, pega os cadáveres que foram deixados para trás e vê como estão as pessoas depois de tanto anos.

Edvaldo Pereira Lima defende um jornalismo que vai muito além da informação, mas que transforma a vida das pessoas e da realidade. Você acha que um texto, além de informar, pode transformar, fazer as pessoas terem uma nova consciência?

— Isso é uma coisa que eu gostaria que acontecesse. Mas não sei se isso sempre acontece, se toda pessoa tocada pelo texto se esquece da história quando fecha o jornal? Uma amiga minha que trabalha com cinema me disse “Sempre pensei no cinema contando uma história e transformando a vida das pessoas. Depois me dou conta, saindo de uma sessão arrebatadora, que as pessoas vão lá comer uma pizza... Aquilo até as tocou, mas elas não lembram mais”. Eu me pergunto isso também. No caso do jovem morto na USP, não sei se, inconscientemente, eu dizia em algum lugar matéria que em algum lugar do Brasil tinha um médico, no seu consultório, que viu, ele participou, sabe o que aconteceu. Talvez, quando escrevi aquilo eu quisesse que essa pessoa lesse a matéria e dissesse: “Não, eu vou dizer que realmente o menino foi afogado, tiraram ele da água, quem jogou ele na água, mas isso nunca aconteceu. Por outro lado eu soube que a matéria chegou nas mãos do ministro Marco Aurélio, do Supremo Tribunal Federal onde

está uma apelação do Ministério Público e a ação está trancada até hoje. Soube que ele leu a matéria.

Você disse que fez isso inconscientemente. Você acha válido o repórter fazer isso conscientemente?

— Eu acho que isso não cabe ao jornalista. Por isso disse que foi um pouco inconscientemente. Não cabe ao jornalista determinar isso. A ele cabe mostrar uma realidade, e o conhecimento dessa realidade pode ou não ser transformados, de acordo com as forças sociais. Pode ter havido reportagens que transformaram a consciências das pessoas, mas eu acho que tocar as pessoas é uma missão do jornalismo. Você não quer que as pessoas leiam sua matéria? Você não quer só encher o leitor de informações. O leitor precisa ser seduzido pelo texto, ter prazer naquele momento. Não que a apuração dos fatos não seja importante, mas é essencial a questão de como se conta a história. Uma coisa que o Humberto Werneck dizia sempre que não gostava das matérias de revistas e jornais que desidratavam a realidade da emoção sob o pretexto de que só os fatos objetivos devam ser relatados. A realidade está aí e ela tem sua carga de emoção. Para que desidratar a realidade? O que não significa ir para o lado oposto, como diz João Cabral de Melo Neto: “Perfumar a flor”. Você não precisa expurgar a flor do jornalismo, mas não precisa dizer que a flor é perfumada, ou seja, enfeitar o texto.

O sociólogo francês Michel Maffesoli diz estar havendo atualmente um reencantamento do mundo, um novo olhar para o conhecimento ordinário, ou da praça pública, “uma mistura de rigor e poesia, de razão e paixão, de lógica e mitologia”. Há espaço no jornalismo atual para o não-racional, o mitológico, o conhecimento comum?

— Eu acho que isso está presente na vida das pessoas, nos fatos. A vida é drama, é emoção. Ela é composta de sentimentos de vingança, de justiça. Isso é parte da vida. Isso não é um subjetivismo a ser eliminado. Tudo o que é humano diz respeito ao jornalismo, sempre. Eu acho que essa dimensão tem que fazer parte. Embora a gente veja poucos espaços para o não racional. Talvez porque, por muito tempo, os jornais ficaram perplexos com a televisão e a internet e tentaram reproduzir a linguagem fragmentada desses meios. Nos últimos tempos descobriu-se que isso foi um erro, pois o jornal pode dar o que a internet não consegue como a interpretação, o aprofundamento da notícia. Dificilmente alguém ficaria diante de uma tela de computador lendo um texto de vinte mil caracteres, ou de dez mil como as matérias que escrevo para o *Aliás*.

A pesquisadora Cremilda Medina defende a relação sujeito/sujeito e não sujeito/objeto entre o repórter e a personagem. O mesmo pensamento vemos no trabalho da jornalista Eliane Brum. O que você diria sobre isso?

— Eu sinto que é necessário, sim, maior interação entre repórter e personagem. Se você quer dar profundidade para sua matéria, quer compreender o drama do outro, você não pode chegar lá de uma maneira totalmente distanciada. Você não pode ignorar o outro, mas buscar uma empatia. Mas, você não pode se envolver tanto a ponto de perder as outras dimensões, o que está em torno dele. É preciso ter senso crítico e capacidade de observação. Não sou partidário dessa relação fria, gélida e distanciada com a fonte. Mas não sou como a Brum que diz que chorou abraçada com a pessoa. Não censuro isso nela, pois ela é uma excelente jornalista. Seus textos são muito fortes, muito bonitos. Acho que não conseguiria chegar a esse ponto, pois isso é próprio dela, do estilo dela. Mas tento interagir, ouvir o que a pessoa tem a dizer. Fico comovido com as coisas. Não é que choro, mas me sinto tocado com o universo das pessoas. Por exemplo, eu fiz uma matéria recentemente no *Aliás* sobre Bergson Gurjão Farias⁷, morto

⁷ O cearense Bergson Gurjão Farias era estudante de Química da Universidade Federal do Ceará e vice-presidente do Diretório Central dos Estudantes (DCE), em 1967. No ano seguinte, mudou-se para Caianos, na região do Araguaia e desapareceu em 8 de maio de 1972, após ter sido ferido em combate. Seu corpo foi levado para Xambioá, todo deformado, tendo sido pendurado em uma árvore de cabeça

por tropas do Exército na guerrilha do Araguaia em maio de 1972. Foi o primeiro morto na guerrilha do Araguaia, cuja ossada só foi identificada este ano. A ossada foi devolvida à família depois de trinta anos. Quando essa ossada foi finalmente identificada, depois de vários percalços na Justiça brasileira. Passaram-se muitos anos para Bérqson deixar de ser um desaparecido para ser um morto e poder ser enterrado. Então, fui a Fortaleza acompanhar o enterro que aconteceu trinta anos depois da morte. Fui ao encontro de uma mãe que esperou trinta anos pela volta do filho. Quando eu cheguei para fazer a entrevista com a mãe de Bergson, que tinha noventa anos, que não queria morrer sem ter visto Bergson voltar, sem poder enterrá-lo, eu cheguei na casa dela, já tinha falado com as irmãs dele, que foram muito receptivas, num primeiro momento a mãe estava muito cansada. Tinha voltado do enterro depois de passar a noite inteira no velório. Teve político que discursou, estudantes do PC do B que discursaram, a família estava devassada. Eu me lembro que cheguei na casa para falar com ela finalmente, ela estava dormindo, exausta, ela se levantou por volta das 10h, nunca dormia até essa hora, ela saiu e disse que não queria falar. Aí os filhos começaram a dizer: “Mãe, esse jornalista é bacana, veio lá de São Paulo, vai ser bom etc., mas demorou muito tempo até eu estabelecer uma empatia com ela. Tive que esperar o tempo dela, não forçar para a entrevista acontecer. Dali a pouco, naturalmente, ela foi se achegando, sentou-se e me deu a entrevista. Se eu pensasse “estou aqui para fazer meu trabalho” sem me solidarizar com ela acho que não teria conseguido fazer a entrevista como foi feita. Por isso não acho que o jornalista tem que ser neutro, frio, indiferente à realidade, tudo “no preto e no branco”.

Você foi compreensivo... Outra pergunta: Edvaldo Pereira Lima diz que o jornalista precisa ir a campo, mas depois fazer silêncio antes de redigir o texto. Dar tempo para o amadurecimento de tudo o que foi vivido. Você faz isso, ou o tempo curto não lhe permite?

— Eu sinto necessidade de decantar a história. Não consigo sentar e escrever, imediatamente. Até achava que era uma resistência ou falta de concentração chegar e fazer o trabalho. É preciso um tempo para a história maturar na sua cabeça para você encontrar o caminho para escrevê-la.

Dentre vários textos que li de sua autoria, gostei muito da história da Beatriz, o texto Contaminada pela vida. Você poderia contar como foi a produção dessa matéria?

— A gente definiu a pauta depois que vimos uma pesquisa do Ministério da Saúde dizendo que os casos de AIDS tinham reduzido, a sobrevivência aumentado, mas numa certa faixa etária, acima dos cinquenta, aumentou sensivelmente, principalmente em mulheres. Decidimos procurar uma mulher, idosa, portadora do HIV para escrevermos a matéria. Foi um pouco difícil encontrar. Mas um amigo meu que trabalhava num grupo de DST indicou a Beatriz, que já havia participado de alguns encontros. Aí eu fui para Porto Alegre numa quinta-feira, à tarde. Fui, fiz a entrevista na casa dela e voltei no mesmo dia. O prazo para eu terminar a matéria era sexta-feira à tarde. Eu me lembro que foi muito difícil. Foi uma das matérias que eu levei mais tempo pra achar um caminho. Chegou um momento, eu me lembro, por volta das seis da tarde, eu tinha que entregar o texto, estava meio em pane. Aí eu achei um caminho. Comecei a escrever e a coisa estava mais ou menos pronta. Aquele tempo que eu levei sofrendo, pensando, tentando achar uma maneira correta de escrever, sem banalizar a história, pois a Beatriz tem muita dignidade, fala de camisinha, sexo etc. Era uma história digna, de alguém que se apaixonou, casou-se com um homem para cuidar dela por causa da AIDS, mas que acaba sendo cuidado pela Beatriz, pois desenvolve um câncer e morre. Para mim aquele tempo com ela não foi em vão. Foi muito interessante. Eu cheguei num apartamento de classe média, com fotografias de netos, filhos, uma vovó que não tinha nada de maluca. Alguém que teve três homens na vida: um que lhe deu um filho, outro que lhe deu o HIV e outro que lhe deu amor e que foi seu grande amor. Beatriz não era uma mulher promíscua, mas uma mulher tranqüila.

para baixo. O desaparecimento do jovem guerrilheiro foi denunciado em júízo pelos presos políticos Genoino Neto e Dower Moraes Cavalcante. De acordo com os presos, Bergson teria sido morto a baioneta (www.opovo.com.br, acessado em 08/02/2010).

Alguém que encontrou na doença uma maneira de colaborar. Continua dando palestras, mesmo depois da morte do marido. O casal, durante as palestras, se beijava na casa e tomavam água no mesmo copo para demonstrar que a AIDS não se transmite dessa maneira. Eu passei a tarde com ela. Me lembro que durante a entrevista ela colocou sobre a mesa muita coisa que utiliza nas palestras; espalhou camisinhas de diversas cores. E assim nasceu o texto, um dos que eu gostei mais de ter feito.

Para finalizar, o que você acha deste intercâmbio entre a Academia e a Redação, a parceria entre pesquisa em jornalismo e produção de textos num grande jornal como o Estadão?

— Não é por acaso que eu cursei Ciências Sociais, já pensei um dia em fazer mestrado. Acho muito importante essa dimensão, porque a Redação é um ambiente muito exigente, muito estressante, que à vezes não deixa muito espaço para a reflexão. A pior coisa para um trabalhador, seja ele quem for, especialmente quem trabalha com o jornalismo, é você não ter reflexão sobre seu trabalho, não ter tempo para refletir sobre o que você faz. Então, eu acho que tudo o que se produz sobre o jornalismo fora da Redação é essencial. Acho que deveria haver mais troca, mesmo, porque, como o jornal é lido não só pelo leitor, mas também pela crítica, pelos que fazem o pensamento sobre a comunicação. Por isso penso que as pesquisas em comunicação precisariam ser mais divulgadas. Às vezes, o jornalista pensa de uma maneira ortodoxa e precisa de alguém com uma idéia mais arejada para lhe dizer que você está errado. Por exemplo, uma história curiosa. Certa vez questionaram Gay Talese sobre o que ele fazia era jornalismo, afinal de contas “como você pode ter escrito que o fulano de tal disse tal coisa e pensou tal coisa. Você estava pensando o que quando disse isso?”. Claro que isso pode ser jornalismo. Depende de quem faz. Se faz bem feito, da maneira correta. Se você tiver um paradigma muito convencional nunca vai prestar atenção neste tipo de coisa. Se disse ou se calou. Só não há espaço para a ficção. Os instrumentos literários ou instrumentos de percepção do mundo podem ajudar. Até que ponto? Talvez seja uma questão para ser discutida pelos pesquisadores. O que interessa para o leitor? O jornalista pode colocar suas impressões pessoais no texto? A subjetividade pode estar presente? É claro que o olhar de quem está lá determina como a realidade vai ser escrita. Temos que tomar cuidado para não distorcemos a realidade. Acho muito importante a integração entre Academia e Redação.

3. Entrevista: Fabiano Ormaneze⁸

Fabiano Ormaneze é formado pela PUC de Campinas em 2004. Pós graduado em Jornalismo Literário. Trabalhou em assessoria de imprensa, jornal impresso e produção editorial de livros em editoras. Mesmo quando fazia assessoria de imprensa seu foco eram as histórias de vida. Algo que desde a faculdade o interessou. Seu projeto de conclusão de curso foi um livro-reportagem sobre histórias de vida, *Vidas partidas*, histórias de mães que enfrentaram a morte dos filhos.

Quando você começou a trabalhar no Correio Popular?

— Estava na pós graduação. Recebi o convite para trabalhar no jornal. Comecei na coluna *Um rosto na multidão*. A coluna não tinha um titular, nem periodicidade. Hoje ela é publicada todos os sábados.

E a empresa?

— A Rede Anhanguera de Comunicação publica em Campinas os jornais *Correio Popular*, *Diário do povo*, *Notícias Já*, *a Gazeta do Cambuí*. Também o site *Cosmos on-line*. Também possui a *Gazeta de Ribeirão Preto* e a *Gazeta de Piracicaba*. Minhas matérias são quase todas para o *Correio*, sobretudo as matérias especiais publicadas aos sábados e domingos. O jornal circula em Campinas e nas dezenove cidades da região metropolitana.

Que espaço tem hoje o Jornalismo Literário e as histórias de vida em jornais impressos?

— Eu nunca tive problemas por escrever textos um pouco diferentes. Aliás, esse estilo é minha marca. No *Correio* já se sabe que meu estilo é esse. Não sofri nenhuma represaria por escrever no estilo Jornalismo Literário. Mas percebo que o estilo não é o que chama mais a atenção dos leitores, e sim as histórias de vida que conto. Talvez o estilo ajude, atraia, mas são os personagens quem cativam. Quanto mais ousado é o texto, mais tenho retorno dos leitores.

Qual a proposta da coluna *Um rosto na multidão*?

— A proposta não é falar de celebridades, de gente conhecida, mas de pessoas anônimas que fazem uma coisa diferente ou que tenha uma história de vida pitoresca, que chame a atenção, ou que tenha um trabalho de doação da vida, que sirva de exemplo para a sociedade. Essas histórias chamam a atenção dos leitores porque geram uma identificação. “É alguém anônimo como eu”, “alguém que eu conheço”, “que mora no meu bairro”. Outro aspecto: são histórias “boas” num jornal que traz notícias “ruins”, como todo jornal, apenas de o *Correio* não ser sensacionalista, voltado para o público A e B. As histórias de vida são como um momento de alívio para quem acabou de ler um fato violento que aconteceu na cidade ou na região. O jornal muitas vezes é árido e um texto mais suave ajuda o leitor a compreender melhor as coisas. Por exemplo: você lê uma matéria falando da fome e de repente se depara com um texto diferente, mostrando que existem pessoas lutando para matar a fome de outras. Isso mostra que a vida social não é só tragédia. Nós precisamos de exemplos para seguir. As histórias de vida alimentam a esperança das pessoas.

Quais são suas fontes para a descoberta de personagens?

⁸ Trabalha no jornal *Correio Popular*. Jornalista, pós-graduado em Jornalismo Literário, escreve aos sábados histórias de vida na coluna “Um rosto na multidão”.

— As formas como essas pessoas chegam são as mais variadas possível. Você tem desde um telefonema na redação, sugerindo uma história. A própria periodicidade da coluna *Um rosto a multidão* me ajuda a encontrar mais personagens. Outras pessoas ligam na redação para dar alguma informação e aí a gente descobri que por detrás daquele fato existe um ser humano. Exemplo: alguém liga dizendo que vai acontecer uma grande ceia para moradores de rua. Você começa a investigar e descobre que há uma pessoa organizada essa ceia, que sua história de vida é muito mais legal que o próprio evento em si. Isso acontece muito perto das datas comemorativas, como o Natal. Outra fonte é o próprio olhar do repórter. Às vezes você está em algum lugar e observa alguma coisa que lhe chama a atenção, uma pessoa, um acontecimento. Esse é o início talvez de uma boa história de vida.

A Eliane Brum faz muito bem isso.

— Exatamente.

Depois que você tem o personagem e a história, como você faz o trabalho de campo?

— Em 98% dos casos eu faço as matérias pessoalmente. Por telefone é em último caso mesmo. Eu vou ao encontro da pessoa. Por e-mail, não faço.

E seu relacionamento com o personagem. Como é?

— Acho fundamental ir ao lugar onde está a pessoa. Você indo ao lugar, você recebe tantas informações sobre a pessoa que por telefone você não consegue e por e-mail menos ainda. Porque o lugar em que a pessoa vive fala sobre ela. As coisas que ela possui, as pessoas ao seu redor, falam sobre ela. Você chega num lugar e procura pela pessoa e todo mundo a conhece, já demonstra que ela é popular. É preciso ouvir também as pessoas que convivem com o personagem de sua matéria. O relacionamento repórter personagem precisa ser entre o *Eu* e o *Tu*. Recentemente, fui fazer uma matéria com um casal que estava completando 80 anos de casamento. Aí eu fui até a casa deles, os dois estavam sentados, eu cheguei. Colocaram uma cadeira para eu sentar e estava longe deles. Decidi sair da cadeira e me sentei no chão para conversar com eles. Foi até engraçado, pois tenho metade da metade da idade deles, quando terminei, aquela senhora entendeu-me as mãos e me disse: “Você quer que eu te ajude a se levantar?” Ela se aproximou de mim. Criei uma empatia com ela.

Você percebe que seus textos levam as pessoas a terem uma nova visão da vida, da sociedade e do mundo?

— Sim. As histórias de vida podem transformar a vida das pessoas. Por exemplo: uma vez eu fiz uma matéria sobre a dificuldade que era das crianças com alguma deficiência terem acesso a brinquedos. É uma coisa muito difícil para uma criança cega, por exemplo, encontrar um brinquedo apropriado para ela. Fiz uma matéria sobre isso. Dois dias depois recebi um *e-mail* de uma pessoa que estava abrindo uma loja de brinquedos em Campinas e que, motivado pela matéria, decidiu abrir um pedaço da sua loja com brinquedos para crianças portadoras de deficiência, cegas, surdas, mudas, paralíticas etc. Nesse sentido eu penso que contar a história da criança que não tem brinquedo, não por que não tem dinheiro, mas por não ter acesso, por que não pensaram nela quando foram fabricar os brinquedos, provoca uma transformação. Acho que, se existe um jornalismo que transforma, esse jornalismo é o que conta boas histórias de vida. Procuro contar histórias que trazem bons exemplos para as pessoas, que possam servir de transformação. Mas não fico preocupado se transformou ou não. Eu planto as sementes.

Você utiliza a Jornada do Herói de Campbell na construção de suas histórias de vida?

— A jornada do Herói é uma estratégia extremamente válida para se escrever histórias de vida. Eu não sei se nos meus textos dá para você perceber ou identificar todas as etapas da jornada. A jornada é algo que tenho na cabeça. Quando a história de vida é de superação, de doação ao próximo, para mim está muito clara na entrevista a necessidade de investigar as etapas da jornada. Para mim esse esquema é muito claro. Mas, não necessariamente eu preciso utilizar a Jornada do Herói. Para certas histórias a jornada é muito interessante. Se a pessoa passou por um sofrimento e venceu, a Jornada do Herói é perfeita. Como disse, na entrevista utilizo a jornada. Na redação da história não me preocupo em seguir todas as etapas que a Jornada do Herói propõe. Eu gosto de deixar o texto fluir.

E as metáforas?

— Eu uso metáforas. Mas não posso criar uma metáfora que o meu leitor precise ficar pensando. Por outro lado, a metáfora não pode ser um clichê, aquela coisa desgastada. Muitas vezes a metáfora está nas próprias palavras do personagem. Esses elementos vão aparecer na história naturalmente.

Dimas Kunsch e nosso grupo de pesquisa na Cáspes Líbero propomos uma narrativa complexo-compreensiva. Uma narrativa que une, tece e entretece, que informa, mas transforma as pessoas, faz compreender e leva as pessoas a serem compreensivas. Você acha que o jornalista pode compreender melhor a realidade e ser mais compreensivo a partir de suas experiências no cotidiano?

— O jornalismo narrativo leva o jornalista a fazer imersão. Sempre vai haver um triângulo no trabalho: o repórter, o personagem e o leitor. Nesse triângulo geralmente acontece uma coisa interessante que é a identificação. Eu, como repórter, vou me identificar com aquela história, pois o personagem é um ser humano como eu, que passou ou passa por dificuldades. Obviamente o leitor vai se identificar com a história do personagem. Nesse triângulo acontece a transformação. Todos nós, repórter, personagem e leitor, somos tocados de alguma maneira. Passamos a ter mais respeito pelas diferenças, a ser mais humanos e mais compreensivos.

4. História de vida publicada pelo jornal *O Estado de S. Paulo*⁹

*Contaminada pela vida*¹⁰

Aos 60 anos e portadora do HIV, esta avó trabalha pela prevenção da AIDS na terceira idade

SÃO PAULO - Beatriz, 60 anos, teve três homens na vida. O primeiro deu a ela quatro filhos. O segundo contaminou-a com o vírus HIV. O terceiro foi seu único e verdadeiro amor. Gaúcha de Porto Alegre, ela nunca usou drogas nem foi infiel a nenhum de seus maridos. Entretanto, o perfil "careta", como ela própria define - tão distinto do que se costumava chamar "grupo de risco" da síndrome da imunodeficiência adquirida nos anos 80, quando a doença foi popularizada no Brasil pela voz aterrorizante de Hélio Costa no Fantástico - não a salvou das estatísticas da Aids.

A história de vida de Beatriz cabe no dado mais alarmante de um estudo divulgado essa semana pelo Programa Nacional de DST e Aids do Ministério da Saúde. Entre 1996 e 2006, a incidência da doença entre maiores de 50 anos mais que dobrou no País, passando de 7,5 para 15,7 casos por 100 mil habitantes. Cerca de 70% dos pacientes são do sexo masculino e 75%, casados, que freqüentemente acabam por contaminar suas mulheres - uma vez que, por questão de hábito geracional, menos de 20% dos brasileiros nessa faixa etária usam preservativo.

Educada nos rígidos padrões gaúchos, Beatriz emancipou-se como pessoa e como mulher a partir de encontros, decepções e tragédias entre as quais a Aids não seria a pior - e, bem ao contrário, estaria presente quando a vida lhe proporcionou uma experiência única e madura com o amor. Além disso, seria a doença também a conferir sentido existencial e profissional à advogada de hoje, defensora intransigente e bem-humorada do "direito ao amor da pessoa com Aids", como diz. Missão a que dedica quase tanto tempo e carinho quanto a seus três netos, Bibiana, de 12 anos, Bruna, 9, e Bernardo, 4.

Maria Beatriz Dreyer Pacheco, a Neca no apelido de família, estudou em colégio de freira e casou-se virgem no final da década de 50 com um rapaz vizinho de porta da família, escolhido por seu pai. "Eu tinha 19 anos", lembra-se, "e achava estranho o fato de que não se podia nem pegar na mão antes de assinar o papel. Depois, tudo ficava permitido." O tudo, no caso, não era lá grande coisa. Mas logo vieram os filhos, com suas alegrias, a diluir aquela vida "insípida, inodora e incolor", como definiria anos mais tarde. Certa noite, pouco antes das bodas de prata do casal, o marido, gerente da Caixa Econômica Federal, confessou estar diversificando sua carteira de investimentos: no caso, em uma moça 15 anos mais nova.

Mulher de família, mas com a faca na bota, Beatriz pôs o marido para correr no meio da madrugada. Recusou pensão alimentícia e pediu apenas que os bens do casal fossem para o nome dos filhos. Mas os tempos que vieram foram difíceis. "Eu era muito dependente", conta. "Fui criada de uma maneira que me fazia pensar que não seria nada sem o casamento." Desesperada, chegou a tentar o suicídio. Mas decidiu recompor a vida, a começar pelas

⁹ Esta e as duas histórias de vida seguintes, respectivamente dos jornais *Correio Popular* e *Gazeta do Cambuí*, foram eleitas para uma análise em profundidade (pp. 85-101), tendo em conta os cinco princípios estabelecidos pelo autor para essa análise: personagem, imersão, diálogo dos afetos, compreensão e transformação.

¹⁰ *O Estado de S. Paulo*, caderno *Aliás*, 30 de novembro de 2008, p. J8.

finanças. Foi quando conheceu, em 1991, aquele que viria a ser seu segundo marido. Outro gerente, dessa vez do Banco do Brasil.

"Ele me chamou e fez uma proposta bem de bancário: não era casamento, mas parceria. Tinha sido alcoólatra e sofria de cirrose hepática. Propôs ajudar a mim e a meus filhos se eu cuidasse dele." O contrato virou um relacionamento de afeto e respeito mútuos, que durou dois anos e meio, até a morte do parceiro por complicações de saúde. Com os filhos criados e aos 42 anos de idade, Beatriz decidiu que não havia mais lugar para homens em sua vida.

Isso até encontrar Carlos Antônio Aleixo, "o único de quem você pode publicar o nome, porque foi quem eu amei de verdade", em março de 1996, na sala de espera do Tribunal do Trabalho, em Porto Alegre. Ele era auditor fiscal, também tinha filhos e estava recém-separado. Simpatizaram um com o outro e, no meio da conversa, deram-se conta de que já tinham se conhecido, 30 anos atrás. "Você não é a Neca?", perguntou Carlos, que estivera na casa dos Pachecos quando era apenas um garoto de 14 anos e ela tinha 18. "Na hora, não me dei conta. Mas quando ele me telefonou, convidando para jantar, ouvi sua voz e senti um frio na barriga. Aí me dei conta de que estava gostando dele." O jantar foi no sábado. Segunda-feira, os dois já estavam morando juntos.

O ano que se seguiu foi maravilhoso para Beatriz e Carlos. "Vivi a sexualidade mais rica da minha vida entre os 50 e os 60 anos", conta ela. "Nossos filhos notavam quanto éramos felizes e nos chamavam de "envelhecetes", ri.

Foi em 1997 que ela começou a apresentar os sintomas. Uma infecção de pele persistente intrigou os médicos, até que um deles pediu a Beatriz, "só por segurança", que fizesse um exame de HIV. "Tive um acesso de riso, porque àquela época eu também associava a Aids à conduta moral das pessoas." No dia de buscar o exame, chegou a brincar com os colegas antes de ir ao laboratório: "Vou lá buscar meu diagnóstico de Aids".

Beatriz abriu o envelope na rua, a caminho de casa. "Quando li "reagente", primeiro interpretei que fosse bom sinal, de que minha saúde estava reagindo, veja só. Aí dei dois passos e estaquei. Era um dia de sol como hoje, mas tive a nítida sensação de que havia uma nuvem negra na minha cabeça." Como na maioria dos casos, é difícil determinar quando e como a infecção se deu exatamente. Beatriz acha que ela ocorreu devido às constantes transfusões de sangue feitas por seu segundo marido entre 1991 e 1992. "Ele não tinha nem saúde para me traír", acredita. "Fui infectada por causa de relação sexual desprotegida. Ponto."

A primeira reação de Carlos foi de fúria. Gritou que a culpa era dela, que ele era filho único, iria morrer e deixar sua mãe desamparada. De repente, empalideceu e desabou. Ela teve que chamar uma ambulância. "Tinha certeza de que seria abandonada", relembra. Mais calmo, Carlos disse que a amava, que os dois juntos fariam do limão limonada e enfrentariam o problema sem medo.

A primeira infectologista consultada por Beatriz deu-lhe 18 meses de vida. Perguntada sobre qual deveria ser a conduta do casal dali para frente - se podiam se tocar, se beijar, se era preciso separar as louças - a doutora limitou-se a dizer: "Sabe-se muito pouco sobre a Aids até hoje". Carlos submeteu-se ao exame, que, à época, levava quase 20 dias para ficar pronto. Deu negativo. Repetiu os testes 90 dias depois, com igual resultado: apesar de um ano de vida sexual freqüente, ele não estava infectado. Os dois eram um caso raro de casal sorodivergente. Carlos pediu desculpas a Beatriz e chorou de vergonha por tê-la acusado.

Os filhos começaram a se despedir dela. Uma ocasião os quatro repetiram com a mãe o passeio preferido de infância: foram ao circo juntos e comeram algodão-doce. Natal e aniversários foram celebrados como se fossem os últimos. O casal também enfrentou o drama junto. Nos primeiros quatro meses, Beatriz e Carlos tiveram que pagar o tratamento do bolso. "Gastávamos US\$ 2 mil por mês em medicamentos", conta ela, que precisou se endividar e teve um automóvel tomado pelo oficial de Justiça. Quando o coquetel antiaids foi descoberto e o Ministério da Saúde passou a fornecê-lo gratuitamente pelo Sistema Único de Saúde, a situação melhorou.

Os dois tiveram que redescobrir a vida sexual e aprender a usar camisinha. Também começaram um trabalho de militância contra o preconceito e pelo amor nos tempos de HIV. Beatriz fundou o Movimento Nacional das Cidadãs Posithivas, de prevenção e apoio aos infectados. Já em 1999, ela publicou no jornal do Gapa, Grupo de Apoio à Prevenção da Aids,

um artigo intitulado Nós, as HIVéias, que tocava no tema tabu da infecção de mulheres de meia-idade casadas. Dispensar a camisinha nas relações estáveis? Fazendo o exame antes, tudo bem, ensinava Beatriz, contanto que a proteção seja regra nas relações extraconjugais: "Se pular a cerca, traz a guampa (chifre, no dialeto gauchês) sem o HIV pendurado nela". Para mostrar que o contágio da Aids não se dá senão por via sexual ou transfusão de sangue, os dois faziam palestras durante as quais bebiam água do mesmo copo e eram invariavelmente encerradas por um apaixonado beijo na boca.

Tudo estava bem e o amor era mais forte do que a morte. A pior tragédia para Beatriz Pacheco, no entanto, ainda estava por vir. Em 2005, dirigindo para o trabalho, Carlos sentiu uma intensa dor abdominal. Tabagista inveterado havia décadas, teve diagnosticado um câncer de bexiga, em fase de metástase. "Ele sentiu muita revolta, não aceitava que nosso sonho não existiria e que ele estava morrendo", conta Beatriz, que teve mais dificuldade de se conformar com o diagnóstico do marido do que com o seu: "Havia um acordo informal entre nós de que eu morreria nos braços dele".

A agonia durou dez meses e Carlos definhou lentamente. Uma ocasião, disse a ela: "Ter Aids é fácil". Seu olhar era de raiva e desesperança. Já na UTI, fez um pedido a uma de suas filhas: "Diga à Neca para ela não sair daqui porque a morte tem medo dela". Após outra noite ao lado do amado no hospital, Beatriz saiu para tomar um banho e trocar de roupa. Foi o tempo de chegar em casa e o telefone tocar: Carlos tinha ido. Neca não estava, e a morte chegou.

O homem que enfrentava qualquer desafio e sempre sabia ver o lado bom das coisas não estava mais ali. Mais uma vez, Beatriz sofreu, mas não perdeu a alegria de viver: "Muita gente nem sequer teve um grande amor na vida".

5. História de vida publicada pelo jornal *Correio Popular*

*Casamento muito especial em Socorro*¹¹

O que se viu na última quinta-feira, na Igreja Matriz de Socorro (a 104 quilômetros de Campinas), foi uma cena para cerimonial nenhum colocar defeito. Maria Gabriela Demate, de 28 anos, como toda noiva, chegou um pouquinho atrasada, cerca de dez minutos, e já era esperada, com ansiedade, pelo noivo, Fábio Marchetti de Moraes, de 29 anos. A data também não foi escolhida por acaso: fazia um ano que Valentina, a filha do casal, nascera. Falando assim pode parecer uma história comum, com uma coincidência de datas. E realmente seria, se o casal não tivesse ficado conhecido desde a gestação da garotinha.

Maria Gabriela tem síndrome de Down e Fábio possui um pequeno atraso mental por causa de um problema na hora do parto. Em 19 de março do ano passado, Valentina nasceu sem nenhuma deficiência. A gravidez de mulheres com síndrome de Down é um fato raro: apesar de elas terem os órgãos reprodutivos bem formados, a taxa de fertilidade é menor, além de ser grande o risco de um aborto natural. A estimativa é de que haja, no mundo todo, pouco mais de 50 filhos de mães com Down.

Quando Valentina nasceu, na Maternidade de Campinas, começou um impasse que só foi solucionado três meses depois na Justiça. A menina teve o registro de nascimento negado, sob a alegação de que Fábio não teria o discernimento necessário para declarar, por si só, ser o pai, como prevê a legislação brasileira. A única saída seria registrá-la como filha de pai não declarado, o que ficou fora de cogitação pela família. Chegou-se a falar, inclusive, que seria necessário um exame de DNA, o que acabou não sendo necessário. A autorização para o registro foi concedida depois que Fábio foi ouvido por uma juíza. A garotinha, que começa a dar os primeiros passos, teve uma participação especial no casamento: no colo da avó e mãe da noiva, Laurinda, ela levou as alianças para o casal.

Sonho

Maria Gabriela sonhava com o casamento fazia tempo. Nos últimos anos, era comum encontrá-la na Praça Matriz de Socorro observando as noivas saírem da igreja. Depois do nascimento de Gabriela, ela passou a pressionar Fábio, a família e até o padre para que o casamento fosse realizado. “Ela dizia que eu estava enrolando”, contou o sacerdote Juzemildo Albino da Silva na cerimônia.

Noiva exigente, que dizia que queria “tudo como se fosse uma princesa”, Maria Gabriela fez questão de ter viagem de lua de mel. O casal partiu ontem à tarde para um hotel-fazenda em Águas de Lindóia (a 102 quilômetros de Campinas), onde ficará até amanhã. Enquanto isso, dona Laurinda vai cuidar de Valentina. “O casamento foi lindo, como nós todos sonhávamos. Foi o final feliz esperado para esta história”, disse a mãe da noiva.

O romance de Fábio e Maria Gabriela começou na infância, quando os dois já trocavam presentes na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae). O namoro sério teve início em 2005. “Foi tudo do jeito que eu sempre sonhei”, disse a noiva.

¹¹ *Correio Popular*, caderno Cidades, 21 de março de 2009, p. A12.

6. História de vida publicada pelo jornal *Gazeta do Cambuí*

*Que nem José*¹²

O nome não é de santo, mas o sobrenome sim: Antonio, o casamenteiro. Se bem que a profissão de Ilson está ligada a outra santidade, José. Tal como o carpinteiro de Nazaré, na Galileia, o de Campinas dedica sua vida, desde a época de menino, ao ofício com a madeira. Serra, lixa e enverniza. Na rotina de trabalho em construções, sejam elas de casas, prédios, escolas e até de igrejas, Ilson tem como fiéis escudeiros ferramentas de ontem, pouco utilizadas hoje, como serrote e uma plaina manual. Ele as mantém por um único motivo: pertenciam ao seu pai, Felício Verginelli, que morou seus 93 anos no Cambuí e fez fama como um dos melhores carpinteiros das redondezas. O pai já morreu, mas o filho ainda continua no ofício que, na próxima quinta (19), dia de São José, recebeu uma data especial de comemoração.

Na família Verginelli são sete carpinteiros. O estreado na profissão foi o próprio Felício. Ao invés de seguir a profissão do pai, um italiano que resolveu se firmar no Brasil como boiadeiro, o menino caiu numa carpintaria. Tinha apenas 12 anos. Aprendeu o ofício com Lombello, um profissional respeitado na época, morador do Cambuí, mas com oficina no Parque Industrial. Levou seus dois irmãos para o trabalho: Domingos e Geraldo. Ao lado do velho mestre, Felício atuou numa grande obra: a construção do telhado da Igreja Nossa Senhora das Dores, da Maria Monteiro. Era uma de suas prediletas: "Ele sempre contava que descia da altura do teto amarrado por cordas", lembra Ilson, com a plaina manual do pai nas mãos. "Esta deve ter mais de cem anos. Serve para dar forma arredondada à madeira".

Com o passar dos anos e das construções, o jovem aprendiz foi se tornando mestre. Sempre amparado por São José, seu santo de devoção (até hoje há uma imagem exposta num oratório na porta da casa da família Verginelli, no Cambuí). Na falta de auxiliares, já que não gostava muito de empregados, o velho carpinteiro trouxe os filhos para lidar com a madeira: Felício (já falecido), Izaldo, Ilson e Paulo. "Apenas eu e o Izaldo que demos continuidade na profissão", frisa.

Felício trabalhou até os 80 anos. "Ele nos acompanhava na obra ou, quando comentávamos de algum serviço, sempre queria nos ensinar a fazer". Só parou quando a vista começou a enfraquecer. Lúcido e elétrico, o velho carpinteiro revelava apenas para os filhos o segredo do sucesso da profissão de São José: inteligência para executar o madeiramento; agilidade para andar em cima dos telhados, e força, "tem que conseguir carregar as madeiras, né?".

Mesmo aposentado, Ilson não desgrudou das madeiras. Continua a tirar o pão de cada dia em obras. Ao contrário do pai, não quis levar o herdeiro para o seu ofício. Rafael foi para a área de exatas: fez matemática computacional, tirou a licenciatura para dar aulas, mas hoje é funcionário da Petrobras. "Ele nunca pisou numa obra. Nunca teve interesse", conta Ilson, que na juventude tentou prestar engenharia civil, mas não levou a ideia adiante. A carpintaria, gosta de afirmar, não é uma profissão fácil de se levar: "Judia muito da pessoa", reconhece. Por isso, não há carpinteiro que se preze sem nenhuma marca de corte ou sem protagonizar um tomo daqueles. "Meu pai, mesmo, caiu de uma altura de quase cinco metros. Ficou mais de um ano sem andar". Apesar dos contras, Ilson não troca a carpintaria por nada. Gosta dos desafios que a profissão proporciona. "Sempre faço coisas diferentes, porque nenhum telhado é igual ao outro".

¹² *Gazeta do Cambuí*, 13 de março de 2009, p. 7.

Carpinteiro x marceneiro

Para muitos, as profissões de carpinteiro e marceneiro são idênticas. Mas não: há muitas diferenças entre esses dois profissionais. A principal delas está na maneira de trabalhar a madeira. Enquanto o primeiro atua na confecção de coberturas, escadas, assoalhos e forros; o segundo dedica seu tempo a entalhar peças e construir objetos, como peças decorativas e até móveis. Geralmente, o carpinteiro é encontrado num canteiro de obras e serviços (sua atuação requer mais esforço físico), já o marceneiro, fica na bancada de sua oficina, uma vez que seu trabalho é mais delicado e pede muita paciência. Sem dúvida, o ofício da carpintaria pode ser considerado como um dos mais antigos do homem. Antigamente, era dividido em quatro áreas de atuação: naval, militar, civil e industrial. Não é à toa que o profissional desta área precisa ter noções de geometria e boa habilidade para lidar com a madeira maciça.

Dia de São José

A origem do Dia do Carpinteiro está ligada às comemorações de São José, pai de Jesus Cristo. Na verdade, o culto no dia 19 de março ao santo foi oficializado pelo papa Pio IX em 1870, data em que o religioso proclamou o esposo de Maria como o patrono universal da Igreja. Além de ser o padroeiro dos profissionais da carpintaria, o santo, tido como um dos mais populares entre os seguidores do catolicismo, é também patrono dos trabalhadores, dos pais, das famílias, da boa morte e da justiça social. Foi ele o responsável por passar as artimanhas da profissão com a madeira ao Messias. Antes de começar sua pregação, o próprio Cristo atuou ao lado do pai: "Não é este o carpinteiro, filho de Maria, e irmão de Tiago, e de José, e de Judas e de Simão?..." (Marcos 6:3). Na Paróquia São José, na Vila Industrial, há uma programação de celebrações e festividades dedicadas ao santo.

7. Simplesmente Mulata¹³

Domingos

O domingo era o único dia de descanso para Domingos. Ele passava a semana inteira pulando cedo da cama: cinco da manhã. Ia ao pasto, colocava o cabresto no seu burro e colocava-o na carroça. Passava o dia do canavial para o engenho e do engenho para o canavial. Transportava cana-de-açúcar que os empregados de seu pai, Marcelino, cortavam para a fabricação de aguardente e açúcar mascavo. No fim da tarde, ia para a cidade, Santa Rosa de Viterbo, interior de São Paulo, levar a produção do sítio. Era verão de 1935.

Domingos era baixo, magro como uma vara de anzol. Desde pequeno, convivia com um problema sério: um de seus braços era bambo, encostado sempre na perna. Sua mão direita, virada para trás, servia apenas para apoiar alguma coisa que a esquerda pegava. Mesmo assim, Domingos fazia todo o serviço que o pai lhe dava: enchia a carroça de cana e cortava lenha apenas com a mão esquerda. Teve que aprender a fazer tudo o que seus irmãos faziam, mesmo com a deficiência. Ele precisava se superar. Não adiantava ficar reclamando das dificuldades. Nem tinha tempo para isso. Precisava batalhar muito para dar conta de tanto serviço que o pai lhe ordenava, diariamente.

O jovem, aos dois anos, tivera paralisia infantil.

— *Na época, não havia muitos recursos. Os médicos fizeram de tudo para eu ficar curado. Mas... não foi possível. Fiquei assim, com o braço sem força e a mão virada para trás. Lembro-me como se fosse hoje: eu chorava ao ver meus irmãos brincando. Queria fazer a mesma coisa. Eles subiam em árvores para pegar filhotes de passarinhos. Saíam escondidos para a lagoa. Como era gostoso vê-los mergulhando nas tardes quentes do verão. Jogavam futebol. Caçavam cigarras para assustar minha mãe. Minha mãe se escondia e dava tudo o que eles pediam. Ela tinha pavor de cigarras! Ríamos sem parar. Mas minha mãe me segurava em casa.*

Assim, crescia Domingos. Ele foi aprendendo com as quedas que a vida lhe dava a ser resistente e corajoso para enfrentar os desafios. Em muitas situações superava o irmão. Ninguém enchia a carroça antes dele. Nem conseguia cortar mais lenha que ele. Só perdia quando o assunto era tirar leite, pois seu irmão puxava as tetas das vacas com as duas mãos e Domingos com uma só.

O sítio dos Coelho

Marcelino Coelho, pai de Domingos, homem severo, filho de imigrantes portugueses, além de cachaça e açúcar, produzia arroz, feijão, milho e mandioca para fazer farinha. Também, criava porcos, galinhas e bois. Tinha nove filhos. Dois homens e sete mulheres. O mais novo era Domingos. Contratara vários empregados para auxiliar na lavoura. A demanda era grande. Vendia a produção para os comerciantes da cidade e até para São Paulo. Uma vez por semana, levava pinga, café e açúcar para a estação da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, em Santa Rosa de Viterbo. Os trilhos passavam perto do sítio, em direção a Casa Branca.

O sítio dos Coelho era um dos mais importantes daquela região.

— *Havia escola para as crianças dos sítios vizinhos, igreja onde o padre celebrava missa uma vez por mês e telefone. Recordo, certa vez, em que houve missões na capela. Muitos padres ficaram hospedados em casa. Não podíamos dar um “piu” que minha mãe fazia cara feia. Eu era bem pequeno e tinha muita vergonha dos padres. Quando terminava a missa, eles jantavam em casa. Eu corria para o quarto e me escondia debaixo da cama. Meu pai ia lá com uma vassoura na mão e ficava me cutucando. “Sai já daí, moleque. Parece bicho do mato”. Minha*

¹³ História de vida, escrita pelo autor da dissertação, e publicada no livro *Jornalistas literários: narrativas da vida real por novos autores*, Summus Editorial, p. 275, organizado por Sergio Vilas Boas. Exemplo de narrativa complexo-compreensiva.

casa vivia cheia de gente. Meu pai era exigente demais, mas fazia o que podia para ajudar as pessoas — conta Domingos.

As casas do sítio eram simples, mas confortáveis. A maior era a de Marcelino. Fogão a lenha, fornos para assar biscoitos e bolachas, chão de cerâmica vinda de Tambaú, cidade vizinha, quartos com várias camas, e uma imensa varanda ao redor.

— *Eu gostava de ir num quarto bem grande que ficava no fundo da casa. Ali minha mãe escondia as pencas de banana que meu pai cortava até ficarem amareladas. Tinha de todo tipo, mas minha preferida era a ourinho, uma banana pequena, mais doce que o melado do engenho.*

Como Domingos era baixinho, quando ouvia os passos da mãe se aproximando da despensa, abaixava-se rapidamente e nem respirava.

— *Ah! Se ela visse alguém comendo as bananas sem ordem dela...!*

Os filhos iam se casando e ficando por ali. Marcelino jamais aceitaria um filho longe do ninho. Como as galinhas que ciscavam o dia todo em volta do paiol, queria sua prole debaixo das asas.

— *Meu pai construía uma casa por perto quando alguém se casava. Quem namorava meu irmão ou uma de minhas irmãs já sabia: ou ia morar no sítio ou não haveria casamento. Ele não aceitava ver os filhos longe de seu bigode. Controlava tudo!*

Domingos não via dinheiro nas mãos. Se precisasse de alguma coisa, pedia ao pai. E como era muito difícil convencer o velho português!

— *Ele era muito teimoso. Falava até a boca espumar. Minha mãe ficava a maior parte do tempo calada. Também, meu pai não dava folga para a garganta!*

Assim viveu Domingos até os vinte e um anos, quando conheceu Resplandina ou Mulata, como, carinhosamente, todos a chamavam.

Quando a viu pela primeira vez, sentiu uma coisa muito estranha: seus horizontes se ampliaram. O sítio tornou-se uma pequena estrela no oceano celeste. Os sentimentos mais escondidos no convés da alma vieram à tona. Domingos percebeu que Mulata seria sua bússola.

O encontro

Mulata não tinha mais o pai perto de si. Havia morrido com queimaduras na maior parte do corpo. Bebia demais. Até que, depois de uma briga com a mulher, pôs fogo na casa de taipa. A mãe de Mulata conseguiu tirá-la do meio das chamas e fugir para a cidade. A viúva arrumara outro marido e deixara a menina, ainda pequena, sob os cuidados de Maria Antônia, a madrinha, dona de pensão na cidade. Servia refeição para as moças que vinham de outros lugares para estudar em Santa Rosa de Viterbo.

Na pensão da madrinha, Mulata foi colocada na cozinha. Fazia de tudo: picava cebolas, descascava alho, fritava batatas e cozinhava carne. Com apenas quatorze anos, passou a tomar conta da cozinha. Maria Antônia era exigente e implicante. Fiscalizava cada detalhe do serviço da afilhada. E aí se alguma coisa estivesse fora do lugar!

Quando tudo parecia encaminhado na vida de Resplandina, a mãe foi atrás dela. Queria que a filha a acompanhasse para Cravinhos, região de Ribeirão Preto. A mãe e o padrasto se mudariam para lá. Mulata resistiu, mas não adiantou. Chorou, gritou:

— *Eu não quero!*

Mas foi.

E não deu certo. Morou em Cravinhos alguns meses. A menina ficava em casa sozinha, cuidando de tudo, enquanto a mãe e o padrasto trabalhavam. Ganhavam muito pouco na roça e Mulata foi emagrecendo a cada dia, pois a comida era pouca para três pessoas. A mãe quis então que ela voltasse para a pensão da madrinha, mas Maria Antônia disse:

— *Não. Já ajudei demais.*

Mulata ficou sem saber para onde ir.

Enquanto isso, Domingos puxava seu burro para lá e para cá. Às vezes, encontrava a professora da pequena escola que Marcelino instalara no sítio, em parceria com a prefeitura. Não imaginava, porém, que aquela professora levaria sua futura Mulata para morar na escola, onde, além da sala de aula, havia uma casa simples, mas confortável.

Maria Antônia conhecia a professora do sítio de Marcelino e lhe implorou para levar a afilhada para morar com ela.

— *Ela sabe fazer de tudo. Cuida da cozinha melhor que eu. Eu garanto. Também é muito educada.*

A professora aceitou.

Domingos passava perto da escola várias vezes ao dia. A janela de madeira da casa permanecia sempre aberta. Mulata gostava de ficar ali, espiando o movimento, enquanto o fogão a lenha cozinhava o arroz e a polenta. O carroceiro foi atraído pelo olhar da jovem Mulata, que tinha olhos de jabuticaba. Foi o começo de um amor perene. Eles não imaginavam que esse sentimento duraria setenta anos e traria ao mundo nove crianças.

Marcelino logo percebeu que Domingos queria ficar perto de Mulata. Quando o rapaz desarreava o burro e guardava a carroça debaixo do paiol, tomava um banho apressado para beirar a escola.

— *Eu não quero esse namoro, viu Domingos!!!* — berrava o pai, mais alto que o touro do sítio.

O rapaz parecia um corisco. Corria do pai, pois o velho percebera seu coração enfeitiçado pela linda Mulata.

Marcelino não aceitava o namoro porque Resplandina não tinha pele branca. Além do mais, o pai morrera embriagado e a mãe era amasiada. Um escândalo!

— *Meu pai achava que Mulata não merecia ser da família. O que seria de mim com uma pessoa daquele jeito?*

Domingos sofria. Marcelino não tirava o olho dele. Quando não, mandava um dos filhos sondar se o rapaz estava conversando com Mulata na escola.

Apesar da perseguição do pai, Domingos insistiu no namoro, que durou dois anos. Timidamente, um olhava para o outro e riam. Acenos de mãos. Olhares desconfiados. Romance puro, como o beijo dos joões-de-barro.

A perseguição foi tanta, que Marcelino mandou Mulata de volta para a pensão na cidade. Foi falar com Maria Antônia e obrigou-a a acolher a afilhada em Santa Rosa de Viterbo.

Domingos ficou com a alma nublada. Um dilúvio, maior que o de Noé, caiu na sua casa interior.

O padre com o nome de filósofo

E o tempo foi passando...

Domingos teve uma idéia: sair bem escondidinho do pai e ver a Mulata. Arreou o burro, colocou sua melhor roupa e logo estava batendo na janela de madeira da pensão. A rua estava completamente vazia. A noite não tinha estrelas. Mulata abriu a janela e mostrou os dentes mais brancos que roupa alvejada. Eles se beijaram no rosto. Tudo parecia bem. Até que....

— *Mulata. Você está vendo o que eu estou vendo?*

— *Sim.*

— *Tem alguém sondando a gente.*

— *Psii! Quieto! É o padre Sócrates. Ele é nosso vizinho e muito bravo.*

O padre Sócrates tinha uma barriga como de elefante. Domingos tentou esconder o rosto com a aba do chapéu.

Todo final de semana era assim: Domingos e Mulata namorando na janela, e o padre espiando com olhar de censura. Até que, numa noite de lua cheia, o padre chamou os jovens:

— *Mulata, vem aqui com seu namorado.*

Domingos aproximou-se com as pernas bambas.

— *Você é filho do Marcelino, não é?*

— *Sim, padre.*

— *Quero conversar com ele aqui na casa paroquial, no domingo que vem, depois da missa. E você vem também. Certo?*

— *Sim, padre!* — respondeu, querendo esconder a cabeça dentro do paletó.

O domingo chegou logo para Mulata e Domingos. Eles pensaram que seria o fim de tudo.

Na casa paroquial, Marcelino ficou em frente do padre Sócrates.

— *Chamei você aqui, Marcelino, porque há muito tempo observo o namoro do seu filho com a Mulata, minha vizinha. Eu acho que você deveria fazer o casamento deles. Eles se amam demais. Parecem dois querubins conversando na janela do céu. É um namoro santo. Eu garanto!*

Marcelino falava o que vinha na boca:

— *Essa moça, padre, não serve para o meu filho. O senhor sabe a história do pai dela. Bebia mais pinga que água. A mãe dela é amigada. Ela também não é da nossa cor.*

— *Mas, Marcelino, eu conheço a Mulata desde quando ela veio para a pensão da madrinha. Ela é uma excelente pessoa. Não falta da missa, é trabalhadeira. E o que é mais importante, ama seu filho apesar do problema no braço dele* — disse o padre.

O sitiante encheu os olhos de lágrimas. O padre tinha razão.

Chegou o dia 5 de fevereiro de 1937. Mulata de noiva, Domingos de terno, gravata e bigode aparado. Padre Sócrates no altar e, depois da bênção, os jovens com a aliança no dedo. Não houve festa. Apenas um jantar para os padrinhos.

A lua de mel aconteceu numa das casas da fazenda, preparada com zelo por Marcelino para ser a morada do filho.

— *Mobília simples. A coisa mais chique que meu pai deu pra gente foi um rádio que ocupava quase a sala inteira.*

Naquela primeira noite, Domingos sentou-se num banco de madeira que Maria Antônia doara para a afilhada. Ligou o rádio para saber as notícias do governo. Mulata arrumava o quarto e guardava os poucos presentes nas prateleiras da cozinha. De repente, ele gritou:

— *Mulata, vem aqui! Corre! Depressa!!!*

É que o rádio estava fazendo uma homenagem à noiva, tocando o sucesso de Lamartine Babo:

O teu cabelo não nega mulata porque és mulata na cor.

Mas como a cor não pega mulata, Mulata eu quero o teu amor.

Tens um sabor bem do Brasil. Tens a alma cor de anil.

Mulata mulatinha meu amor. Fui nomeado teu tenente interventor.

Quem te inventou meu pancadão teve uma consagração.

A lua te invejando faz careta porque mulata tu não és deste planeta.

Quando meu bem vieste à terra Portugal declarou guerra.

A concorrência então foi colossal. Vasco da Gama contra o batalhão naval.

Mulata pulou nos braços de Domingos e, antes do primeiro beijo, ela disse:

— *Quem mandou a rádio tocar essa música para mim?*

Domingos sorriu:

— *Foi Deus!*

Abraçaram-se fortemente. Nunca haviam se abraçado. Lábios tocaram-se inseguros.

— *Eu amo você, minha Mulata.*

— *Vamos dormir?*

Foi a primeira das vinte e cinco mil, quinhentas e cinquenta noites que dormiriam juntos.

O conflito chegou logo

Marcelino queria que o filho, depois de casado, continuasse trabalhando com a carroça da fazenda, levando a produção aos mercados e à estação de trem de Santa Rosa de Viterbo. Mas, Domingos, com vida nova, queria uma vida nova também no trabalho. Seu pai não lhe deu outra opção:

— *Ou você trabalha com a carroça ou vai embora daqui.*

Ele bateu o pé e não aceitou a proposta.

Ao ouvir o “não” do filho, Marcelino expulsou-o do sítio. O pai lhe deu prazo curto para se retirar: uma semana.

Antes de o sol separar-se da montanha, Domingos saiu para pedir serviço num sítio vizinho, onde muitos machadeiros cortavam e transportavam lenha. Deram-lhe uma área para desmatar. Pagariam por metro cortado.

O jovem trabalhou apenas um dia. Cortara muitos metros de lenha. Mas, seu pai, vendo seu sofrimento, passou por debaixo da cerca, arrependido.

— *Filho, volte para casa. Eu preciso de você. Sem sua carroça, meu serviço não anda. Volte!*

Domingos, com lágrimas nos olhos, deixou a lenha cortada sem amontoar, subiu na carroça e, em poucos minutos, amarrou o burro na cerca de madeira, próxima ao paiol. Marcelino era bravo, como um cavalo que ainda não usou cabresto. Mas, ao mesmo tempo, parecia um pelicano, capaz de alimentar os filhos com a carne do próprio coração.

Marcelino deu um pedaço de terra para o filho plantar, colher, vender e criar sua família. Assim, Domingos foi desenvolvendo seu trabalho. Marcelino só exigiu uma coisa: o filho não podia parar de puxar a cana para o engenho. Essa era a paga pela terra recebida.

Como Domingos queria dar um futuro melhor para a esposa, passou a trabalhar ainda mais. Não reclamava. Afinal, no pedaço de terra, cedido pelo pai, o milho havia brotado com as primeiras chuvas da primavera. Muitas galinhas com pintinhos circulavam em volta da casa. E até que o porquinho caipira crescesse, no chiqueiro improvisado debaixo da mangueira, Mulata usaria a gordura e a carne que ficavam armazenadas numa lata de vinte litros, no canto da cozinha, doação de Marcelino. Além disso, em cima do fogão, Mulata improvisara um varal de arame. Quem chegava ali, não via o arame, mas lingüiça e pele de porco penduradas.

A liderança de Mulata

Ano a ano nascia uma criança na casa. Domingos só pensava em trabalhar. Saía cedo e voltava quando o escuro como o breu revelava a presença da lua. A esposa rezava o terço todos os dias. Colocava os filhos ajoelhados no quarto. Rezavam por volta das quatro da tarde. As crianças brincavam muito em volta da casa e ficavam bravas quando a mãe as chamava.

No quarto do casal, havia um pequeno oratório de madeira com uma imagem de Nossa Senhora Aparecida. Na época do Natal, montavam o presépio embaixo do oratório.

Mulata era exigente. Conduzia os filhos apenas com o olhar. Domingos era amoroso com as crianças. Colocava as menores sentadas nos pés e ficava balançando-as. Mas, achava que a esposa estava certa:

— *Filho é a melhor coisa do mundo, mas se for obediente.*

Depois do jantar, Mulata e Domingos pegavam espigas de milho, colocavam numa vasilha, davam-se as mãos e iam ao mangueirão jogar para os porcos e galinhas. Ficavam ali conversando e namorando.

Todos dormiam às oito da noite e levantavam-se depois do canto do galo, porque, apesar de as crianças estudarem na escola do sítio, tinham que pular cedo da cama.

— *Deus ajuda quem cedo madruga* — dizia Mulata.

Mulata organizava o trabalho da casa com todos os filhos. Cada um tinha um serviço. Eles buscavam água numa mina perto do engenho. Tomavam banho de bacia. Havia um barril na cozinha e as crianças tinham a tarefa de enchê-lo, todos os dias. Se desobedecessem, a mãe batia sem dó. Todos tinham muito medo dela. Mulata fazia as roupas das crianças com sacos de açúcar e as tingia. Eram nove filhos: José Maria, Maria José, Maria Eugênia, Luiz Antônio, Sebastião, Maria Olívia, Marcelino, Maria Regina, Antônio Carlos.

A primeira de muitas mudanças

Domingos trabalhou durante muitos anos no sítio do pai, depois do casamento. Mas, qual filhote de pássaro empenado, chegara a hora de alçar vôos mais altos. Pensava que, na cidade de Santa Rosa de Viterbo, a vida seria melhor que na roça, com maiores possibilidades e menos monotonia. As crianças cresceriam e arrumariam um bom emprego. Na cidade também existiam mais recursos médicos. Seu pai falava que isso não daria certo. Mas, Domingos teimou. E o pai tinha razão.

A família de Domingos Coelho permaneceu em Santa Rosa de Viterbo por apenas cinco meses.

— *Na cidade não havia fartura como no sítio. Na roça, a gente criava galinha, plantava mantimentos, colhia frutas de todo tipo. Não vou mentir: em Santa Rosa, a barriga roncava e muitas vezes a panela estava vazia* — confessou Domingos.

Voltar para o sítio do pai não dava mais. O serviço diminuía demais com a mudança dos seus irmãos casados para outras cidades e fazendas da região. Para agravar a situação, Marcelino e a esposa, já velhos, não conseguiam mais manter tantos empregados. O engenho estava desativado. Não existia mais cana-de-açúcar. A escola fora fechada. Na igreja, não havia mais missa, pois os moradores dos sítios vizinhos deixaram também a terra.

Não demorou muito tempo para Marcelino fechar os olhos para este mundo.

Domingos mudou-se para um sítio no município de Casa Branca. A esperança que tinha no coração era semelhante a fênix: capaz de renascer das cinzas. Plantou algodão, milho e feijão.

— *Deus me abençoou.*

Foi uma colheita que deixou todo mundo com brilho nos olhos.

Mas a alegria duraria pouco. No fim do ano, José Maria, o filho mais velho, veio visitar Domingos. O moço, já casado, mudara-se para o Paraná. Chamou o pai e toda a família para melhorar de vida. Domingos tinha um bom dinheiro ganho na colheita.

— *Fiquei entusiasmado. Iludido. E fui.*

Mulata, o marido e os filhos solteiros permaneceram apenas vinte e três dias em Arapongas, no Paraná. Era tudo propaganda enganosa. O clima era bem diferente. Estava muito frio. Mas nunca Domingos pensara que estaria entrando em tamanha fria.

Na fazenda, havia um cafezal com milhares de pés.

— *Os grãos estavam todos vermelhinhos, quase no ponto da colheita.*

Ele teria uma boa porcentagem quando o café fosse colhido e vendido. Mas, aconteceu algo inesperado. Numa manhã, Mulata levantou cedo para coar o café e percebeu que a plantação estava debaixo de gelo. Havia caído uma forte geada durante a madrugada.

— *Não sobrou nenhum pezinho de café.*

Secara tudo. Era preciso serrar pé por pé, esperar a brota, o crescimento dos galhos, as flores e, enfim, os grãos vermelhos para colher. Demoraria mais de um ano.

Domingos desanimou. Arrumou um caminhão, ajeitou as tralhas, botou a família dentro e voltou para Casa Branca, em busca de uma nova oportunidade.

Depois de receber tantos açoites da vida, Domingos sossegou. Ficou no mesmo sítio em Casa Branca, com a família, até se aposentar com um salário mínimo. Aposentado, decidiu trocar o campo pela cidade. Mulata achou arriscado. Lembrou-se da péssima experiência de anos atrás, quando se mudaram para Santa Rosa de Viterbo. Concordeu para não desanimar o marido.

O burro e a carroça não conseguiram aposentadoria

Em Casa Branca, Domingos e Mulata alugaram uma pequena casa num bairro chamado Vila Industrial: cozinha e sala juntas, banheiro, quarto e varanda. Para manter laços com o passado, construíram um fogão a lenha na cozinha. Penduraram algumas fotos amareladas nas paredes e uma do papa João Paulo II.

E os filhos?

— *Todos estavam casados e tinham a sua vida.*

Viver com a aposentadoria estava sendo difícil.

— *Também, não conseguia ficar parado. Graças a Deus eu ainda tinha um animal e minha carroça.*

Mas fazer o quê? Domingos pensou... pensou e surgiu uma luz. Andando pelo bairro, viu um depósito de ferro velho. Ele foi até lá. O dono disse ao aposentado que uma coisa que dava dinheiro era papel e que quase ninguém catava na cidade.

Mulata apoiou a idéia.

No outro dia, pela manhã, Domingos arreou o burro, subiu na carroça e desceu para o centro de Casa Branca. Várias lojas colocavam caixas de papelão na rua. Ele parava, descia, pegava

caixa por caixa, abria-as e ia colocando na carroça. Aos poucos, foi ficando conhecido nas ruas e muitos passaram a guardar papelão para ele.

— *Enchia tanto a carroça que as pessoas riam e brincavam comigo. Mas dava um bom dinheirinho. Pagava o aluguel, comprava remédio, pão, leite e outras coisas.*

Domingos passou a ganhar um pouco mais com papelão quando começou a pegar sacos vazios de cal e cimento, nas casas em construção. Dava até duas viagens por dia com a carroça abarrotada. De repente, apareceu uma tosse quase incontrolável.

— *Precisa parar com isso, pai. Essa tosse é por causa do cimento e da cal que sobram nas embalagens que o senhor carrega* — diziam os filhos.

Mas ele não aceitava palpites em seu trabalho.

— *Sei o que estou fazendo. Essa tosse é por causa da poeira aqui do bairro.*

Os problemas de saúde foram aumentando, assim como a idade. Domingos já tinha mais de oitenta anos e a força dos braços estava minguando, como as águas dos rios no inverno. Teve que parar. Mas Mulata deu-lhe ânimo e coragem para vender a carroça e o burro. Ele precisava descansar. Foi a maior tristeza que o velho sentiu em toda sua vida.

O começo do fim

Certo dia, Mulata, cabelos brancos como as flores do cafezal, passou mal no quarto. O esposo gritou. A filha, Maria Regina, que morava na casa ao lado, correu. Ela desmaiara. Perdera os sentidos. Foi levada ao hospital. Começava ali o seu calvário.

Depois de alguns exames, Domingos levou a esposa para casa. Ela parecia estar melhor. Mas logo começaram a perceber que ela andava esquecendo facilmente as coisas. Confundia os nomes dos filhos. Chamava Marcelino de José Maria e Maria Regina de Maria José. Isso aumentava dia após dia. Levaram-na ao médico e o diagnóstico: Alzheimer.

Domingos, em pouco tempo, tornou-se Cirineu. Sua Sexta-feira da Paixão duraria três anos e três meses. Ficava com Mulata noite e dia. Ao lado da cama, num pequeno quarto, numa pequena casa, dedicava à esposa todo amor do mundo.

Mulata não falava. Não o reconhecia mais. Mas, Domingos cuidava dela. Dormia ao seu lado. Bastava dar um suspiro diferente e o velho companheiro corria para acudir. Mulata definhava e Domingos definhava junto. Não desgrudava dela.

O dia da despedida chegou: 14 de dezembro.

O último beijo

Domingos ficava em volta da cama o tempo todo. Mulata perdera a voz, depois de um ano lutando contra a doença. Não conhecia mais ninguém. O marido conversava com ela, mesmo não obtendo resposta.

— *Você está olhando para mim? Você me ama? Você está com fome?*

Os filhos pediam para o pai sair do quarto para descansar, mas ele desobedecia.

Mulata ficou quinze dias internada na Santa Casa de Misericórdia de Casa Branca antes de morrer. Todos os dias, Domingos ia vê-la. Lá, chorava o tempo todo, segurando nas mãos da esposa e falando com ela. Antes de sair do quarto, beijava-a e chorava copiosamente.

No dia da morte da esposa, Domingos estava na cozinha. Era por volta das sete da manhã. A enfermeira que cuidava dela mediu a pressão e viu que tudo estava parado. Chamou o médico, mas Mulata havia morrido. Domingos correu ao quarto. Soluçava. Não acreditava. Saiu para a cozinha e tirou a fotografia da mulher que estava pendurada na parede. Abraçou-a e chorou. Dizia:

— *Mulata, fique calma. Logo estarei aí com você. Já estou chegando, viu?*

E beijava a fotografia.

Mulata fora embora, deixando seu companheiro com as lembranças de setenta natais e setenta carnavais. Setenta anos de convivência, lágrimas e sorrisos.

Hoje, Domingos senta-se na velha poltrona da cozinha. O fogão a lenha está apagado. O chão de vermelhão não brilha com o mesmo brilho do escovão da Mulata. Ele fala devagar, mas o pensamento corre veloz. Viaja de 2007 a 1930 mil vezes mais rápido que a águia saltando do

penhasco. Domingos é Águia, voando solitário nos penhascos da solidão. O vento da morte desmanchou o ninho onde ele pousava ao chegar a noite. A saudade está secando as águas cristalinas do amor, que há setenta anos correm pelas fendas do seu coração.

Os olhos úmidos de Domingos esperavam sementes de flores. Mas a semeadora, sua Mulata, partiu, levando a esperança para um lugar bem longe. Ele não sabe medir a distância que os separa, mas sabe que Mulata está viva em algum lugar, toda enfeitada para a sua chegada!